

MEDITAÇÕES *ADVENTO*



EDITADO POR 

MEDITAÇÕES ADVENTO

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Advento

1. I domingo do Advento (Ciclo C)
2. I domingo do Advento (Ciclo A)
3. I domingo do Advento (Ciclo B)
4. Segunda-feira da I semana do Advento
5. Terça-feira da I semana do Advento
6. Quarta-feira da I semana do Advento
7. Quinta-feira da I semana de Advento
8. Sexta-feira da I semana do Advento
9. Sábado da I semana do Advento
10. II domingo do Advento (Ciclo C)
11. II domingo do Advento (Ciclo A)
12. II domingo do Advento (Ciclo B)
13. Segunda-feira da II semana do Advento
14. Terça-feira da II semana do Advento
15. Quarta-feira da II semana do Advento
16. Quinta-feira da II semana do Advento
17. Sexta-feira da II semana do Advento
18. Sábado da II semana do Advento
19. III domingo do Advento (Ciclo C)
20. III domingo do Advento (Ciclo A)
21. III domingo do Advento (Ciclo B)

22. Segunda-feira da III semana do Advento
23. Terça-feira da III semana do Advento
24. Quarta-feira da III semana do Advento
25. Quinta-feira da III semana do Advento
26. Sexta-feira da III semana do Advento
27. IV domingo do Advento (Ciclo C)
28. IV domingo do Advento (Ciclo A)
29. IV domingo do Advento (Ciclo B)
30. 17 de dezembro
31. 18 de dezembro
32. 19 de dezembro
33. 20 de dezembro
34. 21 de dezembro
35. 22 de dezembro
36. 23 de dezembro
37. 24 de dezembro

I domingo do Advento (Ciclo C)

Reflexão para meditar no I domingo do Advento (Ciclo C). Os temas propostos são: recomeçar todos os dias; apoiados na graça de Deus; converter-nos, confiados na Sua ajuda.

Sumário

- Recomeçar todos os dias
- Apoiados na graça de Deus
- Converter-nos, confiados na Sua ajuda

INICIAMOS hoje o tempo do Advento, alguns dias de espera porque sabemos que a vinda de Jesus está próxima. A liturgia deste domingo convida-nos a considerar a nossa vida perante esta chegada do Senhor: «Despertai, Senhor, nos Vossos fiéis, a vontade firme de se prepararem, pela prática das boas obras, para irem ao encontro de Cristo, de modo que, chamados um dia à Sua direita, mereçam alcançar o reino dos céus»^[1]. Toda a nossa existência é um tempo de espera até àquele grande dia em que Jesus virá para nos levar para junto de Si. Portanto, como preparação para esse encontro, a sabedoria da Igreja faz-nos suplicar a Deus um desejo maior de fazer o bem.

No Evangelho de hoje, ouvimos dos lábios de Jesus: «Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima» (Lc 21, 28). Deus deixou-nos em herança este nosso mundo, quer que nos dediquemos a cuidar dos Seus, anima-nos a semear o bem nas nossas vidas e à nossa volta. Algum dia – não sabemos quando – o Senhor voltará. Que alegria daremos ao coração de Cristo quando, naquele dia, sairmos ao Seu encontro! Até que chegue essa hora, devemos estar vigilantes, porque não sabemos nem o dia, nem a hora.

Diante de Jesus, podemos pensar na confiança que Deus tem em nós ao fazer-nos participantes da Sua missão. Este Advento pode ser uma boa

ocasião para considerar as tarefas que o Senhor nos deu e ver como as estamos a cumprir. Talvez, juntamente com a gratidão por tantas alegrias, reconheçamos que deixamos alguns aspetos de lado. Hoje podemos decidir-nos a recomeçar nesses pontos, seguindo o conselho que muitas vezes S. Josemaria dava: «Recomeçar? Sim, recomeçar. Eu –imagino que tu também– recomeço cada dia, cada hora, de cada vez que faço um ato de contrição, recomeço»^[2].

«VIGIAI E ORAI em todo o tempo» (Lc 21, 36). Pode parecer-nos que a exortação do Senhor no Evangelho de hoje tem um tom demasiado urgente. Mas não é esta a verdade? A vida é curta, o tempo passa muito depressa e pode acontecer que, devido ao ritmo frenético com que muitas vezes vivemos, alguns aspetos centrais da nossa existência fiquem em segundo plano. O Senhor quer estar connosco, quer que não O esqueçamos, e por isso nos chama continuamente. O convite para vigiar é uma expressão dessa vontade de Deus; é uma maneira de nos despertar se estivermos espiritualmente adormecidos ou distraídos por uma série de coisas imediatas que parecem mais importantes. Jesus convida-nos a saborear o essencial novamente.

«Vigiai!». O Senhor chama-nos amorosamente a renovar os nossos desejos de santidade, a voltar para Deus o que for necessário. E S. Paulo, na segunda leitura da Missa, recorda-nos que esta obra da nossa santidade não depende apenas dos nossos esforços, do nosso empenho, mas que é uma obra de Deus: «O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos, tal como nós a temos tido para convosco» (1Ts 3, 12).

A ajuda divina foi-nos concedida. Fomos enriquecidos com ela. Jesus chama-nos à comunhão e, surpreendentemente, Ele mesmo Se nos oferece como um dom para alcançar essa nova vida. Enquanto nos preparamos exterior e interiormente para o nascimento do Menino Jesus, podemos considerar estas verdades. O Senhor deseja encher-nos com a Sua graça: com o Seu amor, misericórdia, ternura, humildade, fortaleza, ciência... Este tempo de Advento, tempo de espera, é uma oportunidade para nos abirmos

a essa graça, para acolhê-la de todo o coração. Assim, virá à tona a nossa melhor versão, o melhor eu de cada um de nós.

A NOSSA VIDA é um dom maravilhoso de Deus. Durante o Advento, um tempo de graça especial, a Igreja recorda-nos repetidamente esta verdade: Deus vale mais do que outras coisas que sufocam ou reduzem o amor, coisas que no fim de contas ferem e desagradam. «Numa sociedade que pensa muito no bem-estar, a fé ajuda-nos a elevar o olhar e descobrir a verdadeira dimensão da nossa própria existência. Se formos portadores do Evangelho, a nossa passagem nesta terra será fecunda»^[3]. Elevar o olhar; redescobrir a verdadeira dimensão da nossa vida; deixar rasto e ser fecundos na nossa passagem por esta terra. Esse pode ser um bom programa para o Advento. Desejando que se faça realidade em cada um de nós, podemos pedir ao Senhor com as palavras do Salmo: «Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos, ensinai-me as vossas veredas» (Sl 25, 4).

A conversão é antes de mais uma graça: é luz para ver e força para querer. Desejamos olhar a face de Deus para que nos salve. Sabemos que os nossos limites não nos determinam e que, em vez disso, o nosso apoio é a força infinita de Deus. Senhor, pomos a nossa confiança em Ti. Precisamos de Lho dizer, porque Deus respeita muito a nossa liberdade e espera que O deixemos participar na nossa vida. Se Lho pedirmos, se deixarmos nas Suas mãos as tarefas mais difíceis e nos empenharmos em realizar as que estão ao nosso alcance, temos a certeza de que nos dará a Sua luz e a Sua força.

Conhecendo quem é o nosso Senhor e o seu conselho para estarmos em vigília, queremos manter essa disposição de amor, também quando por vezes o cansaço está presente nos nossos dias. Contamos com a presença de Maria: Ela soube viver numa espera vigilante os meses de gestação do Senhor e saberá manter-nos despertos e alegres, recomeçando de cada vez que seja preciso, até à chegada do nosso Jesus

NOTAS

[1] Missal romano, I Domingo do Advento, oração coleta.

[2] São Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edição crítico-histórica, p. 143.

[3] Fernando Ocáriz, artículo “*Luz para ver, força para querer*”, artigo publicado no Jornal *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 3.

I domingo do Advento (Ciclo A)

Reflexão para meditar no I domingo do Advento (Ciclo A). Os temas propostos são: recomeçar cada dia; apoiados na graça de Deus; converter-nos, confiados na Sua ajuda.

Sumário

- Recomeçar cada dia.
- Apoiados na graça de Deus.
- Converter-nos, confiados na Sua ajuda.

INICIAMOS hoje o tempo do Advento, alguns dias de espera porque sabemos que a vinda de Jesus está próxima. A liturgia deste domingo convida-nos a considerar a nossa vida perante esta chegada do Senhor: «Despertai, Senhor, nos Vossos fiéis, a vontade firme de se prepararem, pela prática das boas obras, para irem ao encontro de Cristo, de modo que, chamados um dia à Sua direita, mereçam alcançar o reino dos céus»^[1]. Toda a nossa existência é um tempo de espera até àquele grande dia em que Jesus virá para nos levar para junto de Si. Portanto, como preparação para esse encontro, a sabedoria da Igreja faz-nos suplicar a Deus um desejo maior de fazer o bem.

S. Paulo escreve na sua Carta aos Romanos: «Já é hora de acordardes do sono, pois a salvação está agora mais perto de nós do que quando começámos a acreditar» (Rm 13, 11). Deus deixou-nos em herança este nosso mundo, quer que nos dediquemos a cuidar dos Seus, anima-nos a semear o bem nas nossas vidas e à nossa volta. Algum dia – não sabemos quando – o Senhor voltará. Que alegria daremos ao coração de Cristo quando, naquele dia, sairmos ao Seu encontro! Até que chegue esse momento, devemos estar vigilantes, porque não sabemos o dia nem a hora.

Este Advento pode ser uma boa ocasião para considerar as tarefas de que Deus nos incumbiu e ver como as estamos a cumprir. Talvez,

juntamente com a gratidão por tantas alegrias, reconheçamos que deixámos alguns aspetos de lado. Hoje podemos decidir-nos a recomeçar nesses pontos, seguindo o conselho que muitas vezes S. Josemaria dava: «Recomeçar? Sim, recomeçar. Eu –imagino que tu também– recomeço cada dia, cada hora, de cada vez que faço um ato de contrição, recomeço»^[2].

«VIGIAI, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor» (Mt 24, 42). Pode parecer-nos que a exortação do Senhor tem um tom demasiado urgente. Mas não é esta a verdade? A vida é breve, o tempo passa muito depressa e pode acontecer que, devido ao ritmo frenético com que muitas vezes vivemos, alguns aspetos centrais da nossa existência fiquem em segundo plano. O Senhor quer estar connosco, quer que não O esqueçamos, e por isso nos chama continuamente. O convite a vigiar é uma expressão dessa vontade de Deus; é uma maneira de nos despertar se estivermos um tanto adormecidos. Jesus convida-nos a saborear o essencial novamente.

«Vigiai!» O Senhor chama-nos amorosamente a renovar os nossos desejos de santidade, a voltar para Deus o que for necessário. Este é o mesmo convite que S. Paulo dirige aos Romanos: «Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não vos entregueis às coisas da carne» (Rm 13, 14). Trata-se, em última análise, de procurar uma vida «não no estilo mundano, mas segundo o estilo evangélico: amar a Deus com todo o nosso ser e amar o próximo como Jesus o amou, isto é, no serviço e no dom de si mesmo. A ganância pelos bens, o desejo de ter bens, não satisfaz o coração, pelo contrário, provoca mais fome»^[3].

O próprio Jesus se nos oferece como dom para alcançar essa nova vida. Enquanto nos preparamos para o nascimento do Menino Jesus, podemos considerar estas verdades. O Senhor deseja encher-nos com a Sua graça. Este tempo de Advento, tempo de espera, é uma oportunidade para nos abirmos a esse dom e acolhê-la de todo o coração. Assim virá à tona a nossa melhor versão, o melhor eu de cada um de nós.

A NOSSA VIDA é um dom de Deus. Durante o Advento, um tempo de graça especial, a Igreja recorda-nos repetidamente esta verdade: Deus vale

mais do que outras coisas que sufocam ou reduzem o amor, coisas que no fim de contas ferem e desagradam. «Numa sociedade que pensa muito no bem-estar, a fé ajuda-nos a elevar o olhar e descobrir a verdadeira dimensão da nossa própria existência. Se formos portadores do Evangelho, a nossa passagem nesta terra será fecunda»^[4]. Elevar o olhar; redescobrir a verdadeira dimensão da nossa vida; deixar rasto e ser fecundos na nossa passagem por esta terra. Esse pode ser um bom programa para o Advento.

A conversão é antes de mais uma graça: é luz para ver e força para querer. Desejamos olhar a face de Deus para que nos salve. Sabemos que os nossos limites não nos determinam e que, em vez disso, o nosso apoio é a força infinita de Deus. Senhor, pomos a nossa confiança em Ti. Precisamos de Lho dizer, porque Deus respeita muito a nossa liberdade e espera que O deixemos participar na nossa vida. Se Lho pedirmos, se deixarmos nas Suas mãos as tarefas mais difíceis e nos empenharmos em realizar as que estão ao nosso alcance, temos a certeza de que nos dará a Sua luz e a Sua força.

Conhecendo quem é o nosso Senhor e o seu conselho para estarmos em vigília, queremos manter essa disposição de amor, também quando por vezes o cansaço está presente nos nossos dias. Contamos com a presença de Maria: Ela soube viver numa espera vigilante os meses de gestação do Senhor e saberá manter-nos despertos e alegres, recomeçando de cada vez que seja preciso, até à chegada do nosso Jesus.

NOTAS

[1] Missal Romano, I Domingo do Advento, Oração Coleta.

[2] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edição crítico-histórica, p. 143.

[3] Francisco, Angelus, 04/08/2019

[4] Fernando Ocáriz, artículo “*Luz para ver, força para querer*”, artigo publicado no Jornal *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 3.

I domingo do Advento (Ciclo B)

Reflexão para meditar no I domingo do Advento (Ciclo B). Os temas propostos são: recomeçar todos os dias; apoiados na graça de Deus; converter-nos, confiados na Sua ajuda.

Sumário

- Recomeçar cada dia
- Apoiados na graça de Deus
- Converter-nos, confiados na Sua ajuda

Hoje iniciamos o tempo do Advento, alguns dias de espera porque sabemos que a vinda de Jesus está próxima. A liturgia deste domingo convida-nos a refletir sobre a nossa vida face a esta chegada do Senhor: «Despertai, Senhor, nos Vossos fiéis, a vontade firme de se prepararem, pela prática das boas obras, para ir ao encontro de Cristo, de modo que, chamados um dia à Sua direita, mereçam alcançar o reino dos céus»^[1]. Toda a nossa existência, com cada um dos dias que a constituem, é um tempo de espera até aquele grande dia em que Jesus virá para nos reunir. Portanto, como preparação para esse encontro, a sabedoria da Igreja faz-nos suplicar a Deus um desejo maior de fazer o bem.

No Evangelho de hoje, o Senhor quer dar-nos uma pista sobre o sentido da nossa vida por meio de uma comparação: «É como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, delegou a autoridade nos seus servos, atribuiu a cada um a sua tarefa e ordenou ao porteiro que vigiasse» (Mc 13, 34). Como este homem com os seus servos, Deus deixou-nos encarregados da Sua casa. Quer que nos dediquemos a cuidar dos Seus, que nos esforcemos em semear o bem nas nossas vidas e à nossa volta. Algum dia – não sabemos quando – o Senhor voltará. Que alegria daremos ao coração de Cristo quando, naquele dia, sairmos ao Seu encontro! Até que chegue essa hora, queremos estar vigilantes, porque não sabemos «quando

virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar o galo, se de manhãzinha» (Mc 13, 35).

Diante de Jesus que nos olha com afeto, podemos pensar na confiança que Deus tem em nós ao fazer-nos participantes da Sua missão. Este Advento pode ser uma boa ocasião para considerar as tarefas que o Senhor nos deu e ver como as estamos a cumprir. Talvez, juntamente com a gratidão por tantas alegrias, reconheçamos que deixamos alguns aspetos de lado. Hoje podemos decidir-nos a recomeçar nesses pontos, seguindo o conselho que muitas vezes S. Josemaria dava: «Recomeçar? Sim, recomeçar. Eu –imagino que tu também– recomeço cada dia, cada hora, de cada vez que faço um ato de contrição, recomeço»^[2].

«O QUE VOS DIGO A VÓS, digo a todos: vigiai!» (Mc 13, 37). Pode parecer-nos que a exortação do Senhor tem um tom demasiado urgente. Mas não é esta a verdade? A vida é curta, o tempo passa muito depressa e pode acontecer que, devido ao ritmo frenético com que muitas vezes vivemos, alguns aspetos centrais da nossa existência fiquem em segundo plano. O Senhor quer estar connosco, quer que não O esqueçamos, e por isso nos chama continuamente. O convite para vigiar é uma expressão dessa vontade de Deus; é uma maneira de nos despertar se estivermos espiritualmente adormecidos ou distraídos por uma série de coisas imediatas que parecem mais importantes. Jesus convida-nos a saborear o essencial novamente.

"Vigiai!". O Senhor chama-nos amorosamente a renovar os nossos desejos de santidade, a voltar para Deus o que for necessário. E S. Paulo, na segunda leitura da Missa, recorda-nos que esta obra da nossa santidade não depende apenas dos nossos esforços, do nosso empenho: «Dou incessantemente graças ao meu Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi concedida em Cristo Jesus. Pois nele é que fostes enriquecidos com todos os dons, tanto da palavra como do conhecimento. Assim, foi confirmado em vós o testemunho de Cristo, de modo que não vos falta graça alguma, a vós que esperais a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo» (1 Cor 1, 4-7).

A graça de Deus foi-nos concedida. Fomos enriquecidos com ela. Jesus chama-nos à comunhão e, surpreendentemente, Ele mesmo Se nos oferece como um dom para alcançar essa nova vida. Enquanto nos preparamos exterior e interiormente para o nascimento do Menino Jesus, podemos considerar estas verdades. O Senhor deseja encher-nos com a Sua graça: com o Seu amor, misericórdia, ternura, humildade, fortaleza, ciência... Este tempo de Advento, tempo de espera, é uma oportunidade para nos abirmos a essa graça, para acolhê-la de todo o coração. Assim, virá à tona a nossa melhor versão, o melhor eu de cada um de nós. Podemos manifestar este desejo a Deus com as palavras do profeta Isaías: «Mas Tu, Senhor, é que és o nosso Pai. Nós somos a argila e Tu és o oleiro. Todos nós fomos modelados pelas Tuas mãos» (Is 64, 7).

A NOSSA VIDA é um dom maravilhoso de Deus. Durante o Advento, um tempo de graça especial, a Igreja recorda-nos repetidamente esta verdade: a tua vida é uma grande riqueza; o Senhor enche-te de dons e deseja fazer da tua existência algo muito formoso; olha-o, considera-o devagar: não é certo que vale a pena? Não é verdade que experimentaste que Deus vale mais do que outras coisas que sufocam ou reduzem o amor, que ferem e desagradam?

«Numa sociedade que pensa muito no bem-estar, a fé ajuda-nos a elevar o olhar e descobrir a verdadeira dimensão da nossa própria existência. Se formos portadores do Evangelho, a nossa passagem nesta terra será fecunda»^[3]. Elevar o olhar; redescobrir a verdadeira dimensão da nossa vida; deixar rasto e ser fecundos na nossa passagem por esta terra. Esse pode ser um bom programa para o Advento. Desejando que se concretize em cada um de nós, podemos pedir ao Senhor com as palavras do Salmo: «Ó Deus, volta-Te para nós! Mostra-nos o Teu rosto e seremos salvos!» (Sl 80, 4).

A conversão é antes de mais uma graça: é luz para ver e força para querer. Queremos olhar a face de Deus para que nos salve. Sabemos que as nossas misérias e limites não nos determinam e que, em vez disso, o nosso apoio é a força infinita de Deus. Senhor, pomos a nossa confiança em Ti. Precisamos de Lhe dizer, porque Deus respeita muito a nossa liberdade e

espera que O deixemos participar na nossa vida. Se Lho pedirmos, se depois ouvirmos os Seus conselhos e tentarmos pô-los em prática, se deixarmos nas Suas mãos as tarefas mais difíceis e nos empenharmos em realizar as que estão ao nosso alcance, temos a certeza de que nos dará a Sua luz e a Sua força. Assim, quando o dono da casa regressar, encontrar-nos-á acordados e atentos, a trabalhar na tarefa que nos confiou quando partiu. Ouviremos então, referidas a nós, aquelas palavras que um dia saíram dos Seus lábios divinos: «Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor» (Mt 25, 23).

Sabendo quem é Nosso Senhor e o Seu conselho para que estejamos despertos, queremos manter essa disposição de amor, também quando, em certas ocasiões, o cansaço está presente nos nossos dias. Contamos com a presença de Maria: ela soube viver vigilante, à espera, os meses de gestação do Senhor e saberá manter-nos acordados e alegres, recomeçando sempre que necessário, até à chegada do nosso Jesus.

NOTAS

[1] Missal romano, I Domingo do Advento, oração coleta.

[2] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edición crítico-histórica, p. 143.

[3] Fernando Ocáriz, artículo “*Luz para ver, força para querer*”, artigo publicado no Jornal *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 3.

Segunda-feira da I semana do Advento

Reflexão para meditar na segunda-feira da I semana do Advento. Os temas propostos são: Jesus vem para estar no meio de nós; podemos sempre aproximar-nos d'Ele; crescer em amizade com Jesus através da oração

Sumário

- Jesus vem para estar no meio de nós
- Podemos sempre aproximar-nos d'Ele
- Crescer em amizade com Jesus através da oração

COMEÇA o ciclo litúrgico e vamos percorrer novamente os mistérios da vida de Cristo, as suas alegrias, as suas dores e a sua glória. Começaremos estes dias com a expectativa do seu Nascimento, passaremos depois pela sua Vida, Morte, Ressurreição e Ascensão, até chegarmos ao Pentecostes, momento em que nos envia o Espírito Santo para assim nos acompanhar «todos os dias até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20).

Sabemos que esta repetição anual dos mistérios é muito mais que uma piedosa recordação: «Não é uma fria e inerte representação de factos que pertencem ao passado, nem a simples evocação duma realidade de outros tempos. É, antes, o próprio Cristo que vive sempre na sua Igreja»^[1]. Cada tempo litúrgico da Igreja insere-nos pessoalmente num momento ou aspeto concreto da vida do próprio Jesus, que calcorreou as ruas da Galileia. Porque «*Jesus Christus heri et hodie, Ipse et in sæcula*» (Heb 13, 8): Jesus Cristo continua vivo na Terra e nós podemos conhecê-lo e amá-lo; mais ainda: podemos viver *n'Ele*.

Nestes dias de Advento, em concreto, vivemos realmente a espera do Messias. «A sua hora está prestes a chegar, os seus dias não tardarão»^[2], repete a Igreja. Uma vez mais, Jesus vem ao nosso mundo, torna-Se presente nas nossas vidas. Vem com o desejo de caminhar junto de nós

pelos caminhos da História. Ele quer que O tornemos participante das nossas alegrias, que Lhe confiemos as nossas penas; deseja poder consolar-nos e dar-nos a força necessária para levar para a frente a missão de cada dia. Podemos agradecer-Lhe este aspeto da sua vida que viveremos nestes dias: que Deus se tenha feito homem para que nós possamos ser filhos de Deus e para contarmos com a sua companhia.

ALGUMAS PESSOAS que estiveram com Jesus, quando Ele passou pelo nosso mundo fazendo o bem, podem ensinar-nos a tratar o Mestre. «Tendo entrado [Jesus] em Cafarnaum, aproximou-se d'Ele um centurião, e fez-Lhe uma súplica, dizendo: 'Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico e sofre muito'» (Mt 8, 5-6). A liturgia de hoje põe à nossa consideração este episódio da vida do Senhor. Aquele homem bom, um gentio, sofre com a doença dum servo a quem estima de verdade. Face à amarga realidade de ser incapaz de o ajudar, reage dum modo sábio e humilde, cheio de fé: vai à procura de Jesus e com sinceridade expõe-Lhe a sua tristeza. Não precisa de Lhe pedir nada; simplesmente conta a sua situação, abre a sua alma.

Também nós temos as nossas dificuldades e tristezas; também temos amigos que desejamos ver curados, e nós próprios queremos sentir a proximidade da mão do Senhor. Por isso reagimos confiadamente, como este centurião, e recorremos a Jesus. É bom recordar quanto necessitamos d'Ele e como Ele deseja ardentemente ajudar-nos. É muito consolador saber que, em qualquer momento, podemos dirigir-nos a Ele com total simplicidade: Jesus, tenho uma série de coisas que não sei como resolver e que me tiram a paz. Tenho fé, mas reconheço que às vezes preciso de confiar mais em Ti; ainda tenho de aprender a pôr mais plenamente a minha vida nas tuas mãos.

Hoje queremos imitar o centurião do Evangelho e abrir o nosso coração ao Senhor. Permanecendo em silêncio, em diálogo com Jesus, apresentamos-Lhe a nossa vida e as nossas necessidades. E ficamos tranquilos, sabendo que agora Ele também Se ocupa delas.

«SENHOR, eu não sou digno de que entres em minha casa; diz, porém, uma só palavra e o meu servo será curado». Como nos comove sempre

voltar a contemplar a fé do centurião! Uma fé que deixou o próprio Jesus tão admirado que a louvou: «Em verdade vos digo: não achei fé tão grande em Israel» (Mt 8, 6). Uma fé grande e, ao mesmo tempo, humilde e simples, expressa numa palavra que a liturgia põe todos os dias nos nossos lábios antes de recebermos a sagrada Comunhão.

Nós podemos aproximar-nos diariamente de Jesus na Eucaristia, e gostaríamos de o fazer com a mesma confiança no poder do Senhor e com a mesma humildade que observamos nesta personagem do Evangelho. «Não compreendo como se possa viver cristãmente sem sentir a necessidade de uma amizade constante com Jesus na Palavra e no Pão, na oração e na Eucaristia. E entendo perfeitamente que, ao longo dos séculos, as sucessivas gerações de fiéis tenham vindo a concretizar essa piedade eucarística. Uma vez com práticas multitudinárias, professando publicamente a sua fé; outras, com gestos silenciosos e calados, na sagrada paz do templo ou na intimidade do coração»^[3].

Na Eucaristia e na intimidade do coração podemos alimentar a nossa amizade com Jesus. Ele está sempre ao nosso lado para nos ajudar com a sua graça, para nos alegrar com a sua presença e nos dar a conhecer o seu amor por nós. Embora às vezes não possamos aproximar-nos fisicamente de Jesus Sacramentado, podemos encontrar-nos sempre com Deus e recolher-nos no silêncio do nosso coração, como fez tantas vezes a nossa Mãe, Santa Maria (cf. Lc 2, 19). No limiar deste ano litúrgico que agora começa, podemos pedir-lhe a Ela que nos acompanhe para nos adentrarmos, em cada momento, na vida do seu Filho.

NOTAS

[1] Pio XII, *Mediator Dei*, n. 150.

[2] Liturgia das Horas, segunda-feira da I semana do Advento, hora nona, leitura breve (cf. Is 14, 1).

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 154.

Terça-feira da I semana do Advento

Reflexão para meditar na terça-feira da I semana do Advento. Os temas propostos são: Deus dá-Se a conhecer; simplicidade para compreender os ensinamentos de Deus; a relação com Jesus ilumina o nosso dia.

Sumário

- Deus dá-se a conhecer.
- Simplicidade para compreender os ensinamentos de Deus.
- A relação com Jesus ilumina o nosso dia.

GUIADOS pelos ensinamentos e exemplo de S. Josemaria, aprendemos a amar apaixonadamente o mundo. Gozamos de todas as realidades nobres e boas da criação, porque sabemos que são um dom de Deus. Ao mesmo tempo, não somos indiferentes perante o mal no mundo, que diminui a sua beleza e o afasta do Seu plano amoroso.

Embora as causas destas situações sejam múltiplas, podemos identificar entre elas uma que tem especial pertinência: o desconhecimento que muitas pessoas têm sobre a bondade do nosso Criador. «Poder-se-ia dizer que o maior inimigo de Deus –porque se ama a Deus depois de O conhecermos– é a ignorância: origem de tantos males e um grande obstáculo para a salvação das almas»^[1]. Pelo contrário, quando conhecemos o Seu amor por nós, quando descobrimos que Deus sonha com a nossa felicidade, é lógico amá-Lo acima de todas as coisas, aproximar-nos d'Aquele que é a fonte de todo o bem. «Não haverá dano nem destruição em todo o meu santo monte, porque a terra está cheia de conhecimento do Senhor» (Is 11, 9).

Deus serviu-se de alguns homens e mulheres de diversas épocas para Se dar a conhecer e assim dar ao homem a oportunidade de ser mais livre. «Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei» (Gl 4, 4), para levar

esta tarefa até ao fim. É tão grande o desejo de Deus de que O conheçamos, que veio Ele próprio, em pessoa, para nos indicar os projetos do Seu amor.

Cheios de reconhecimento e gratidão, podemos unir-nos à oração de louvor que, como recolhe o Evangelho da Missa de hoje, Jesus elevou um dia ao Pai: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (Lc 10, 21).

«O SENHOR virá com poder e majestade e iluminará os olhos dos seus fiéis»^[2]. Aquela promessa de sabedoria para os homens cumpriu-se com a vinda ao mundo de Jesus, sobre quem repousou «o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e entendimento, espírito de conselho e fortaleza, espírito de ciência e temor do Senhor» (Is 11, 2). Ele continua disposto a dialogar pessoalmente com cada um de nós para nos instruir, para nos orientar, para nos encorajar. Frequentemente, Deus fala-nos através de pessoas e situações, transformando toda a realidade da nossa vida num lugar de encontro com Ele. Se procurarmos ter uma vida contemplativa, em todos os acontecimentos do dia a dia poderemos descobrir a voz de Deus que nos procura.

Nesse diálogo, o Senhor espera que nos dirijamos a Ele com confiança para iluminar o que não compreendemos. Por isso, com simplicidade, colocamo-nos na Sua presença e expomos-Lhe as nossas dúvidas, de coração a coração, lembrando-nos de que Deus se revela aos mais pequenos. Pelo contrário, para os sábios segundo a carne, as palavras do Senhor podem soar como frases desconexas. Daí precisarmos fazer um esforço para permanecer abertos a escutar a Sua palavra, mesmo que só a compreendamos parcialmente. «Quantas contrariedades desaparecem, se interiormente nos colocamos bem próximos desse nosso Deus, que nunca nos abandona! Renova-se com diferentes matizes o amor que Jesus tem pelos seus, pelos enfermos, pelos paráliticos, e que o faz perguntar: – Que é que te acontece? – Acontece-me... E imediatamente luz ou, pelo menos, aceitação e paz»^[3].

Se nos aproximarmos do Senhor com atrevimento de criança, então Ele revelar-nos-á a Sua sabedoria e dar-nos-á a conhecer os Seus desígnios. Também nos encherá de paz, de alegria e conceder-nos-á a fortaleza para superar as dificuldades que a vida nos apresenta.

EM JESUS CRISTO está contida a plenitude da revelação. «Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho houver por bem revelar-lho» (Lc 10, 22). «Jesus não nos diz algo de Deus, não fala simplesmente do Pai, mas é Revelação de Deus, porque é Deus, e assim revela-nos o rosto de Deus»^[4]. Deus fez-se carne em Cristo para que pudéssemos vê-Lo, entrar numa relação direta com Ele e para nos dar a conhecer os planos da Sua sabedoria. Quando procuramos respostas para as questões da nossa vida, faremos muito bem em recorrer a Jesus. No nosso diálogo com Cristo, não há inquietações supérfluas ou dúvidas importunas. Toda a sabedoria está contida no mistério do Verbo feito homem: Jesus é a Palavra de Deus.

É fácil imaginar os apóstolos a perguntar a Jesus o significado mais profundo de alguma parábola que não tinham compreendido, ou a vir ter com Ele para Lhe pedir uma explicação para um determinado acontecimento conhecido por todos. Nós também temos essa mesma facilidade para conversar com o Senhor. A relação pessoal e diária com Ele leva-nos a conhecê-Lo cada vez melhor, a adquirir uma conaturalidade com a Sua forma de reagir perante as diversas circunstâncias da vida. Por essa razão, é útil pedir ao Espírito Santo que o nosso diálogo com Jesus seja luz para nós e para os outros.

Aprendemos muitas coisas ao longo da vida. Algumas são inerentes à nossa forma de pensar, ser e agir. É provável que vários destes ensinamentos fundamentais nos tenham chegado dos lábios ou do exemplo das nossas mães. A vida de Maria é para nós uma maravilhosa lição de diálogo com o Senhor. Oxalá possamos aprender de Nossa Senhora essa confiança para olhar e escutar Jesus!

NOTAS

[1] S. Josemaria, Carta, 11/03/1940, n. 47

[2] Missal Romano, terça-feira da I semana do Advento, Antífona do Evangelho

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 249.

[4] Bento XVI, Audiência, 16/01/2013.

Quarta-feira da I semana do Advento

Reflexão para a quarta-feira da I semana do Advento. Os temas propostos são: com a sua vinda, o Senhor mostra o seu amor para conosco; nos nossos dias, Jesus continua a vir junto de nós, especialmente na Eucaristia; preparar com carinho e delicadeza a Eucaristia e a Comunhão

Sumário

- Com a sua vinda, o Senhor mostra o seu amor para conosco.
- Hoje, Jesus continua a vir até junto de nós, especialmente na Eucaristia.
- Preparar com carinho e delicadeza a Eucaristia e a Comunhão.

«VEM, SENHOR, e não tardes»^[1]. Nestes dias, a oração da Igreja enche-se do desejo da vinda de Cristo, o Messias esperado, nosso Redentor. Eis que o Senhor virá para salvar o seu povo: bem-aventurados os que estiverem preparados para ir ao seu encontro (cf. Zc 14, 5). A esperança dos homens aguardou a chegada do Redentor durante longos séculos. Ao ver agora tão próximo o mistério do seu nascimento, queremos encher-nos do desejo de ir ao encontro do Senhor, com essa mesma esperança.

Com a encarnação do seu Filho unigénito, Deus mostrou-nos o seu infinito amor. «Que outra razão teria a vinda do Senhor, para além de mostrar os seu amor para conosco?»^[2]. E é um amor de Pai, «para que recebêssemos a adoção de filhos» (Gl 4, 4-5).

O Senhor vem à terra para nos encher de graças: «Não te peço nenhum pagamento pelo que te dou – diz-nos –, antes quero ser Eu próprio teu devedor, apenas pelo reconhecimento de que queiras ter o benefício de tudo o que é meu. Com que se poderá comparar esta honra? Sou pai, irmão, esposo, casa, alimento, agasalho, raiz, alicerce; sou tudo o que quiseres; não sintas falta de nada. Até te servirei, “porque vim para servir, não para ser servido” (Mt 20, 28). Sou amigo, membro e cabeça, irmão, irmã e mãe; sou

tudo e apenas quero intimidade. Por ti sou pobre, mendigo, crucificado, sepultado e por ti estou no céu, diante de Deus Pai; e na terra, sou o seu legado junto de ti. És tudo para mim: irmão e co-herdeiro, amigo e uma parte de mim. Que mais queres?»^[3].

Toda a vida de Jesus é pura expressão deste amor sem limites, da sua entrega por nós. Os que conviveram com Jesus puderam comprová-lo claramente. O Evangelho de hoje fala-nos de uma multidão que recorre a Jesus para lhe apresentar as suas necessidades: «Tendo Jesus saído dali, dirigiu-se para o mar da Galileia; e, subindo ao monte, sentou-se. Veio ter com ele uma grande multidão trazendo coxos, aleijados, cegos, mudos e muitos outros que punham a seus pés e ele curou-os» (Mt 15, 29-30). Jesus não fica indiferente a nenhuma das nossas necessidades. Tudo o que é nosso é um contínuo apelo ao seu coração; as nossas alegrias e as nossas inquietações impelem-no a vir ao nosso encontro.

Sentiam-se tão bem junto de Jesus que nem se aperceberam de que já estavam com Ele há três longos dias! E o Senhor comove-se: «Tenho pena desta multidão – diz aos seus discípulos – porque há três dias que estão comigo e não têm que comer; não quero despedi-los em jejum, pois receio que desfaleçam no caminho» (Mt 15, 32). O carinho de Jesus não se centra apenas nos grandes problemas, mas também nas necessidades da vida corrente; não se limita a pregar uma bela doutrina, mas vive-a perto de nós.

A preocupação de Jesus é criativa, leva-o a prever os problemas que cada um possa ter no regresso a casa. Não se conforma com o facto de os ter recebido durante aquele tempo em que se aproximaram dele, apesar de terem sido três dias inteiros. E esta inquietação pela felicidade do outro leva-o a atuar. Com o seu poder infinito, multiplica milagrosamente alguns pães e alguns peixes, o que havia naquele momento à sua disposição, e pede aos seus discípulos que os repartam pela multidão (cf. Mt 15, 35-37). O Senhor dá de comer à multidão faminta para que não desfaleça no caminho.

Também hoje Jesus se comove com as nossas necessidades e nos ajuda a resolvê-las. Não quer que desfaleçamos, nem por falta de alimento espiritual. Se naquele tempo o Senhor se sentou no monte à espera dos que

se queriam aproximar, oferecendo-lhes pão como alimento para o corpo hoje, em troca, espera-nos no Pão eucarístico. Podemos recorrer também a Jesus para lhe apresentar as nossas necessidades, as nossas alegrias e os nossos ideais. Sentir-nos-emos ternamente amados e os nossos dias decorrerão junto d'Ele.

«E todos comeram e ficaram satisfeitos. Com os pedaços que sobraram encheram sete cestos» (Mt 15, 37), conclui o relato, esclarecendo que eram mais de quatro mil pessoas. Contemplar a grandeza da generosidade do Senhor pode ser uma ajuda para nos prepararmos o melhor possível para acolher as graças que nos quer dar neste tempo de Advento. Ver a generosidade com que reparte os seus dons, até fazer transbordar o que resta, enche-nos de esperança. Vem, Senhor – dizemos-lhe – porque o nosso coração está à tua espera. Vem, porque o nosso vazio quer encher-se totalmente de Ti.

Na primeira leitura da Missa, lemos a promessa do banquete que Deus prepara para os homens. «Neste monte, o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho. Neste monte ele destruirá o véu que envolve todos os povos, a cortina que cobre todas as nações; destruirá a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos e retirará de toda a terra o opróbrio que pesa sobre o seu povo. Foi o Senhor quem o disse. Dir-se-á naquele dia: “Eis o nosso Deus de quem esperávamos a salvação; é o Senhor em quem pusemos a nossa confiança. Alegremo-nos e rejubilemos porque nos salvou”» (Is 25, 6-9).

Este festim divino torna-se realidade todos os dias na sagrada comunhão. Por isso, se achamos que é natural prepararmo-nos o melhor possível para acolher o Menino que vai nascer em Belém, o mesmo acontece quando esperamos o encontro diário da Eucaristia. S. Josemaria era consciente desta realidade e dedicava metade do seu dia a pensar na Missa que ia celebrar no dia seguinte: «Pensaste nalguma ocasião como te prepararias para receber Nosso Senhor, se só se pudesses comungar uma vez na vida? – Agradeçamos a Deus a facilidade que temos para nos

aproximarmos dele, mas... temos de agradecê-lo preparando-nos muito bem para o receber»^[4].

A comunhão espiritual pode ser uma magnífica manifestação do desejo com que cada dia nos aproximamos para receber o Senhor. Unimo-nos, assim, às disposições interiores de Maria: «Eu quisera, Senhor, receber-vos com aquela pureza, humildade e devoção com que vos recebeu a vossa Santíssima Mãe»^[5]. «Pede comigo a Nossa Senhora – insiste S. Josemaria –, imaginando como teria passado esses meses à espera do Filho que iria nascer. E Nossa Senhora, Santa Maria, fará de ti *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo!»^[6].

NOTAS

[1] Liturgia das Horas, quarta-feira da I semana do Advento, hora nona, *responso breve*.

[2] Sto. Agostinho, *De catechizandis rudibus*, n. 4.

[3] S. João Crisóstomo, Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus, n. 76.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 929.

[5] Fórmula da comunhão espiritual.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 11.

Quinta-feira da I semana de Advento

Reflexão para meditar na quinta-feira da I semana de Advento. Os temas propostos são: A habituação e a tibieza; o engano de edificar sobre areia; com a oração construímos sobre rocha.

Sumário

- A habituação e a tibieza.
- O engano de edificar sobre a areia.
- Com a oração construímos sobre rocha.

«NEM TODO aquele que Me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no reino dos Céus, mas só aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus» (Mt 7, 21). Estas palavras de Jesus, no início do evangelho da Missa, manifestam, em primeiro lugar, a existência de um plano de Deus ao qual Ele deseja que nos juntemos; e, ao mesmo tempo, revela-nos a possibilidade sempre presente de que rejeitemos esse desígnio na nossa vida.

«Deus escolheu-nos antes da criação do mundo para que fôssemos santos e sem mancha diante d'Ele, em amor» (Ef 1, 4); esta é a vontade de Deus para cada cristão, o sentido das nossas vidas, o porquê e o para quê da nossa existência. O projeto divino é que sejamos santos, ou seja, que o nosso amor a Deus se derrame num amor sincero por todos os homens, começando por aqueles que temos ao nosso lado. Os caminhos para alcançar essa meta são muito variados e, em muitos casos, realmente surpreendentes.

No entanto, à medida que passam os anos, pelo caminho pode surgir uma certa habituação, uma rotina opaca que nos conduz à tibieza. Pode arrefecer o entusiasmo com que vivíamos a nossa história de amor com Deus. O desejo de seguir de perto a Jesus mantém-se na origem das nossas ações, mas um pouco mais apagado, mais ténue. Contentamo-nos com avançar, talvez alimentando-nos apenas com as experiências do passado. Os

grandes ideais, nesse caso, parecem-nos um sonho e o nosso espírito de exame não desperta o coração. Não nos consideramos especialmente pecadores e até desejamos ser santos, mas com um desejo tão débil que adia o momento de ser traduzido em obras.

S. Josemaria adiantava-se a esta possível situação e animava-nos a intensificar a oração pessoal. «Dói-me ver o perigo da tibieza em que te encontras quando não te vejo caminhar seriamente para a perfeição dentro do teu estado. – Diz comigo: não quero a tibieza! “*Confige timore tuo carnes meas!*” – dá-me, ó meu Deus, um temor filial, que me faça reagir!»^[1].

NO EVANGELHO de hoje, Jesus recorre a um exemplo gráfico para caracterizar a conduta de quem não descobriu a grandeza da vontade de Deus para a sua vida: «É como um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; caiu a chuva, vieram as torrentes e sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se e foi grande a sua ruína» (Mt 7, 26-27). O qualificativo utilizado, *insensato*, expressa que, mesmo quando desejamos projetar uma vida plena, podemos cair no engano de o fazer sem contar com o essencial: sem construir a partir dos planos de Deus. As causas podem ser negligência, superficialidade, preguiça... E, em qualquer caso, investem-se muitos esforços e gastos para uma construção que tem data de caducidade.

Ainda que por vezes não seja evidente, edificar sobre a rocha firme - sobre Deus - pode ser até mais simples. Ao contrário, a vida da pessoa tibia que constrói sobre a areia pode parecer em teoria mais fácil. Apesar de rejeitar o sacrifício e outras exigências do amor, na prática, não consegue evitar tensões. Quase sem se dar conta, divide o seu coração, calcula, gasta as suas energias para chegar a pactos e compromissos que não satisfazem; com frequência está mais pendente daquilo que irão dizer ou de comparar-se com outros do que em ter um olhar sereno sobre a própria realidade. Os sacrifícios que antes eram gostosos são agora amargos, porque não nascem do mesmo amor.

Quando descobrimos que estamos pobres em desejos de santidade, podemos aproximar-nos do calor do coração de Jesus. «Os tíbios – dizia S. Josemaria – têm o coração de barro, de carne miserável. Existem corações duros, mas nobres, que, ao aproximar-se do calor do Coração de Jesus Cristo, se derretem como o bronze em lágrimas de amor, de desagravo, inflamam-se!»^[2]. Animados pela luz do seu olhar amoroso, dizemos-lhe com audácia: inflama novamente a minha alma. Não deixes que permaneça na tristeza da minha alma. Podemos estar seguros de que o Senhor irá acolher a nossa súplica humilde e confiante.

«BUSCAI O SENHOR quando Ele se deixa encontrar, invocai-O enquanto está perto»^[3]. Buscar o Senhor na oração e estabelecer o diálogo pessoal com Ele afasta-nos da tibieza. «*Et in meditatione mea exardescit ignis* – e, na minha meditação, ateia-se o fogo –. Para isso mesmo é que fazes oração: para te tornares uma fogueira, lume vivo, que dê calor e luz»^[4]. Esse diálogo íntimo com Jesus irá impulsionar-nos a reforçar a mudança que desejamos para a nossa vida; irá ajudar-nos a sintonizar com os desejos de Deus e a orientar a nossa vida para junto d'Ele.

É possível que algumas vezes sintamos o peso das nossas faltas e que os nossos bons desejos superem muito as nossas ações. Mas, também é verdade que, quando nos abrimos à ação do Espírito Santo, sabemos que a nossa humilde súplica é escutada; Deus aviva os nossos desejos, realizando em nós aquilo que nos parecia impossível. «A ti, que desmoralizas, repetir-te-ei uma coisa muito consoladora: a quem faz o que pode, Deus não lhe nega a Sua graça. Nosso Senhor é Pai, e se um filho lhe diz na quietude do seu coração: Meu Pai do Céu, aqui estou, ajuda-me... Se recorre à Mãe de Deus, que é Mãe nossa, vai para a frente»^[5].

Sobre esse firme fundamento, o Senhor poderá construir um grande edifício, mais forte e mais sólido: «Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática, é como um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; caiu a chuva, vieram as torrentes e sopraram os ventos contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha» (Mt 7, 24-25). Deste modo, poderemos avançar com confiança. Não nos enganaremos com os pactos que nos oferece a prática na luta. E, ainda

que existam dificuldades, nem as torrentes, nem os ventos levarão o essencial: o Senhor está sempre conosco e luta ao nosso lado.

Peçamos ajuda a Santa Maria: «O amor à nossa Mãe será sopro que transforme em lume vivo as brasas de virtudes que estão ocultas sob o rescaldo da tua tibieza»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 326.

[2] S. Josemaria, Meditação, 04/03/1960.

[3] Missal Romano, quinta-feira da I semana de Advento, Aclamação antes do Evangelho.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 92.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, X estação, n. 3.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 492.

Sexta-feira da I semana do Advento

Reflexão para meditar na sexta-feira da I semana do Advento. Os temas propostos são: necessidade da graça de Deus; a misericórdia de Deus salva-nos; acolher a sua misericórdia e difundi-la.

Sumário

- Necessidade da graça de Deus.
- A misericórdia de Deus salva-nos.
- Acolher a sua misericórdia e difundi-la.

JESUS prega e cura doentes nos arredores do lago de Tiberíades. A sua fama espalhou-se por toda a região. As pessoas falam e fazem perguntas sobre Ele. Muitos já o consideram o Messias prometido. Nessa altura, enquanto saía de uma localidade, «seguiram-No dois cegos, que diziam aos gritos: – Compadece-Te de nós, Filho de David!» (Mt 9, 27). Os cegos guiaram-se certamente pelo rumor da multidão que acompanhava o Senhor. É bem possível que tenha sido a multidão a dar-lhes passagem ou até que alguém os tenha levado até quem procuravam. E assim, quando o Senhor chegou ao seu destino, conseguiram aproximar-se d'Ele e expor-lhe o seu pedido. «Jesus disse-lhes: “Credes que vo-lo posso fazer?”. “Sim, Senhor”, responderam. Então tocou-lhes os olhos, dizendo: “Faça-se-vos segundo a vossa fé”» (Mt 9, 28).

Tal como os cegos do evangelho, também nos sentimos necessitados. Eles sofriam de uma dura limitação física; nós, no recolhimento da nossa oração, damos conta de que também experimentamos tantas limitações materiais e espirituais. Há muitas coisas que queríamos ver mais claramente. Por vezes, parece que tudo se torna turvo. Talvez, como aos dois cegos que seguiram Jesus, nos dê vontade de gritar no nosso coração, pedindo a sua ajuda. Queremos abrir caminho por entre a multidão até chegar a Ele. Imploraremos então a nossa cura do mais íntimo da nossa

alma, convencidos da sua misericórdia. E enche-nos de esperança saber que somos escutados por Jesus.

Jesus Cristo veio ao mundo para nos salvar. Ele «está disposto a dar-nos sempre a graça, e especialmente nestes tempos, a graça para essa nova conversão, para a ascensão no terreno sobrenatural; essa maior entrega, esse avanço na santidade, esse inflamar-nos mais»^[1]. Jesus Cristo, se lho pedirmos, também pode trazer luz aos nossos olhos.

«AGORA que se aproxima o tempo da salvação – diz S. Josemaria –, dá gosto ouvir dos lábios de S. Paulo que “depois de Deus, Nosso Salvador, ter manifestado a sua benignidade e o seu amor para com os homens, libertou-nos, não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia” (Tt 3, 5). Se lerdes as Santas Escrituras – continua –, descobrireis constantemente a presença da misericórdia de Deus: *enche a terra* (Sl 33, 5), estende-se a todos os seus filhos, *super omnem carnem* (Sl 33, 5); cerca-nos (Sl 33, 5), antecede-nos (Sl 59, 11), *multiplica-se* para nos ajudar (Sl 34, 8), e foi continuamente confirmada (Sl 34, 8). Deus tem-nos presente na sua misericórdia (Sl 34, 8), ao ocupar-se de nós como Pai amoroso. É uma misericórdia suave (Sl 109, 21), agradável, como a nuvem que se desfaz em chuva no tempo da seca (Eclo 35, 26)»^[2].

Se conhecermos cada vez melhor como é Deus, teremos motivos suficientes para sentir-nos seguros junto d’Ele. Conforta-nos saber que veio por nós e que os seus prediletos foram sempre os doentes e os de coração grande, embora fossem muitas as suas misérias. Assim o recordam as palavras do profeta Isaías que lemos na primeira leitura da Missa de hoje: «Nesse dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e, livres da obscuridade e das trevas, os olhos dos cegos verão. Os oprimidos voltarão a alegrar-se no Senhor, e os pobres exultarão no Santo de Israel» (Is 29, 17-20).

«Que segurança deve produzir-nos a atitude do Senhor! “Se ele clamar por mim, ouvi-lo-ei, porque sou misericordioso” (Ex 22, 27). É um convite, uma promessa que não deixará de cumprir. “Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e o auxílio da graça, no tempo oportuno” (Ex 22, 27). Os inimigos da nossa

santificação nada poderão, porque essa misericórdia de Deus nos defende. E se caímos por nossa culpa e pela nossa fraqueza, o Senhor socorre-nos e levanta-nos»^[3].

JESUS cura os cegos tocando-lhes nos olhos. Com frequência os evangelistas descrevem o Senhor, aproximando a mão dos doentes. Trata dum sinal que mostra graficamente o seu poder divino que submete o mal. Deus abraça e redime todas as situações humanas, mesmo as mais duras e desesperadas, até as que podem parecer muito distantes. «A misericórdia de Nosso Senhor manifesta-se sobretudo quando Se debruça sobre a miséria humana e demonstra a sua compaixão por quem precisa de compreensão, cura e perdão. Em Jesus, tudo fala de misericórdia. Mais ainda, Ele mesmo é a misericórdia»^[4].

Deixemo-nos tocar por Deus e vivamos a nossa vida cristã com uma atitude de filho, numa atmosfera de confiança. Temos a certeza inabalável de que o Senhor «nos ama; e quem ama compreende, espera, dá confiança, não abandona, não corta as pontes, sabe perdoar. Recordemo-lo na nossa vida de cristãos: Deus sempre espera por nós, mesmo quando nos afastamos! Ele nunca está longe e, se voltarmos para Ele, está pronto a abraçar-nos»^[5].

Apercebemo-nos, então, de que a vida, no fundo, é um contínuo diálogo entre a nossa fraqueza e a misericórdia divina, semelhante ao que aqueles dois cegos mantiveram com Jesus. A pergunta que o Senhor lhes dirige é uma lembrança de que o mais importante é a confiança n'Ele. Nessa altura, surge a resposta firme: fiamo-nos!

Era tão grande a alegria dos cegos depois da cura que não conseguiram calar tal acontecimento. Também nós, ao comprovarmos as maravilhas que Jesus opera nas nossas almas, queremos anunciar a bondade do nosso Deus que vem salvar-nos. Ao considerar, durante este tempo de oração, o dom da sua misericórdia, permanecemos com a alma vibrante em ação de graças. Tornamos o nosso agradecimento extensivo a Santa Maria, por quem veio ao mundo o nosso Salvador.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 02/03/1952.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 7.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 7.

[4] Francisco, Mensagem para a XXXI Jornada Mundial da Juventude 2016, 15/08/2015.

[5] Francisco, Homilia, 07/04/2013.

Sábado da I semana do Advento

Reflexão para meditar no sábado da I semana do Advento. Os temas propostos são: Jesus vem ao nosso encontro; pedir ao Senhor que envie trabalhadores para a Sua messe; renovar a nossa missão.

Sumário

- Jesus vem ao nosso encontro.
- Pedir ao Senhor que envie trabalhadores para a Sua messe.
- Renovar a nossa missão.

O EVANGELHO de hoje apresenta-nos Jesus que vai ao encontro das pessoas. «Percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas respectivas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todos os males e doenças» (Mt 9, 35). O Seu cuidado e interesse por cada pessoa não se ficam apenas por palavras. Jesus esforça-se por se aproximar das necessidades de cada um, toma a iniciativa e atua. Infunde neles otimismo, falando-lhes do amor que Deus tem por cada um, escuta atentamente as suas dificuldades e faz o que está ao Seu alcance para lhes dar remédio. Podemos imaginar o Senhor, olhando nos olhos, com afeto, as pessoas que vinham ter com Ele. «Ao ver as multidões, Jesus enche-se de compaixão por elas, porque andavam maltratadas e abatidas, como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36).

Também hoje o Senhor se aproxima do nosso mundo. Mais ainda: está sempre no meio dele. É um Deus próximo, que não se retirou da criação, nunca a abandonou à sua sorte. Pelo contrário, alegra-se e recreia-se com a maravilhosa bondade das pessoas comuns, humildes, inadvertidas pela grande história, e que procuram viver segundo o coração de Deus. E também se enche de compaixão ao ver outras pessoas maltratadas, abatidas, desorientadas, sem nenhuma companhia que as possa guiar e confortar.

«*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in sæcula!*» (Hb 13, 8). Jesus é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Ele continua a vir ao nosso encontro de inúmeras formas: alimenta as nossas almas com o Pão eucarístico, transmite-nos paz e esperança com o som da Sua Palavra, mostra-nos o caminho a seguir, falando-nos no silêncio da oração. «Povo de Sião, que habitas em Jerusalém: não terás de chorar mais. Ele te concederá a graça, à voz da tua súplica. Assim que a ouvires, te responderá» (Is 30, 19). Jesus procura-nos, mesmo sem Lho pedirmos, a iniciativa é sempre d'Ele. O nosso agradecimento nunca será suficiente, a nossa resposta nunca será proporcionada a tanta Bondade. Por isso, queremos acompanhar as nossas ações de graças com um desejo de permanecermos atentos às Suas contínuas inspirações.

NO EVANGELHO, vemos Jesus no meio do povo, aproveitando cada dia ao máximo, a tal ponto que por vezes nem sequer tem tempo para comer (cf. Mc 6, 31). Não Lhe chegam as horas do dia para fazer face a tantas necessidades. Perante este panorama, S. Mateus conta-nos que o Senhor confia aos Seus discípulos mais próximos o que traz na alma: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos» (Mt 9, 37). Há muitas pessoas a quem é preciso ajudar, mas são poucos a dedicar-se a essa tarefa urgente. O mundo precisa de Deus. E Jesus, melhor do que ninguém, sabe disso. «Como podem eles invocar Aquele em Quem não acreditaram? E como podem acreditar, se d'Ele não ouvirem falar? E como podem ouvir se ninguém lhes fala? E como lhes podem falar, se não houver enviados?» (Rm 10, 14-15). Perante uma tal necessidade, serão sempre poucos os que partilham com o Senhor a missão de comunicar ao mundo a alegria do Evangelho, de anunciar ao homem e à mulher de hoje essa mensagem de salvação.

Do fundo do coração de Jesus, nasce o pedido dirigido aos Seus discípulos: «Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a Sua messe» (Mt 9, 38). Daremos uma alegria ao Senhor se nos prepararmos para rezar com mais insistência por esta Sua intenção. Supliquemos ao nosso Pai Deus que nos inflame, a nós e a muitos cristãos, de uma santidade que nos encha de alegria e nos impulse a partilhá-la com todos. Peçamos-Lhe também que envie mais vocações para a Sua Igreja, e de

modo particular para a Obra: pessoas de todo o tipo e condição que, generosamente, decidam entregar toda a sua vida ao serviço do Evangelho.

CONTINUAMOS a meditar sobre a passagem do Evangelho que a liturgia hoje nos oferece. Imediatamente depois de ter confiado aos seus discípulos este pedido, Jesus chama-os e confere-lhes o poder necessário para serem eles a ajudar, na tarefa de irem ao encontro das necessidades de toda a humanidade: «Ide e pregai: 'O reino dos Céus está próximo'. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 9, 7-8). O Senhor pede aos Seus discípulos que rezem para que haja muitas almas generosas que se decidam a colaborar com Ele e, ao mesmo tempo, pede-lhes também que eles próprios levem a cabo esta urgente tarefa.

Quando pedimos vocações, o Senhor renova continuamente a nossa própria missão de apóstolos. «São muitos os cristãos – diz S. Josemaria –, persuadidos de que a Redenção se há de realizar em todos os ambientes do mundo, e de que deve haver algumas almas (não sabem quais) que contribuam para a realizar com Cristo. Mas veem-na a um prazo de séculos, de muitos séculos... de uma eternidade, se se realizasse ao ritmo da sua entrega. Assim pensavas tu, até que vieram ‘despertar-te’»^[1].

Se pedirmos sinceramente ao Senhor que envie trabalhadores para cuidarem da abundante colheita, se tivermos esta manifestação clara, embora íntima, da paixão apostólica, essa oração redundará também em mais santidade e fidelidade pessoais para nós. Pedir a Deus que desperte mais cristãos para a alegria de evangelizar servirá também como um despertador para nós. Maria, antes do Anúncio do Anjo, manifestou a sua plena disponibilidade para que a palavra de Deus se cumprisse na sua vida. Esta sua atitude foi sempre acompanhada pelo desejo de que todos os que a rodeavam fizessem o que Jesus dizia (cf. Jo 2, 5). A Ela confiamos a nossa oração de petição para que haja mais evangelizadores, e pedimos a sua intercessão para que esta atitude nos aproxime cada vez mais do seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 1.

II domingo do Advento (Ciclo C)

Reflexão para meditar no II domingo do Advento (Ciclo C). Os temas propostos são: a nossa esperança fundamenta-se na certeza de que Deus entrou na História; ver o nosso passado com esperança; ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.

Sumário

- A nossa esperança fundamenta-se na certeza de que Deus entrou na História.
- Ver o nosso passado com esperança.
- Ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.

«A COMEMORAÇÃO ANUAL do nascimento do Messias em Belém renova no coração dos crentes a certeza de que Deus cumpre as suas promessas. Por isso o Advento é um forte anúncio de esperança»^[1]. E, ao considerar a esperança, podemos cair no erro de pensar que se trata de algo orientado exclusivamente para o futuro, pareceria que perante uma adversidade de qualquer tipo, recorrer a esta virtude consistiria em se distanciar do passado, fechar os olhos ao presente e sonhar com um futuro melhor.

Contudo, não é por acaso que este tempo litúrgico de esperança se situa entre a lembrança da primeira vinda de Jesus Cristo em Belém e a expectativa da sua vinda gloriosa no fim dos tempos. Quer dizer, o Advento recorda-nos, ao mesmo tempo, o passado e o futuro. «A nossa esperança não carece de fundamento, mas apoia-se num acontecimento que se situa na História e, ao mesmo tempo, supera a História: o acontecimento constituído por Jesus de Nazaré»^[2].

S. Lucas, no Evangelho da Missa de hoje, é muito preciso ao fundamentar bem o momento histórico em que pregou S. João Batista, precursor de Cristo: «No décimo quinto ano do reinado do imperador

Tibério, quando Pôncio era Pilatos governador da Judeia, Herodes tetrarca da Galileia, a seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide, e Lisânias tetrarca de Abilena, sob o pontificado de Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias» (Lc 3, 1-2). Um Menino, nascido num presépio, num momento determinado, é quem nos salva do mal. Deus não é um ser afastado, difícil de conhecer, que entende pouco dos nossos problemas e com quem nos é impossível relacionar-nos. O Criador entrou na nossa História: esta é a raiz da nossa esperança.

«DOU GRAÇAS ao meu Deus (...) – diz S. Paulo na segunda leitura – convencido de que quem começou em vós esta boa obra a levará a bom termo, até ao dia de Cristo Jesus» (Flp 1, 6). Pode acontecer que nem sempre percebamos esta «boa obra» que Deus iniciou nas nossas vidas, ou simplesmente porque estamos distraídos ou pela experiência das próprias fraquezas. Mas isso não impede que o Senhor atue nas nossas almas, pelo contrário, Deus tem predileção por todo «o coração contrito e humilhado» (Sl 51, 17) porque, como escreve também S. Paulo, onde «se multiplicou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). S. Josemaria via com otimismo a experiência das próprias debilidades: pensava que, quanto mais evidentes são, mais profundos poderão ser os alicerces da nossa vida espiritual^[3].

Por isso, a virtude da esperança nutre-se de duas atitudes que poderão parecer antagónicas. Por um lado, ganha força o agradecimento por tudo o que o Senhor quis oferecer-nos. «O Senhor foi magnânimo connosco e estamos alegres» (Sl 125, 13), cantamos, cheios de gozo, com o salmista. Uma esperança baseada no grande amor que Deus nos tem, na obra que faz por nós, pode sustentar-nos nos tempos difíceis. Mas a nossa esperança também se fortalece quando contemplamos a nossa própria vida com um olhar reconciliador: «Se não nos reconciliamos com a nossa história, nem sequer podemos dar o passo seguinte, porque sempre seremos prisioneiros das nossas expectativas e das conseqüentes decepções»^[4]. Deus nunca nos pede coisas impossíveis; só quer que O deixemos entrar até ao mais profundo da nossa alma, também do nosso passado. Então, poderá dirigir os nossos passos futuros para o encontro com Cristo que vem.

A ICONOGRAFIA ANTIGA representava a esperança como uma âncora. Daí que, em muitas embarcações, a âncora mais pesada e mais importante tenha o nome desta virtude teologal. Esperar em Deus sustenta-nos nos momentos da tormenta. Mas a imagem da âncora não deve fazer-nos pensar numa imobilidade vital, como se a solução para os nossos problemas consistisse em ficarmos paralisados. Jesus Cristo vem renovar todas as coisas (cf. Ap 25, 1) pelo que ancorar-se nele é estar disposto a zarpar para oceanos inimagináveis.

«Jerusalém, despoja-te do vestido de luto e aflição que levas e veste-te de galas perpétuas da glória que Deus te concede» (Br 5, 1). A esperança conjuga uma aceitação realista da nossa vulnerabilidade com a abertura para os dons que Deus nos concede cada dia. Sem negar a nossa personalidade nem o nosso passado, queremos revestir-nos pouco a pouco de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 13, 14). Assim, a chegada de Jesus no Natal não será um acontecimento meramente exterior, mas alcançaremos uma maior intimidade com esse Deus que quis fazer-se Menino para caber nos nossos corações.

S. Josemaria considerava a esperança como «um suave dom de Deus (...) que enchia as nossas almas de alegria»^[5]. Ancorar a nossa vida no passado da nossa salvação e no futuro da segunda vinda de Jesus dá ao presente uma divina suavidade; cada momento da nossa vida transforma-se num encontro com Jesus que veio e que virá. Maria, esperança nossa, soube abrir a sua própria história ao futuro de Deus e, por isso, foi muito feliz em cada momento da sua passagem pela terra.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Audiência, 17/12/2003.

[2] Bento XVI, Homilia, 01/12/2007.

[3] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 712: «Bem fundo caíste. Começa os alicerces a partir daí (...)».

[4] Francisco, *Patris Corde*, n. 4.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 206.

II domingo do Advento (Ciclo A)

Reflexão para meditar no II domingo do Advento (Ciclo A). Os temas propostos são: a nossa esperança fundamenta-se em que Deus entrou na história; olhar para o nosso passado de maneira esperançada; ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.

Sumário

- A nossa esperança fundamenta-se em que Deus entrou na história.
- Olhar para o nosso passado de maneira esperançada.
- Ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.

«A RECORDAÇÃO ANUAL do nascimento do Messias em Belém renova no coração dos crentes a certeza de que Deus é fiel às suas promessas. Por conseguinte, o Advento é *anúncio poderoso de esperança*»^[1]. E ao considerar a esperança, podemos cair no erro de pensar que se trata de algo orientado exclusivamente para o futuro; pareceria que, perante uma adversidade seja de que tipo for, recorrer a esta virtude consistiria em rejeitar o passado, fechar os olhos ao presente e sonhar com um futuro melhor.

Contudo, não é por acaso que este tempo litúrgico de esperança se situa entre a memória da primeira vinda de Cristo em Belém e a expectativa do seu regresso glorioso no fim dos tempos. Ou seja, o Advento recorda-nos, ao mesmo tempo, o passado e o futuro. «A nossa esperança não está desprovida de um fundamento, mas alicerça-se num acontecimento que se insere na história e, ao mesmo tempo, excede a história: trata-se do acontecimento constituído por Jesus de Nazaré»^[2].

S. Mateus apresenta-nos João Batista como o precursor de Cristo. Ele anuncia a chegada iminente de Quem tinha sido esperado durante tanto tempo: «Convertei-vos, porque chegou o Reino dos Céus». Mas esse Messias não se tornará presente com uma demonstração de força, como

muitos imaginavam: fá-lo-á nascendo numa manjedoura. Deus não ficou como um ser distante, difícil de conhecer, que entende pouco dos nossos problemas e com quem é quase impossível relacionar-nos. O criador entrou na nossa história como mais um e tornou-se muito próximo: esta é a raiz da nossa esperança.

«TUDO o que foi escrito anteriormente foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela paciência e consolação que tiramos das Escrituras, tenhamos esperança» (Rm 15, 1-9). Pode suceder que nem sempre saibamos conservar essa esperança. A experiência das nossas próprias fraquezas pode fazer-nos pensar que Deus acabará por perder a paciência connosco. No entanto, o Senhor emociona-se ao ver que sentimos necessidade d'Ele, também quando nos aproximamos d'Ele com um «coração contrito e humilhado» (Sl 51, 17). Pois, como escreve também S. Paulo, onde «abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). S. Josemaria via com otimismo a experiência das próprias debilidades: pensava que, quanto mais evidentes podiam ser, mais profundos podiam ser os alicerces da própria vida espiritual^[3].

Por isso, a virtude da esperança nutre-se de duas atitudes que podiam parecer antagónicas. Por um lado, tira forças do agradecimento para com tudo o que o Senhor quis oferecer-nos. Uma esperança afiançada no grande amor que Deus nos tem, na obra que faz connosco, pode apoiar-nos em tempos difíceis. Contudo, a nossa esperança também se fortalece quando contemplamos a nossa própria biografia com um olhar reconciliador: «Se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguiremos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expectativas e consequentes desilusões»^[4]. Deus nunca nos pede coisas impossíveis; só quer que O deixemos entrar até ao mais profundo da nossa alma, também do nosso passado. Poderá então dirigir os nossos passos futuros em direção ao encontro com Cristo que vem.

A ICONOGRAFIA ANTIGA representava a esperança como uma âncora. Daí que, em muitas embarcações, a âncora mais pesada e mais importante receba o nome desta virtude teologal. Esperar em Deus apoia-

nos nos momentos de tormenta. Mas a imagem da âncora não devia fazer-nos pensar num imobilismo vital, como se a solução para os nossos problemas consistisse em ficarmos paralisados. Jesus Cristo vem renovar todas as coisas (cf. Ap 25, 1), pelo que ancorar-se n'Ele é estar disposto a zarpar até oceanos não imaginados.

«Julgará os pobres com justiça, e com equidade os humildes da terra» (Is 11, 4). A esperança conjuga uma aceitação realista da nossa vulnerabilidade com a abertura aos dons que Deus nos oferece cada dia. Sem negar a nossa personalidade nem o nosso passado, queremos revestir-nos pouco a pouco de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 13, 14). Deste modo, a chegada de Jesus no Natal não será um evento meramente exterior, mas alcançaremos uma maior intimidade com esse Deus que quis fazer-se Menino para caber nos nossos corações.

S. Josemaria considerava a esperança como um «suave dom de Deus (...) que enche de alegria a nossa alma»^[5]. Ancorar a nossa vida no passado da nossa salvação, e no futuro da segunda vinda de Jesus, dota o presente de uma divina suavidade; cada momento da nossa vida transforma-se num encontro com Jesus que veio e que virá. Maria, esperança nossa, soube abrir a sua própria história ao futuro de Deus e por isso foi tão feliz em cada momento da sua passagem pela terra.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Audiência, 17/12/2003.

[2] Bento XVI, Homilia, 01/12/2007.

[3] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 712: «Bem fundo caíste! Começa os alicerces a partir daí (...)».

[4] Francisco, *Patris corde*, n. 4.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 206.

II domingo do Advento (Ciclo B)

Reflexão para meditar no II domingo do Advento (Ciclo B). Os temas propostos são: misericórdia e paciência de Deus; chamada à conversão; repudiar o pecado.

Sumário

- Misericórdia e paciência de Deus.
- Chamada à conversão.
- Repudiar o pecado.

INICIAMOS a segunda semana do Advento e o Senhor vem de novo ao nosso encontro, convidando-nos a preparar a vinda do seu Filho. O ciclo litúrgico ajuda-nos a não perder de vista o amor misericordioso de Deus, que não se cansa de perdoar-nos. Por isso, já desde a primeira leitura, recorda-nos o chamamento à conversão feito pelo profeta Isaías: «Uma voz clama: preparai no deserto o caminho do Senhor. Aplanai na estepe um caminho reto para o nosso Deus. Todo o vale será levantado e todas as colinas e montanhas niveladas; o que é acidentado será reto, e o que é escarpado, plano» (Is 40, 3-4).

Ao mesmo tempo que os profetas do Antigo Testamento exortavam o povo para que se arrependesse dos seus pecados, anunciavam igualmente que no futuro se estabeleceria uma nova aliança por meio de um descendente de David. A leitura de Isaías faz alusão a um arauto que anunciará a chegada do Senhor: «Sobe a um alto monte, arauto de Sião; clama com voz forte, arauto de Jerusalém; levanta a voz sem receio e diz às cidades de Judá: Aqui está o vosso Deus. Olhai, o Senhor chega com o seu poder» (Is 40, 9-10).

S. Marcos começa o seu Evangelho citando precisamente esse convite do profeta, para que seja pano de fundo para a apresentação de S. João Batista: ele é a figura anunciada por Isaías, é ele quem preparará a chegada

definitiva do Senhor. O início da vida pública de Jesus é precedido pela oração e penitência do seu primo, que pregava a importância da «conversão para remissão dos pecados» (Mc 1, 4).

O tempo do Advento é um bom momento para acolher este convite à mudança interior; podemos também agradecer ao Senhor pela sua misericórdia para conosco, perdendo tantas vezes os nossos pecados. Ele «preside a nossa oração e tu, meu filho, falas com Ele como se fala com um irmão, com um amigo, com um pai: cheio de confiança diz-lhe: Senhor, tu que és toda a grandeza, toda a bondade, toda a Misericórdia, sei que Tu me ouves! Por isso, me enamoro de Ti com a rudeza das minhas maneiras, das minhas pobres mãos sujas pelo pó do caminho»^[1].

DEPOIS da apresentação de Batista, S. Marcos faz um breve perfil da sua pregação, das suas obras e dos efeitos da sua missão: «Toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém vinham até ele (...). João vestia-se de pelo de camelo, com um cinto de couro à cintura, alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre» (Mc 1, 5-6).

A vida austera de S. João é o que primeiro chama a atenção na sua mensagem. A sua pregação é feita com obras, como digno representante de uma família sacerdotal, totalmente dedicado à missão para a qual o Senhor o havia designado. A sua atitude, o seu modo de vida e as suas roupas, manifestam que ele é o novo Elias, aquele que estava previsto para preceder o Ungido de Deus. Além disso, retirou-se para o deserto e viveu uma existência penitencial que o próprio Jesus viria mais tarde a louvar: «Que fostes ver ao deserto? Um homem vestido com roupas luxuosas? Mas aqueles que usam roupas luxuosas encontram-se nos palácios reais. Então, que fostes ver? Um profeta? Sim, Eu vo-lo digo, e mais do que um profeta» (Mt 11, 8-9).

O estilo de vida de João Batista, a forma como preparou a vinda de Jesus, é o que a Igreja nos propõe como meditação à medida que nos encaminhamos para a celebração do Natal. «O apelo de João Batista vai, portanto, mais longe e mais em profundidade no que diz respeito à sobriedade do estilo de vida: convida a uma mudança interior a partir do

reconhecimento e da confissão do próprio pecado. Ao prepararmos-nos para o Natal, é importante que nos voltemos para nós mesmos e façamos um exame sincero da nossa vida»^[2].

Também nós somos chamados a preparar-nos interiormente para o nascimento de Cristo, com obras de conversão e penitência. Assim pregava S. Josemaria no início de um ano litúrgico. «O Senhor quer que sejamos devotos, fiéis, delicados, amorosos. Ele quer-nos santos, muito seus. (...) Foste chamado a uma vida de fé, de esperança e de caridade. Não podes cruzar os braços e refugiar-te num medíocre isolamento. Invoca comigo Nossa Senhora e imagina como passaria Ela aqueles meses, à espera do Filho que havia de nascer. E Nossa Senhora, Santa Maria, fará com que sejas *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo!»^[3].

A FIGURA penitente de S. João Batista preparava aqueles que o procuravam. A todos convidou a desejar e a pedir a graça que o Messias traria: «Depois de mim vem quem é mais forte do que eu, a quem eu não sou digno de me inclinar para Lhe desatar as correias das sandálias. Eu tenho-vos batizado em água, Ele, porém, batizar-vos-á no Espírito Santo» (Mc 1, 7-8). Embora os ritos batismais de S. João Batista não fossem ainda o sacramento com o qual Jesus nos incorpora no mistério da sua morte e ressurreição, serviram para expressar o desejo de mudança, a aversão ao pecado e a conversão a Deus.

Uma das dimensões do Advento, para além da preparação para o Natal, é a consideração do juízo; da vinda definitiva de Jesus no final dos tempos. Ao olharmos a nossa vida à luz daquele momento que indubitavelmente chegará, muitas vezes nos ajudará a mudar a perspetiva com que consideramos os acontecimentos diários da nossa existência. Incentiva-nos a retirar todo o proveito dos talentos recebidos, incentiva-nos a aproveitar melhor o tempo e a dar mais glória a Deus. Mais ainda, a conversão inclui a dor por termos ofendido a Deus, e o propósito de repudiar o pecado como o único verdadeiro mal: «Desejaria, Senhor, realmente, de uma vez por todas, ter ódio incomensurável a tudo que emana da sombra do pecado, mesmo do venial. Queria uma compunção como tiveram aqueles que mais Te souberam agradar»^[4].

A prática penitencial de S. João Batista não se limitava ao rito batismal, mas como uma forma de manifestar externamente a mudança interior. Os peregrinos também «confessavam os seus pecados» (Mc 1, 5). Embora ainda não fosse o sacramento da reconciliação, aquelas confidências facilitavam a ação de Deus em cada alma e o reinício de uma vida nova. Depois da vinda de Jesus Cristo, podemos não só manifestar externamente as nossas fraquezas – como aqueles que falaram com João –, mas contamos com o perdão do próprio Deus no sacramento da misericórdia: «Celebrar o sacramento da Reconciliação significa ser envoltos num abraço caloroso: é o abraço da misericórdia infinita do Pai (...). Cada vez que nos confessamos, Deus abraça-nos, Deus faz festa»^[5].

Dirijamo-nos à Santíssima Virgem, modelo de preparação para a chegada do Deus Menino. Ela nos ajudará a pedir, com a oração coleta da Missa, que purifiquemos as nossas disposições neste tempo de Advento: «Deus onnipotente e misericordioso, que os cuidados deste mundo não sejam obstáculo para caminharmos generosamente ao encontro de Cristo, mas que a sabedoria nos leve a participar do esplendor da Sua glória»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, Rialp, Madrid, 2017, p. 123

[2] Bento XVI, Angelus, 04/12/2011.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 11.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 23, de abril de 1930.

[5] Francisco, Audiência, 19/02/2014.

[6] Missal romano, II Domingo do Advento, oração coleta.

Segunda-feira da II semana do Advento

Reflexão para meditar na segunda-feira da II semana do Advento. Os temas propostos são: fé e esperança no poder salvador de Deus; alegria e confiança; transmiti-la aos outros, superando as dificuldades.

Sumário

- Fé e esperança no poder salvador de Deus.
- Alegria e confiança.
- Transmitti-la aos outros, superando as dificuldades.

O EVANGELHO de S. Lucas apresenta-nos Jesus em Cafarnaum, provavelmente em casa de Pedro. Tinha-se congregado ali um bom número de pessoas para ouvir a pregação do Mestre, incluindo «uns fariseus e mestres da lei, vindos de todas as aldeias de Galileia, Judeia e Jerusalém» (Lc 5, 17). Um comentário do evangelista médico chama a atenção: «O poder do Senhor levava-o a realizar curas» (Lc 5, 17). S. Lucas está a preparar o terreno para descrever um episódio extraordinário. E a liturgia, ao colocar esta passagem na segunda semana de Advento, convida-nos a confiar mais na onnipotência do nosso Pai Deus para nos salvar.

Havia muita gente naquela casa. «Apareceram então uns homens que traziam um paralítico num catre e procuravam fazê-lo entrar e colocá-lo diante dele. Não achando por onde introduzi-lo, devido à multidão, subiram ao teto e, através das telhas, desceram-no com a enxerga, para o meio, em frente de Jesus» (Lc 5, 18-19). Foi uma decisão muito audaz, que mostra o carinho que tinham pelo seu amigo. Também se vê a docilidade e a fé que o doente tinha no poder curativo do Mestre. Tinha deixado que o descessem, o que certamente tinha sido perigoso para a sua integridade. Estava certo de que talvez se pudessem repetir nele os milagres que Jesus tinha feito noutras localidades vizinhas.

Talvez algum dos presentes tenha pensado que o Senhor se incomodaria com essa interrupção, porém, quando o doente tocou o chão, foi outra a reação do Mestre. Jesus ficou encantado com esta atitude; tanto, que o evangelho simplesmente narra que «Ele, vendo a fé daqueles homens, disse: “Homem, os teus pecados estão perdoados”» (Lc 5, 20). O Senhor mostra que, antes de tudo, quer curar o espírito. «O paralítico é a imagem de cada ser humano impedido pelo pecado de se movimentar livremente, de caminhar pela vereda do bem e de dar o melhor de si mesmo. Com efeito, inserindo-se na alma, o mal amarra o homem com os laços da falsidade, da ira, da inveja e dos outros pecados, paralisando-o pouco a pouco. Por isso Jesus, suscitando o escândalo dos escribas presentes, diz primeiro: “os teus pecados estão perdoados”»^[1].

A MISERICÓRDIA do Senhor é o motivo último da nossa alegria e da nossa confiança n’Ele. «Pensas que os teus pecados são muitos, que o Senhor não poderá ouvir-te? Não é assim, porque tem entranhas de misericórdia. E observai o que nos conta S. Mateus, quando põem diante de Jesus um paralítico. Aquele doente não diz nada: só está ali, na presença de Deus. E Cristo, comovido por essa contrição, pela dor daquele que sabe que nada merece, não tarda em reagir com a sua misericórdia habitual: “Tem confiança, são-te perdoados os teus pecados”»^[2].

Chama a atenção que «então os escribas e os fariseus começaram a pensar: “Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, a não ser Deus?”» (Lc 5, 21). Com um pouco de humildade, teriam podido pensar como os discípulos: se este homem perdoa os pecados, é porque Deus está com ele. Contudo, na sua ânsia de conservar o seu poder, na sua pouca capacidade de se deixarem surpreender com os planos divinos, só pensavam em dificultar a obra do Mestre. «Mas Jesus, penetrando nos seus pensamentos, tomou a palavra e disse-lhes: «Que estais a pensar em vossos corações? Que é mais fácil dizer: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te e anda’? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem, na terra, o poder de perdoar pecados, ordeno-te, disse ao paralítico: levanta-te, pega na enxerga e vai para tua casa» (Lc 5, 22-24).

Jesus deixa bem claro que a obra mais importante do Messias é o perdão dos pecados. E, para mostrar a autoridade que tem para o fazer, devolve também a saúde física ao rapaz. Mas o mais importante, e o doente assim o experimentou, foi o facto de lhe ter restituído a alegria interior, lhe ter concedido a graça do perdão. Cumpriram-se nele as palavras do profeta que lemos na primeira leitura: «Fortalecei as mãos débeis, robustecei os joelhos vacilantes. Dizei aos que têm o coração pusilânime: “Tomai ânimo, não temais!”. Eis o vosso Deus, que vem para vos vingar. Deus vem em pessoa retribuir-vos e salvar-vos. Então se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria; porque as águas jorraram no deserto e as torrentes na estepe» (Is 35, 3-6).

O Advento é tempo de alegria porque a Igreja nos convida a consolidar a nossa alma com essa força de Deus: «Como é admirável o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, a sua intensidade divina e a capacidade de o derramar sobre os seus irmãos! Nunca conseguiremos aperceber-nos claramente do mal que cometemos, nós, os homens, ao longo da história (...). Mas a tanta maldade, que lhe esgota a alma e o corpo com um padecimento indescritível, responde com essa plenitude de amor, tão imensa, que limpa essa catadupa de miséria: “Homem, os teus pecados te são perdoados” (Lc 5, 20)»^[3].

«A MENSAGEM é clara: paralisado pelo pecado, o homem tem necessidade da misericórdia de Deus, que Cristo veio transmitir-lhe, a fim de que, purificado no coração, toda a sua existência possa reflorescer. Todavia, a Palavra de Deus convida-nos a ter um olhar de fé e a confiar, como as pessoas que levaram o paralítico, que só Jesus pode curar verdadeiramente»^[4].

A reação do recém-curado foi lógica: «No mesmo instante, ergueu-se à vista deles, pegou na enxerga em que jazia e foi para a sua casa, glorificando a Deus» (Lc 5, 25). Quem experimentou a misericórdia divina, o perdão dos pecados, a cura da doença, deseja partilhar a sua alegria, comunicar o motivo da sua felicidade aos que mais ama. O recém-curado não se amedrontou perante as dificuldades do ambiente, nem diante das

críticas dos escribas e dos fariseus, antes regressou dando testemunho do que Deus tinha feito nele. «Se não queremos desperdiçar o tempo inutilmente – nem sequer com falsas desculpas das dificuldades exteriores do ambiente, que nunca faltaram desde o princípio do cristianismo – devemos ter muito presente que, de um modo normal, Jesus Cristo vinculou à vida interior a eficácia da nossa ação para arrastar os que nos rodeiam»^[5].

Noutras ocasiões, as inquietudes podem vir do nosso interior, quando as nossas misérias se levantam e nos fazem ver como impossível o que o Senhor nos pede. Para esses momentos de tentação, pode servir-nos o convite que S. Josemaria nos faz para crescer na vida de fé: «Faremos milagres como os de Cristo, milagres como os dos primeiros Apóstolos... Talvez esses prodígios se tenham dado contigo mesmo, ou comigo... Talvez fôssemos cegos, ou surdos, ou estropiados, ou cheirássemos a cadáver, e a palavra do Senhor nos tivesse levantado da nossa prostração... Pois bem: se amamos Cristo, se o seguimos com sinceridade, se não nos procuramos a nós mesmos, mas tão só a Ele, em seu nome poderemos transmitir a outros de graça, o que de graça nos foi concedido»^[6].

A Virgem Santíssima intercede perante o seu Filho para que, tal como faz há vinte e um séculos, como fruto do nosso testemunho se continue a repetir: «Todos ficaram estupefactos e glorificaram a Deus» (Lc 5, 26).

NOTAS

[1] Bento XVI, *Angelus*, 19/02/2006.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 253.

[3] Javier Echevarría, *Getsemani*, DIEL, Lisboa, 2011, VII, 12.

[4] Bento XVI, *Angelus*, 19/02/2006.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 5.

Terça-feira da II semana do Advento

Reflexão para meditar na terça-feira da II semana do Advento. Os temas propostos são: o Senhor vem ao nosso encontro; começar e recomeçar sempre; confiar mais em Deus e menos em nós próprios

Sumário

- O Senhor vem ao nosso encontro.
- Começar e recomeçar sempre.
- Confiar mais em Deus e menos em nós próprios.

«O SENHOR VIRÁ com todos os Seus santos; nesse dia, brilhará uma grande luz»^[1]. Jesus Cristo veio à terra para nos perdoar, para nos salvar, como lemos no evangelho da Missa de hoje: «Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, não deixará ele as noventa e nove pelos montes, para ir procurar a que anda tresmalhada?» (Mt 18, 12). O Bom Pastor vem procurar aquele que, por uma razão ou outra, se afastou. Volta uma vez mais para nos encher da sua vida, para nos fortalecer na nossa chamada à santidade.

Desejamos escutar novamente aquela voz que a primeira leitura descreve como a de «um pastor que apascenta o rebanho, reúne-o com o cajado na mão, leva os cordeiros ao colo, e faz repousar as ovelhas que têm crias» (Is 40, 11). O Senhor está empenhado em que experimentemos a alegria da santidade e insiste em procurar-nos: «Tem pressa de encontrar a centésima ovelha que se tinha perdido (...). Maravilhosa condescendência de Deus, que assim procura o homem; que grande dignidade a do homem, que assim é procurado por Deus!»^[2].

Nós, rapidamente, vamos ao seu encontro, dispostos a renovar o nosso amor. «Chegou para nós um dia de salvação, de eternidade. Uma vez mais se ouvem esses assobios do Pastor Divino, as suas palavras carinhosas: “*Vocavi te nomine tuo*”. – Chamei-te pelo teu nome.

Como a nossa mãe, Ele convida-nos pelo nome. Mais: pelo apelativo carinhoso, familiar. Lá, na intimidade da alma, chama, e é preciso responder: “*Ecce ego, quia vocasti me*”. Aqui estou, porque me chamaste; decidido a que desta vez não passe o tempo como a água sobre os seixos rolados, sem deixar rasto»^[3]. Queremos que este Advento deixe marca nas nossas almas, porque ao escutar o nosso nome dos lábios do Bom Pastor, desejamos que a sua graça nos renove.

«PREPARAI no deserto o caminho do Senhor. Traçai no descampado uma senda para o nosso Deus. Que todo o vale seja preenchido, todo o monte e outeiro aplanados, e o escarpado se torne planície!» (Is 40, 3-4). As palavras do profeta Isaías, que lemos na primeira leitura da Missa, convidam-nos a preparar-nos o melhor possível para receber a graça que o Senhor nos quer oferecer com a sua vinda.

Damo-nos conta de que deveríamos melhorar em tantas coisas: no nosso desejo de alcançar uma vida contemplativa, no espírito de sacrifício, no modo de trabalhar, na preocupação pelas almas, no apostolado... E não de uma forma genérica, mas sim em pontos concretos: por exemplo, no que nos aconselham na direção espiritual ou na confissão, ou nesta virtude concreta que sabemos que nos faz muito bem. Podemos aspirar, com a graça de Deus, a ser transformados sempre um pouco mais, embora às vezes aconteça mais lentamente do que queríamos: «Nunca me agradaram as biografias dos santos em que, com ingenuidade, mas também com falta de doutrina, nos apresentam as façanhas desses homens, como se estivessem confirmados na graça desde o seio materno. Não. As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta»^[4].

Para ir ao encontro de Jesus é necessário nunca deixar adormecer esse impulso interior que nos leva a procurá-lo, que nos conduz constantemente à santidade que nos espera. «Ainda avanço – diz Sto. Agostinho –, ainda caminho, mas embora esteja no caminho, embora me esforce, ainda não cheguei. Portanto, se tu também caminhas, se te esforças, se pensas no que há de vir, esquece o passado, não ponhas o teu olhar nele, para não ficares

preso no lugar para onde voltaste a olhar. Se dizes: já chega! Estás perdido»^[5].

DEPOIS de contar a parábola do pastor que vai à procura da ovelha que se perdeu, Jesus conclui: «Assim também é da vontade de vosso Pai que está no Céu que não se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). O Senhor nunca nos abandona. Essa é a nossa esperança. Sempre haverá obstáculos, mas essa fragilidade, quando reconhecida como tal, atrai a fortaleza de Deus. Ele, que é o Senhor dos exércitos, lidera a luta, «e um chefe no campo de batalha estima mais o soldado que, depois de ter fugido, volta e ataca com ardor o inimigo, do que o que nunca voltou as costas, mas também nunca levou a cabo uma ação valente»^[6]. Não se santifica aquele que nunca cai – uma alma assim não existe – mas sim o que se levanta com agilidade.

A vida cristã é uma vida de combate espiritual. Trata-se de uma luta cheia de paz, de desportivismo, de alegria, porque tem como principal fundamento a confiança em Deus. «Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a Si como em plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir cada dia um pouco. Procura-nos, da mesma forma que procurou os discípulos de Emaús, ou seja, saindo-lhes ao encontro; como procurou Tomé e lhe mostrou e lhe fez tocar com os seus dedos as chagas abertas nas mãos e no peito. Jesus Cristo sempre está à espera que voltemos para Ele, precisamente porque conhece a nossa fraqueza»^[7].

É necessário, pois, ser humildes diante de Deus, como uma criança que faz um esforço para se portar bem, e, embora muitas vezes não consiga, apercebe-se sempre do carinho incondicional dos seus pais. O Senhor fica satisfeito quando nos vê recorrer a Ele à procura de ajuda, e, quando é necessário, do seu perdão. Aí está, em boa parte, o segredo da santidade. Contamos também com o apoio da nossa Mãe Santíssima. Ela ajuda-nos sempre a recomeçar, a deixarmo-nos encontrar de novo pelo Bom Pastor: «Recorrer, por Maria, tua Mãe, ao Amor Misericordioso de Jesus. – Um "*miserere*" e, coração ao alto! – A começar de novo»^[8].

NOTAS

[1] Antífona de entrada de terça-feira da II semana do Advento.

[2] S. Bernardo, Sermão no Advento do Senhor, I, 7.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 7.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 76.

[5] Sto. Agostinho, Sermão 169, 18.

[6] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 34, 4.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 75.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 711.

quarta-feira da II semana do Advento

Reflexão para meditar na quarta-feira da II semana do Advento. Os temas propostos são: cansaço e desânimo; mansidão e humildade de coração; o jugo do Senhor é suave.

Sumário

- [Cansaço e desânimo.](#)
 - [Mansidão e humildade de coração.](#)
 - [O jugo do Senhor é suave.](#)
-

O EVANGELHO da Missa de hoje fala de um consolador convite de Jesus aos Seus discípulos: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (Mt 11, 28). Jesus cuida do cansaço dos Seus, esgotados pela azáfama da primeira missão apostólica. Na vida, é normal que cheguem momentos de cansaço ou desânimo, causados pelo desgaste natural dos dias, pelas contradições que o atrito com os outros ou os nossos próprios defeitos podem gerar. O que fazíamos com entusiasmo, no início, de repente torna-se mais difícil; ou também começamos a notar que as nossas capacidades estão a tornar-se mais limitadas.

Nestas circunstâncias, é lógico que façamos o mesmo que Jesus fez quando visitou a casa dos Seus amigos em Betânia ou quando disse aos Seus discípulos: «Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco» (Mc 6, 31). Evitar ou remediar o *stress* e o peso que o ritmo atual de vida pode trazer é uma forma de servir a Deus e às almas: dormir as horas adequadas, fazer exercício ou outros planos de descanso, fazer uma caminhada mais longa periodicamente para mudar de ares e recuperar as forças, etc.

Além disso, é o próprio Senhor que deseja ser o nosso descanso. Isto é-nos claramente indicado: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (Mt 11, 28). «Jesus está numa atitude de convite, conhecimento e compaixão por nós; mais ainda, de oferta, de

promessa, de amizade, de bondade, de remédio para os nossos males, de consolador e, muito mais ainda, de alimento, pão, fonte de energia e de vida»^[1]. Deus lembra-nos que na oração e na adoração também podemos encontrar descanso para a nossa alma.

JESUS continua a Sua pregação com conselhos que revelam o segredo do descanso nas dificuldades da vida: «Aprendeis de mim porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas» (Mt 11, 29). Para não carregar aos ombros pesos que não provêm de Deus, o Senhor convida-nos a identificar-nos com Ele nestes dois aspetos concretos: a humildade e a mansidão.

«Humildade não é uma palavra qualquer, uma simples modéstia, uma coisa qualquer..., mas é palavra cristológica. Imitar Deus que vem até mim, que é tão grande que se faz meu amigo, sofre por mim, morreu por mim. Esta é a humildade que se deve aprender, a humildade de Deus»^[2]. Para se aproximar dela, S. Paulo deu um conselho prático para atuar sempre: «considerai os outros superiores a vós próprios» (Fl 2, 3). Além da humildade, Jesus também nos convida a imitá-l'O na Sua mansidão, o que «implica de novo (...) conformar-nos com Cristo, encontrar este espírito de ser mansos, sem violência, de convencer com o amor e com a bondade»^[3]. Jesus tinha já recomendado esta virtude na segunda bem-aventurança: «Felizes os mansos, porque possuirão a terra» (Mt 5, 5). «Se vivemos tensos, arrogantes diante dos outros, acabamos cansados e exaustos. Mas, quando olhamos os seus limites e defeitos com ternura e mansidão, sem nos sentirmos superiores, podemos dar-lhes uma mão e evitamos gastar energias em lamentações inúteis»^[4].

Peçamos ao Senhor que nos dê a graça, neste tempo do Advento, de imitá-l'O na Sua humildade e na Sua mansidão. Desta forma podemos encher de serenidade e acalmar o ambiente em que nos movemos, a nossa casa e o nosso trabalho. Então seremos também descanso para os outros, como Ele é para nós.

O SENHOR conclui os Seus ensinamentos com um conselho aparentemente paradoxal: «Tomai sobre vós o meu jugo» (Mt 11, 29). Jesus está a falar sobre descanso, sobre encontrar alívio, e recomenda tomar um jugo. «Em que consiste este “jugo” que em vez de pesar alivia, e em vez de esmagar alivia? – pergunta Bento XVI –. O “jugo” de Cristo é a lei do amor, é o Seu mandamento, que deixou aos Seus discípulos (cf. Jo 13, 34; 15,12). O verdadeiro remédio para as feridas da humanidade – sejam as materiais, como a fome e a injustiça, sejam as psicológicas e morais, causadas por um falso bem-estar – é uma regra de vida baseada no amor fraterno, que tem a sua origem no amor de Deus. Por isso, é necessário abandonar o caminho da arrogância, da violência usada para ganhar posições de poder cada vez maior, para garantir o sucesso a todo o custo»^[5].

Jesus propõe-nos uma troca: deixar o que nos pesa nas Suas mãos e carregarmos nós o Seu fardo. O jugo de Cristo, o Seu seguimento desde o presépio até à Cruz e à ressurreição, não é um caminho impossível nem penoso. «A aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz; a felicidade na Cruz. – Então se vê que o jugo de Cristo é suave e que o seu peso é leve»^[6].

No tempo do Advento, contemplamos que Deus se fixou na humildade de Maria ao escolhê-la para ser Sua mãe. Ela é o melhor exemplo de imitação de Deus na sua humildade e mansidão: «Maria glorifica o poder do Senhor, que depôs do trono os poderosos e elevou os humildes. E canta que n'Ela se realizou uma vez mais esta providência divina: “porque olhou para a baixeza da sua escrava; portanto, eis que, de hoje em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Maria manifesta-se santamente transformada, no seu coração puríssimo, em face da humildade de Deus»^[7].

NOTAS

[1] S. Paulo VI, Homilia, 12/06/1977.

[2] Bento XVI, Discurso, 04/03/2011.

[3] *Ibid.*

[4] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 72.

[5] Bento XVI, Angelus, 03/07/2011.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 758.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 96.

Quinta-feira da II semana do Advento

Reflexão para meditar na quinta-feira da II semana do Advento. Os temas propostos são: a necessidade de purificação interior; a pureza de coração; o amor cresce e atea-se na oração.

Sumário

- A necessidade de purificação interior.
- A pureza de coração.
- O amor cresce e atea-se na oração.

«Em verdade vos digo que, entre os filhos de mulher, não há ninguém maior que João Batista» (Mt 11, 11). Estas palavras de Jesus, que lemos no evangelho da Missa de hoje, foram fielmente preservadas pela Igreja, que venerou o Precursor de modo especial desde as suas origens. Este facto torna-se manifesto, por exemplo, na liturgia, que celebra o seu nascimento de forma solene, uma vez que está intimamente relacionado com o mistério da encarnação de Cristo.

Os quatro evangelhos também salientam a figura de S. João Batista. Ele é o último dos profetas, aquele que conclui o Antigo Testamento e aponta para o Novo, anunciando Jesus, o Messias, o Cordeiro de Deus. Quando seu pai, Zacarias, recuperou a fala – que tinha perdido pela sua falta de fé inicial –, louvou a Deus com o *Benedictus*, oração que se torna especialmente significativa neste tempo litúrgico: «E tu, menino, serás chamado Profeta do Altíssimo, porque irás adiante do Senhor para Lhe preparar o caminho, mostrando a salvação a todo o povo, para o perdão dos pecados» (Lc 1, 76-77). Expunha assim a missão que seria a de João: tornar mais fecundo o advento de Jesus, já iminente, chamando os corações à penitência e à conversão.

Para podermos descobrir a Cristo, precisamos de uma certa purificação. «Pede ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e à tua Mãe, que te façam

conhecer-te e chorar por esse montão de coisas sujas que passaram por ti, deixando – ai! – tanto depósito... E ao mesmo tempo, sem queres afastar-te dessa consideração, diz-lhe: “Dá-me, Jesus, um amor como fogueira de purificação, onde a minha pobre carne, o meu pobre coração, a minha pobre alma, o meu pobre corpo se consumam, limpando-se de todas as misérias terrenas... E, já vazio de todo o meu eu, enche-o de Ti: que não me apegue a nada daqui de baixo; que sempre me sustente o Amor”»^[1].

«SOU Eu, o Senhor, teu Deus, que te seguro pela mão direita e te digo: “Não temas, Eu venho em teu auxílio”» (Is 41, 13). Estas palavras do profeta Isaías, que ouvimos na primeira leitura da Missa, recordam-nos que, no esforço para nos dispormos melhor para receber Jesus, o mais importante é a nossa confiança na ajuda da graça divina: será Deus a transformar-nos, se formos dóceis às suas inspirações. Deste modo, teremos nova vida no coração, com a regeneração de tudo quanto permanecia estéril em nós até então; e poderemos saborear, tornada realidade na nossa alma, a doce promessa do Senhor: «Farei brotar rios nos montes escavados e fontes por entre os vales; transformarei o deserto em lago e a terra seca em nascentes de água» (Is 41, 18).

Deus conceder-nos-á a sua graça como esses rios destinados a vivificar os campos. Nesse misterioso cruzamento da nossa vontade com a sua, compete-nos desejar e acolher, afastando os obstáculos que poderiam sufocar o fruto. «Jesus, que o meu pobre coração seja horto selado», pedimos com S. Josemaria, «que o meu pobre coração seja um paraíso onde Tu vivas; que o meu Anjo da Guarda o guarde com espada de fogo, com que purifique todos os afetos antes de entrarem em mim; Jesus, sela o meu pobre coração com o divino selo da tua Cruz»^[2].

Desejamos amar o Senhor com todo o coração; por isso, pedimos-Lhe que nos ajude a melhorar o que ainda nos impede de ter os mesmos sentimentos que Ele: as faltas de caridade e de misericórdia com os outros, o egoísmo, a indiferença... Peçamos, pois, o auxílio da graça para limpar o nosso coração: «Este dom foi concedido àqueles que o pediram, àqueles que o quiseram, aos que trabalharam para o receber»^[3]. O apelo à purificação do coração que a Igreja nos dirige no Advento não é uma

simples ausência de contaminação. É algo completamente diferente, muito mais interessante e que está ao alcance de todos: queremos purificar o nosso coração – pedindo ao Senhor, com humildade, que no-lo conceda – para o identificar cada vez mais com o coração de Cristo.

«Nós, os cristãos, estamos apaixonados pelo amor; o Senhor não nos quer secos, rígidos, como a matéria inerte. Quer-nos impregnados do seu carinho!»^[4]. Para enchermos o nosso coração de amor divino, é necessária uma oração constante, como pedimos na oração coleta da Missa de hoje: «Despertai, Senhor, os nossos corações para preparar os caminhos de Vosso Filho Unigénito, a fim de que, pelo mistério da Sua vinda, possamos servir-Vos com espírito renovado». Pela nossa parte, devemos procurar «atuar, viver e morrer como apaixonados»^[5], fazendo nossa aquela oração de S. Josemaria: «Senhor, concede-me ser tão teu que não entrem no meu coração nem os afetos mais santos, se não através do teu coração chagado»^[6].

A liturgia do Advento repete com frequência um anúncio premente: o Senhor vem e temos de Lhe preparar um caminho cada vez mais amplo, uma morada cada vez mais limpa, um coração cada vez mais bem disposto. No entanto, para uma pessoa apaixonada, esperar é pouco; o amor impele-a a ir à procura. Por isso, queremos que o nosso amor se exprima num propósito de ir ao encontro do Senhor na oração, com expressões de afeto, como fizeram a Virgem Santíssima e S. José. Queremos encontrar Jesus nas nossas expressões de piedade durante o dia, para Lhe dizer que O amamos, que temos pena das nossas infidelidades, que estamos impacientes por recebê-lo.

Deus premiará o nosso esforço por nos aproximarmos dele porque, como recitamos no salmo de hoje, «O Senhor é clemente e compassivo, lento para a ira e rico em misericórdia» (Sl 145, 8). Ele nos dará um coração mais livre e mais apaixonado, do qual transborde paz e alegria para todos os que nos rodeiam. Para termos mais certeza de ser ouvidos, recorramos a Nossa Senhora, Mãe do Amor Formoso, seguindo o conselho de S. Josemaria: «Tens de dizer a Nossa Senhora agora mesmo, na solidão acompanhada do teu coração, falando sem ruído de palavras: “Minha Mãe, este meu pobre coração rebela-se algumas vezes... Mas se tu me ajudares...”

E ela ajudar-te-á, para que o conserves limpo e continues pelo caminho a que Deus te chamou: Nossa Senhora facilitar-te-á sempre o cumprimento da vontade de Deus»^[7].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 41.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 412.

[3] S. Jerónimo, *Comentário ao Evangelho de Mateus*, 3, 19, 11.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 183.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 988.

[6] *Ibid.*, n. 98.

[7] *Ibid.*, n. 315.

Sexta-feira da II semana do Advento

Reflexões para meditar na sexta-feira da II semana de Advento. Os temas propostos são: docilidade às inspirações de Deus; ver a realidade a partir da perspectiva de Deus; preparar-nos para ir ao encontro do Senhor.

Sumário

- Docilidade às inspirações de Deus.
- Ver a realidade a partir da perspectiva de Deus.
- Preparar-nos para ir ao encontro do Senhor.

JESUS, na sua pregação, inspirava-se na vida diária, facilitando, desta forma, a compreensão da sua mensagem. Aos pescadores falava de barcas e redes; aos agricultores, de sementes e colheitas; às donas de casa, das tarefas domésticas. É o que lemos no Evangelho da Missa de hoje.

Depois do escasso acolhimento dado pelas autoridades religiosas ao Sermão da Montanha e ao discurso apostólico, Jesus exclama com dor: «A quem poderei comparar esta geração? É como os meninos sentados nas praças, que se interpelam uns aos outros, dizendo: ‘Tocámos flauta e não dançastes; entoámos lamentações e não chorastes’» (Mt 11, 16-17).

O Mestre serve-se daquele refrão popular para lamentar a resposta dada às suas palavras. Aquelas pessoas, representantes da religiosidade judaica da altura, tiveram o privilégio de escutar a Boa Nova dos lábios do Filho de Deus e, no entanto, decidiram continuar na mesma, como se nada se tivesse passado. Pelo contrário, sabemos que muitos dos simples e humildes o acolheram com Fé. Por essa razão, mais tarde, Jesus elevará a sua oração ao Pai: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25).

Durante o tempo do Advento, o Senhor convida-nos à nossa preparação para a celebração do nascimento de Jesus. Podemos aproveitar para olhar, detidamente, para a nossa vida, concretamente, para a forma como acolhemos os dons de Deus: Recebemo-los como os pequenos e simples, que escutaram a palavra de Jesus e a puseram em prática? Ou como aquelas autoridades convencidas da sua sabedoria, que recusaram a chamada de Jesus Cristo? Podemos pedir a Deus a docilidade necessária para receber os seus dons. «O Espírito Santo é quem, pelas suas inspirações, vai dando tom sobrenatural aos nossos pensamentos e desejos e às nossas obras. É Ele quem nos impele a aderir à doutrina de Cristo e a assimilá-la em profundidade. Quem nos dá luz para tomar consciência da nossa vocação pessoal e força para realizar tudo o que Deus espera de nós. Se formos dóceis ao Espírito Santo, a imagem de Cristo ir-se-á formando, de forma cada vez mais nítida, em nós e assim iremos aproximando-nos cada vez mais de Deus Pai. «Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus» (Rm 8, 14)»^[1].

«VEIO JOÃO Batista, que não comia nem bebia, e dizem que tinha o demónio com ele. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: ‘É um glutão e um ébrio, amigo de publicanos e pecadores’» (Mt 11, 18-19). Jesus faz notar aos que O ouvem que muitos não aceitaram nem o convite à penitência do Batista, nem a Sua própria mensagem de alegria. Por isso, compara-os aos protagonistas daquela canção infantil, que nem dançavam ao som dos cânticos da boda, nem choravam nos funerais.

No fundo, aquelas pessoas não conseguiram reconhecer em João Batista Elias nem em Jesus Cristo o Messias. Talvez vivessem demasiadamente agarrados às suas próprias opiniões e aos seus preconceitos, sem se aperceberem de Quem lhes falava. «O único desejo de Deus é salvar a humanidade, mas o problema está em que o homem, com frequência, quer ditar as regras da salvação (...). Também nós, cada um de nós, carrega esse drama dentro de si. Por isso, far-nos-á bem perguntar-nos: Como quero eu ser salvo? À minha maneira?»^[2].

Peçamos ao Senhor que nos conceda o dom de estar abertos às suas inspirações: que tenhamos visão sobrenatural, que nos deixemos

surpreender por Deus que vive nas pessoas e nos acontecimentos, que nos rodeiam. Para não cairmos na triste realidade daqueles contemporâneos de Jesus, os quais nos recorda o Evangelho de hoje, é fundamental que cuidemos da nossa conversa frequente com Deus, que nos leva a uma vida contemplativa. Mas também é importante não ficarmos presos aos nossos preconceitos sobre a atuação divina, pelo contrário, devemos estar abertos à sua criatividade. Só assim poderemos entender cumpridas as promessas proferidas pelo profeta Isaías: «A tua paz seria como um rio e a tua justiça como as ondas do mar. A tua descendência seria como a areia e como os seus grãos a tua posteridade. Nunca o teu nome seria tirado nem riscado da minha presença» (Is 48, 8-19).

AS ORAÇÕES da Missa de hoje aludem também à parábola das virgens prudentes, convidando-nos a imitá-las na sua disposição perante a chegada do Esposo: «O Senhor está a chegar, saí ao seu encontro; Ele é o Príncipe da Paz»^[3].

Jesus compara o reino dos céus a «dez virgens que, tomando as suas candeias, saíram ao encontro do noivo. Ora, cinco delas eram insensatas e cinco prudentes. As insensatas, ao tomarem as suas candeias, não levaram azeite consigo; enquanto as prudentes, com as suas candeias, levaram azeite nas almotolias» (Mt 25, 1-13). A parábola é um convite a estarmos sempre preparados para que, quando chegar o momento definitivo do encontro com o Esposo, o qual ninguém conhece o dia e a hora, estejamos cheios do amor de Deus e ao próximo. Trata-se de ter o olhar posto nos bens mais altos, discernir o que nos convém eleger para ser felizes e dispor-nos a levar a cabo os propósitos para alcançar esses bens. Esse é o azeite que nos permitirá sair ao encontro do Esposo da Igreja, que nascerá em Belém.

Com o modelo das virgens prudentes, o prefácio da Missa indica-nos que o próprio Senhor «nos dá a graça de nos prepararmos com alegria para o mistério do seu nascimento, a fim de nos encontrar vigilantes na oração e celebrando os seus louvores»^[4]. Somos prudentes quando velamos em oração e procuramos que o Senhor esteja sempre em primeiro lugar: «Alguns minutos de oração mental; a assistência à Santa Missa, diária, se te é possível, e a Comunhão frequente; o recurso regular ao Santo Sacramento

do Perdão, ainda que a tua consciência não te acuse de qualquer pecado mortal; a visita a Jesus no sacrário; a recitação e a contemplação dos mistérios do Terço e tantas outras práticas excelentes que conheces ou podes aprender»^[5].

Peçamos a intercessão de nossa Mãe, a Virgem Maria, para que nos ajude a preparar a vinda do seu Filho com docilidade e visão sobrenatural. Queremos deixar-nos surpreender, novamente, pelo nascimento de Jesus e por isso pedimos na Missa de hoje: «Concedei, Senhor, ao povo que aguarda a vinda de Vosso Filho, um espírito vigilante; para que, segundo os ensinamentos do Salvador, vamos ao Seu encontro com as lâmpadas da fé acesas»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 135.

[2] Francisco, Homilia, 03/10/2014.

[3] Antífona do Evangelho, sexta-feira da II semana do Advento.

[4] Prefácio II do Advento.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 149.

[6] Oração coletiva, sexta-feira da II semana do Advento.

Sábado da II semana do Advento

Reflexão para meditar no sábado da II semana do Advento. Os temas propostos são: vermo-nos como Deus nos vê; espírito de penitência; purificação interior

Sumário

- Vermo-nos como Deus nos vê.
- Espírito de penitência.
- Purificação interior.

CHEGAMOS ao final da segunda semana do Advento, na qual a liturgia nos levou a considerar a figura de S. João Batista como exemplo de preparação para a chegada de Jesus. No evangelho da Missa de hoje vemos Jesus rodeado dos seus discípulos. Estes perguntam-Lhe: «Porque dizem os escribas que Elias tem de vir primeiro?» (Mt 17, 10).

De facto, segundo uma tradição judaica que remonta aos tempos do profeta Malaquias, o profeta Elias viria novamente, antes de chegar o Messias, para anunciar a sua vinda. Por esse motivo, o Mestre respondeu-lhes: «Elias certamente há de vir e restabelecerá todas as coisas» (Mt 17, 11). A missão de João Batista consistiu precisamente em convidar à mudança, à renovação interior, ao arrependimento dos pecados pessoais. Após quase duas semanas de preparação para o Natal, podemos pedir ao Senhor a sua graça para que continue a iluminar-nos, de modo que descubramos um pouco mais como Ele nos vê: mostra-nos, Senhor, todas as coisas boas que queres fazer connosco, tanta felicidade que depende da nossa docilidade aos teus planos; e mostra-nos também os pontos em que desejas que melhoremos, em que desejas tornar-Te mais próximo de cada um de nós.

Tal como João tinha a missão de preparar a vinda de Jesus, como seu precursor, proclamar que estava próximo e mostrá-Lo depois presente no

meio dos homens, Deus conta também connosco para levar a alegria do Evangelho aos ambientes em que nos movemos; uma alegria que «enche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus. Os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»^[1]. «Meu filho, continua com a tua oração pessoalíssima, que não necessita do som de palavras. E fala com o Senhor assim, cara a cara, tu e Ele a sós (...). Eu desejo que tu, meu filho, na solidão do teu coração – que é uma solidão bem acompanhada – olhes de frente para o teu Pai Deus e Lhe digas: “Entrego-me!”. Sê audaz, sê valente, sê ousado!»^[2].

O EVANGELHO de hoje continua com a resposta de Jesus aos discípulos: «“Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram dele o que quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer às suas mãos”. Então os discípulos compreenderam que lhes falava de João Batista» (Mt 17,12-13). Desde o início da sua vida pública, Jesus Cristo uniu a sua missão à do Precursor. Se queremos progredir numa vida cada vez mais autenticamente cristã, necessitamos de nos unir cada dia mais ao Senhor: «Filho, este começo do Advento é um tempo propício para fazeres um ato de amor: para dizer *creio*, para dizer *espero*, para dizer *amo*, para te dirigires à Mãe do Senhor – Mãe, Filha, Esposa de Deus, Mãe nossa – e de lhe pedir que nos obtenha da Trindade Santíssima mais graças: a graça da esperança, do amor, da contrição. Para que, quando às vezes na vida parece que sopra um vento forte, seco, capaz de fazer murchar essas flores da alma, não murche as nossas»^[3].

A ligação do ministério de Jesus Cristo ao de João Batista não se limitou às fases iniciais da sua vida pública, pois mais adiante também o associou à sua missão redentora, ao permitir que sofresse o martírio. O tempo do Advento convida-nos a dispor as nossas almas para prepararmos o Natal com a oração e com a penitência. A consideração dos sofrimentos de João até ao martírio, tal como os da Paixão e Morte do Senhor, convidam-nos a meditar que, embora encontremos penas e fadiga no nosso caminhar – autêntica penitência, muitas vezes –, a tarefa de tornar Jesus presente na nossa vida é sempre precedida, apoiada e acompanhada pela força de Deus.

«SENHOR NOSSO DEUS, fazei-nos voltar, mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos»^[4]. A liturgia da Igreja continua também hoje a exortar-nos a pedir ao Senhor a graça da conversão, a aplainar o caminho no nosso interior. É uma purificação que não fica meramente em atos externos, mas que se refere também à nossa interioridade: a pôr a imaginação e a memória ao serviço da missão, a desenvolver a nossa capacidade de sairmos de nós mesmos para pensarmos no bem dos outros. «Essa palavra acertada, a "piada" que não saiu da tua boca, o sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo... Isto, com perseverança, é que é sólida mortificação interior»^[5].

A mortificação interior, que purifica a alma, não é uma tarefa negativa, que se concentra em deixar de fazer coisas. Pelo contrário, encontra-se em pleno território do amor, pois procura que se ame a Deus em todas as circunstâncias, procurando que a imaginação, a memória e a afetividade andem pelos seus caminhos e nos levem à vida contemplativa. Deste modo, podemos dizer: «Meditarei nas maravilhas que fizeste desde o princípio» (Sl 76, 12); virão à nossa mente recordações de coisas grandes que encherão de gratidão o coração e os afetos, tornando o amor mais ardente.

Recorramos à Virgem Santíssima para que apresente ao seu Filho os nossos desejos de nos prepararmos para o Natal com espírito de penitência e purificação interior. Desse modo, cumprir-se-á na nossa vida o que pedimos na oração coleta da Missa de hoje: «Brilhe em nós, Senhor, o esplendor da vossa glória, para que a vinda de Cristo, vosso Filho, nos dissipe as últimas sombras da noite e manifeste que somos filhos da luz»^[6].

NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 1.

[2] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, Quadrante, p. 57.

[3] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, Quadrante, p. 54.

[4] Salmo responsorial, sábado da II semana do Advento.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 173.

[6] Oração coleta, sábado da II semana do Advento.

III domingo do Advento (Ciclo C)

Reflexão para meditar no III domingo do Advento (Ciclo C), Domingo Gaudete. Os temas propostos são: a alegria plena vem de Jesus; ser humildes é indispensável para receber essa alegria; pequenos atos de serviço para semear paz e alegria.

Sumário

- A alegria plena vem de Jesus.
- Ser humildes é indispensável para receber essa alegria.
- Pequenos atos de serviço para semear paz e alegria.

«ALEGRAI-VOS sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos! Que a vossa bondade seja conhecida por todos. O Senhor está próximo» (Flp 4, 4-5). Na liturgia da Igreja, o terceiro domingo do Advento é conhecido como domingo “*Gaudete*” ou “da alegria”, e somos convidados a refletir sobre a causa da nossa alegria. Todos nós, no fundo da nossa alma, ansiamos por ser felizes. No entanto, às vezes buscamos essa alegria apenas em aspetos parciais das nossas vidas: na posse de certos bens materiais, no reconhecimento social que recebemos, na aquisição de algum tipo de qualidade ou numa vida familiar serena. Tudo isto é bom, sem dúvida, mas S. Paulo recorda-nos que estas alegrias só atingem a sua plenitude quando se enraízam na alegria que Jesus nos dá: «Alegrai-vos sempre no Senhor».

O profeta Sofonias, por seu lado, convida com força o seu povo a viver com alegria, apesar das ciladas dos seus inimigos ou das muitas vezes que se desviaram do seu Deus: «Clama jubilosamente, filha de Sião; solta brados de alegria, Israel. Exulta, rejubila de todo o coração» (Sf 3, 14). Também nós, mesmo quando as tentações se aproximam ou quando estamos cansados, podemos guardar essa alegria no fundo do coração. E esta possibilidade, graças à proximidade de Cristo, é o que celebramos no Natal.

A alegria «é a respiração, a forma de expressão do cristão»^[1]. Assim como a respiração é a primeira manifestação da vida, a alegria sincera é uma manifestação de Jesus que oferece uma resposta autêntica aos anseios profundos do nosso coração. «O Senhor teu Deus está no meio de ti (...), renova-te com o seu amor, exulta de alegria por tua causa, como nos dias de festa» (Sf 3, 17), continua o profeta Sofonias na primeira leitura de hoje. Deus, de maneira surpreendente, manifesta mais alegria no Natal do que nós mesmos: tão grande é o Seu desejo de encontrar um lugar nas nossas vidas.

JOÃO BATISTA acompanha-nos durante grande parte do tempo do Advento. Vemos nele encarnada uma virtude indispensável para desfrutar dessa alegria duradoura: a humildade. Entre os discípulos que o seguem, corre a voz de que se poderia tratar do tão esperado Messias. Muitos vão ter com ele com perguntas para orientar a sua própria vida: «Que devemos fazer?» (Lc 3, 10). Mas quando o primo do Senhor intui os pensamentos dos seus corações, não duvida em afirmar: «Eu batizo-vos com água, mas está a chegar quem é mais forte do que eu, e eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias» (Lc 3, 16). Apesar do seu êxito, apesar do verdadeiro bem que realiza, João sabe que toda a sua atividade só tem pleno sentido se estiver orientada para Cristo.

A humildade ajuda-nos a dirigir a nossa existência para a grandeza de Deus. O orgulho, por sua vez, «não acredita que Deus seja tão grande que Se faça pequeno, que Se aproxime verdadeiramente de nós»^[2]. Por outro lado, quem é humilde, sem negar os próprios talentos nem perder a motivação para trabalhar da melhor maneira possível, encontra a sua alegria em curvar-se diante de uma criança, como fizeram os reis do Oriente ou os pastores.

«A paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos», diz-nos S. Paulo (Flp 4, 7). A virtude da humildade ensina-nos que o único julgamento importante é o de um Deus que se nos mostra no rosto de uma criança. Cada vez que nos aproximamos, através da oração, do amor concreto de Jesus, libertamo-nos de julgamentos sobre nós mesmos, que muitas vezes não correspondem à

realidade e acabam por nos roubar a paz. Descobrimos que Deus nos ama, não pelo que fazemos ou pelo que deixamos de fazer, mas pelo que somos: seus filhos. E também nos ajuda a não julgar os outros. Em Belém podemos transformar o nosso olhar num olhar mais humilde, para depois ser fonte de paz e alegria para quem nos rodeia.

S. JOSEMARIA resumia as tarefas de um apóstolo em «semear paz e alegria»^[3]. A humildade de saber que somos semeadores de grandes notícias que vêm de Deus, levar-nos-á a nunca nos cansarmos de anunciar o Evangelho. Em muitas ocasiões bastará o nosso sorriso diante da adversidade; noutras, a compreensão que manifestamos diante do problema de um ente querido... «A alegria do Evangelho enche o coração e toda a vida de quem encontra Jesus. Quem se deixa salvar por Ele é libertado do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo sempre nasce e renasce a alegria»^[4].

O nosso testemunho cristão não se dirige contra nada nem contra ninguém, mas é a manifestação da humildade de um Deus que quis fazer-Se homem para que todos O pudessem encontrar. Como seus humildes discípulos, queremos contribuir para esse anúncio: cada um dos nossos gestos de afeto pode ser fonte e renovação de alegria no ambiente em que nos encontramos; Jesus quer nascer nos outros através das nossas pequenas obras de amor.

Sempre nos ajuda contemplar a vida de Maria para nos surpreendermos diante da sua alegria, cheia de humildade. Depois de ter recebido a grande notícia de que ia ser a Mãe de Deus, não fica ensimesmada nem pretende que todos a sirvam. Também não se detém demasiado a refletir sobre a especial missão que recebeu. Perante a grandeza de Deus, Ela responde com um gesto aparentemente simples: corre com alegria para ir servir a sua prima. De um Deus que se mostra sempre próximo, Ela aprendeu que a alegria genuína surge de atos concretos de amor. «Que este seu júbilo de boa Mãe se nos pegue a todos nós; que *saiamos* nisto a Ela – a Santa Maria – e assim nos pareceremos mais com Cristo»^[5].

NOTAS

- [1] Francisco, Homilia, 28/05/2018.
- [2] Bento XVI, Homilia, 06/01/2010.
- [3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120.
- [4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 1.
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 109.

III domingo do Advento (Ciclo A)

Sumário

- A alegria plena vem de Jesus.
 - A humildade do Batista.
 - Pequenos atos de serviço para semear paz e alegria.
-

«ALEGRAI-VOS sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos! Que a vossa bondade seja conhecida por todos. O Senhor está próximo» (Fl 4, 4-5). Na liturgia da Igreja, o terceiro domingo do Advento é conhecido como domingo “*Gaudete*” ou “da alegria”, e somos convidados a refletir sobre a causa da nossa alegria. Todos nós, no fundo da nossa alma, ansiamos por ser felizes. No entanto, às vezes buscamos essa alegria apenas em aspetos parciais das nossas vidas: na posse de certos bens materiais, no reconhecimento social que recebemos, na aquisição de algum tipo de qualidade ou numa vida familiar serena. Tudo isto é bom, sem dúvida, mas S. Paulo recorda-nos que estas alegrias só atingem a sua plenitude quando se enraízam na alegria que Jesus nos dá: «Alegrai-vos sempre no Senhor».

O profeta Isaías, por seu lado, convida com força o seu povo a viver com alegria, apesar das ciladas dos seus inimigos ou das muitas vezes que se desviaram do seu Deus: «Alegram-se o deserto e o descampado, rejubile e floresça a terra árida, cubra-se de flores como o narciso, exulte com brados de alegria» (Is 35, 1). Também nós, mesmo quando as tentações se aproximam ou quando estamos cansados, podemos guardar essa alegria no fundo do coração. E esta possibilidade, graças à proximidade de Cristo, é o que celebramos no Natal.

A alegria «é a respiração, a forma de expressão do cristão»^[1]. Assim como a respiração é a primeira manifestação da vida, a alegria sincera é uma manifestação de Jesus que oferece uma resposta autêntica aos anseios profundos do nosso coração. «Fortalecei as mãos fatigadas e robustecei os joelhos vacilantes. Dizei aos corações perturbados: «Tende coragem, não

temais» (Is 35, 3-4), continua o profeta Isaías na primeira leitura de hoje. Deus, de maneira surpreendente, manifesta mais alegria no Natal do que nós mesmos: tão grande é o Seu desejo de encontrar um lugar nas nossas vidas.

JOÃO BATISTA acompanha-nos durante grande parte do tempo do Advento. Vemos nele encarnada uma virtude indispensável para desfrutar dessa alegria duradoura: a humildade. Toda a sua vida foi voltada para preparar os homens para a chegada do Messias. Por isso, quando estava na prisão e ouviu os prodígios que Cristo realizava, «mandou-Lhe dizer pelos discípulos: «És Tu Aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?» (Mt 11, 2-3). Jesus, depois de descrever as obras que realizou, elogiou o primo: «É dele que está escrito: ‘Vou enviar à tua frente o meu mensageiro, para te preparar o caminho’. Em verdade vos digo: entre os filhos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Batista» (Mt 11, 10-11).

A humildade ajuda-nos a dirigir a nossa existência para a grandeza de Deus. O orgulho, por sua vez, «não acredita que Deus seja tão grande que Se faça pequeno, que Se aproxime verdadeiramente de nós»^[2]. Por outro lado, quem é humilde, sem negar os próprios talentos nem perder a motivação para trabalhar da melhor maneira possível, encontra a sua alegria em curvar-se diante de uma criança, como fizeram os reis do Oriente ou os pastores.

A virtude da humildade ensina-nos que o único julgamento importante é o de um Deus que se nos mostra no rosto de uma criança. Cada vez que nos aproximamos, através da oração, do amor concreto de Jesus, libertamo-nos de julgamentos sobre nós mesmos, que muitas vezes não correspondem à realidade e acabam por nos roubar a paz. Descobrimos que Deus nos ama, não pelo que fazemos ou pelo que deixamos de fazer, mas pelo que somos: seus filhos. E também nos ajuda a não julgar os outros. Em Belém podemos transformar o nosso olhar num olhar mais humilde, para depois ser fonte de paz e alegria para quem nos rodeia.

S. JOSEMARIA resumia as tarefas de um apóstolo em «semear paz e alegria»^[3]. A humildade de saber que somos semeadores de grandes notícias que vêm de Deus, levar-nos-á a nunca nos cansarmos de anunciar o Evangelho. Em muitas ocasiões bastará o nosso sorriso diante da adversidade; noutras, a compreensão que manifestamos diante do problema de um ente querido... «A alegria do Evangelho enche o coração e toda a vida de quem encontra Jesus. Quem se deixa salvar por Ele é libertado do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo sempre nasce e renasce a alegria»^[4].

O nosso testemunho cristão não se dirige contra nada nem contra ninguém, mas é a manifestação da humildade de um Deus que quis fazer-Se homem para que todos O pudessem encontrar. Como seus humildes discípulos, queremos contribuir para esse anúncio: cada um dos nossos gestos de afeto pode ser fonte e renovação de alegria no ambiente em que nos encontramos; Jesus quer nascer nos outros através das nossas pequenas obras de amor.

A Santíssima Virgem é *causa nostræ lætitiæ*, ela sempre nos traz alegria. Podemos pedir-lhe que, como o Batista, saibamos pavimentar os caminhos do Senhor. Com ela «devemos encher o mundo de luz, porque o nosso serviço deve ser feito com alegria. Que onde há um filho de Deus na sua Obra não falte aquele bom humor, que é fruto da paz interior. De paz interior e dedicação: a entrega ao serviço dos outros é tão eficaz que Deus a recompensa com uma humildade cheia de alegria espiritual»^[5].

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 28/05/2018.

[2] Bento XVI, Homilia, 06/01/2010.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120.

[4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 1

[5] S. Josemaria, Carta 24/03/1930, n. 22.

III domingo do Advento (Ciclo B)

Reflexão para meditar no III domingo do Advento (Ciclo B), Domingo Gaudete. Os temas propostos são: a alegria do cristão nasce da proximidade com o Senhor; os frutos da alegria na alma; como João Batista, precursores da graça de Deus.

Sumário

- A alegria do cristão nasce da proximidade com o Senhor
- Os frutos da alegria na alma
- Como João Batista, precursores da graça de Deus

«JERUSALÉM, exulta de alegria, porque vem a ti o Salvador»^[1]. A Igreja antecipa hoje a alegria do Natal e recorda insistentemente a recomendação de S. Paulo: «Alegrai-vos sempre no Senhor; novamente vos digo, alegrai-vos! O Senhor está próximo» (Flp 4, 4-5). Estas palavras, dirigidas à igreja de Filipos, são como que um resumo da liturgia deste terceiro domingo do Advento, conhecido como *Gaudete* por ser a primeira palavra que se menciona na celebração litúrgica: «*Gaudete*», alegrai-vos! A palavra de Deus e os textos próprios do dia de hoje, estão perfumados com a alegria que brota da proximidade do nosso Salvador. Na oração coleta da Missa, pedimos ao Senhor que nos olhe e «nos faça chegar às solenidades da nossa salvação, e celebrá-las com renovada alegria»^[2]. Além disso, por este motivo e sempre que seja possível, a cor litúrgica correspondente a este dia é o rosa.

Em Filipos existia uma comunidade cristã da qual S. Paulo se sentia muito orgulhoso, já que se destacava por uma grande fidelidade ao Senhor. Dirige-se-lhes com palavras afetuosas e cheias de esperança. É verdadeiramente admirável, tendo em conta que S. Paulo lhes escreve da cadeia, em que está preso pelo seu amor a Jesus Cristo. «O Senhor está próximo» (Flp 4, 5), anima-os. Certamente, as circunstâncias em que vivemos, ainda que alguma vez possam ser difíceis ou dolorosas, não são

um obstáculo intransponível para a verdadeira alegria. O Senhor está sempre ao nosso lado com a sua providência amorosa. Aqueles primeiros cristãos, perante o ambiente adverso em que se moviam, aprenderam a pôr a sua esperança na vida de Jesus Cristo. «Esta é a diferença entre nós e os que não conhecem Deus – diz S. Cipriano – estes, na adversidade, queixam-se e murmuram; a nós, as coisas adversas não nos afastam da virtude nem da verdadeira fé. Pelo contrário, fortalecem-nos na dor»^[3].

A alegria a que nos convida a palavra de Deus não é um otimismo adocicado. É algo mais sólido, com alicerces profundos. Trata-se de uma alegria que se edifica na certeza de que, enquanto esperamos a Sua vinda, o Senhor está aqui, ao nosso lado, cuidando amorosamente do seu povo. Ele sabe melhor que nós aquilo de que necessitamos e está disposto a lutar ao nosso lado. Jesus insiste, portanto, «Tende coragem e não temais» (Is 35, 4).

«EXULTO de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus, que me revestiu com as vestes da salvação e me envolveu num manto de justiça» (Is 61, 10). O profeta Isaías, na primeira leitura da Missa, recorda-nos que a alegria do crente brota principalmente do que Deus faz por nós. A raiz da alegria interior não é fruto do esforço pessoal por fazer bem as coisas, ainda que isso, sem dúvida, também nos dê alegria. Indo mais ao fundo, «a alegria é consequência da filiação divina, de nos sabermos queridos pelo nosso Pai Deus, que nos acolhe e nos perdoa sempre»^[4]. Nasce assim no coração uma esperança que ilumina o nosso caminhar, porque confiamos no poder do Senhor. Sabemos que o Salvador está prestes a chegar, e não nos vai, nem faltar, nem falhar.

«Como a terra faz brotar os germes e o jardim germinar as sementes, assim o Senhor Deus fará botar a justiça e o louvor diante de todas as nações.» (Is 61, 11). A alegria nasce de uma vida fecundada pelo amor de Deus, que leva a um sadio esquecimento próprio e a uma entrega delicada ao Senhor e aos nossos irmãos. Tudo isto deixa na nossa vida um sulco de paz. «Meus filhos: estai contentes – animava-nos S. Josemaria –. Eu estou, ainda que, olhando para a minha pobre vida não o devesse estar. Mas estou contente porque vejo que o Senhor nos procura uma vez mais, que o Senhor continua a ser nosso Pai; porque sei que vós e eu, veremos que coisas há

que arrancar e decididamente as arrancaremos; que coisas há que queimar, e queimá-las-emos; que coisas há que entregar, e entregá-las-emos»^[5].

Fruto da presença e ação do Espírito Santo na alma, gozaremos habitualmente desta alegria na nossa vida. «Quantas contrariedades desaparecem, quando interiormente nos colocamos muito próximos desse nosso Deus, que nunca nos abandona! Renova-se, com diversos matizes, esse amor de Jesus pelos seus, pelos doentes, pelos entevados, quando pergunta: que se passa contigo? Comigo... E, logo a seguir, luz ou, pelo menos, aceitação e paz»^[6].

«APARECEU UM HOMEM, enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos serem por meio dele» (Jo 1, 6-7). Retirado no deserto, João prega junto ao Jordão. Impressiona o povo pelas suas palavras e pelo seu estilo de vida, a ponto de suscitar a pergunta sobre se era ele o Messias esperado (cf. Lc 3, 15-17). João responde negativamente e dá a conhecer a sua missão: «Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor, como anunciou o profeta Isaías». As suas palavras e a sua vida transformada são um sinal luminoso da chegada do Salvador.

Interroguemo-nos: «De onde nasce esta vida, esta interioridade tão forte, tão reta e tão coerente, entregue totalmente por Deus e para preparar o caminho para Jesus? A resposta é simples: da relação com Deus, da oração, que é o fio condutor de toda a sua existência»^[7]. Em consonância com a mensagem do Batista, damo-nos conta que também nós podemos mostrar, com o exemplo da nossa vida com sabor a Evangelho, a proximidade da vinda do Senhor. Somos desse modo a voz que anuncia Jesus ao nosso redor, na nossa família, no nosso trabalho. Podemos ser, como João Batista, precursores da graça de Deus.

A Virgem Santíssima é *causa nostræ lætitiæ*, traz-nos sempre alegria. Pedimos-lhe que nos ajude a aplanar os caminhos do Senhor. Com ela «temos de encher o mundo de luz, porque o nosso serviço há de ser um serviço feito com alegria. Que onde houver um filho de Deus na sua Obra não falte esse bom humor, que é fruto da paz interior. Da paz interior e da

entrega: o dar-se ao serviço dos outros é de tal eficácia que Deus premeia com uma humildade cheia de alegria espiritual»^[8].

NOTAS

[1] Liturgia das Horas, Vésperas do III Domingo do Advento, Antífona 1.

[2] Oração coleta do III Domingo do Advento.

[3] S. Cipriano, *De mortalitate*, 13.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 12/11/1961.

[5] S. Josemaria, Carta, 24/03/1931, n. 62.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 249.

[7] Bento XVI, Audiência geral, 29/08/2012.

[8] S. Josemaria, Carta, 24/03/1930, n. 22.

Segunda-feira da III semana do Advento

Reflexão para meditar na segunda-feira da III semana do Advento. Os temas propostos são: meditar na Sagrada Escritura: luz para o nosso caminho; Deus torna-Se presente nos corações que O procuram com retidão; o amor à verdade é característica dos discípulos de Cristo.

Sumário

- Meditar na Sagrada Escritura: luz para o nosso caminho.
- Deus torna-Se presente nos corações que O procuram com retidão.
- O amor à verdade é característica dos discípulos de Cristo.

OS PROFETAS anunciaram o Messias e, graças às suas palavras, o povo de Israel aguardou e desejou intensamente a Sua chegada: «Ouvi, ó povos, a palavra do Senhor e proclamai-a até aos confins da terra»^[1].

Em muitas ocasiões, porém, vemos que o povo ignorou as mensagens proféticas e, ao não as aceitar, dificultou que evitassem a sua própria ruína. Neste sentido, é significativa a história de Balaão, um vidente pagão que um rei inimigo de Israel exige que amaldiçoe o povo de Deus. Cheio do Espírito do Senhor, Balaão ignora a pressão real e abençoa o povo escolhido três vezes: «Como são belas as tuas tendas, Jacob, as tuas moradas, ó Israel!» (Nm 24, 5). O fim de Balaão é trágico, pois morrerá às mãos dos próprios israelitas.

Na sua profecia, Balaão simboliza o advento do Messias como uma estrela que sairá de Israel: «Uma estrela surge de Jacob» (Nm 24, 17). O Salvador que desce será como «uma grande luz sobre a Terra»^[2]. Ao longo dos séculos, é precisamente a luz de uma estrela que orientará o caminho dos Magos que nela descobrem uma mensagem de salvação. A estrela condu-los a «uma chama pequena acendida na noite: um frágil recém-nascido, que geme no silêncio do mundo...»^[3]. Embora todos tenham visto a estrela, nem todos entenderam o seu significado. Na oração coleta de hoje

pedimos com ousadia: Senhor, «iluminai as trevas do nosso espírito com a graça do Vosso Filho que vem visitar-nos»^[4]; dai-nos a clareza necessária para descobrir a importância de todos estes acontecimentos na vida pessoal e íntima de cada um.

Diz-se no livro de Números que Balaão é um «homem de olhar penetrante» porque «escuta as palavras de Deus, e conhece a sabedoria do Altíssimo» (Nm 24, 15-17). Na meditação sossegada da palavra revelada encontramos luz para o nosso caminhar diário. «A tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos.» (Sl 119, 105). Nas Escrituras, também aprendemos a ler a nossa própria vida. «Nesse texto sagrado - S. Josemaria encorajou-nos - encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida. (...). Então, pega no Evangelho diariamente, e lê-o e vive-o»^[5].

ENQUANTO JESUS, numa das Suas frequentes visitas ao templo, ensina os peregrinos que vieram ouvi-l'O, apresentam-se as autoridades - os príncipes dos sacerdotes e os anciãos, isto é, os membros leigos do Sinédrio - com a intenção de pôr o Senhor à prova. Estão aborrecidos com Ele, entre outros motivos, porque goza de uma autoridade perante o povo que não Lhe foi concedida pelos poderes instituídos. «Com que autoridade fazes isto? E quem Te deu tal poder?» (Mt 21, 23). Não perguntam por pura curiosidade, simplesmente não gostam da pregação do Mestre e revoltam-se porque as multidões O seguem com entusiasmo.

Como se vê noutras ocasiões, Jesus agora também conhece a intenção dos seus corações. Comportam-se com duplicidade, com fingimento, não são claros. Fazem uma pergunta ambígua, quando na realidade o que querem é que Jesus diga de uma vez por todas se é o Messias. Eles, em qualquer caso, não estão dispostos a reconhecê-l'O e atuam com má astúcia. Não nos surpreendemos que o Mestre os deixe sem resposta, porque «Jesus não sabe que fazer da astúcia calculadora, da crueldade dos corações frios, da formosura vistosa, mas vã. Nosso Senhor ama a alegria dum coração moço, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à sua palavra de carinho. E é assim que reina na alma»^[6].

Deus está presente nos corações que O buscam com honestidade. «A quem anda por este caminho farei participar da salvação de Deus» (Sl 50, 23). Jesus comove-Se com a criança que se aproxima com simplicidade, com o leproso que mostra as suas feridas, o cego que grita sem medo do que dirão ou o publicano que sobe a uma árvore para vê-l'O melhor. Ou seja, os corações que não se escondem atrás da falsidade. «O cristão tem de manifestar-se autêntico, veraz, sincero em todas as suas obras. Na sua conduta deve transparecer um espírito: o de Cristo. Se alguém tem neste mundo a obrigação de mostrar-se conseqüente, é o cristão, porque recebeu em depósito, para fazer frutificar esse dom, a verdade que liberta e salva»^[7].

«QUEM TE DEU tal direito?», perguntam-Lhe. O Mestre responde com outra pergunta: «Vou fazer-vos também uma pergunta e, se Me responderdes a ela, dir-vos-ei com que autoridade faço isto. Onde era o batismo de João? Do Céu ou dos homens?» (Mt 21, 24-25). Com essas palavras, Jesus coloca as autoridades perante a verdade e, ao mesmo tempo, elogia João. Embora tivessem ido multidões ao Jordão para serem batizadas, as autoridades não deram ouvidos à sua mensagem de conversão e penitência. Os chefes do povo não sabem que responder a Jesus porque não têm uma disposição aberta à verdade. Na realidade, só procuram a aprovação do povo. Pesam as dificuldades que lhes pode causar dizer uma coisa ou outra – foi do Céu ..., foi dos homens... – e não encontram uma saída que os liberte do seu compromisso: «Não sabemos» (Mt 21, 27).

O encontro com a verdade requer uma atitude de abertura e aceitação. A verdade cristã só se encontra se é amada gratuitamente. Com a sua valentia e humildade, o Batista foi uma testemunha audaz da verdade. Uma atitude coerente pode não nos levar a um caminho fácil. No entanto, a verdade é em si amável e tem uma enorme força de atração. Para mostrar o «esplendor da verdade»^[8] convém, em primeiro lugar, esforçar-se por buscá-la, de forma permanente e honesta, para poder conhecê-la e contemplá-la. Se a verdade é verdadeiramente amada, se entra no nosso interior para nos transformar, é mais fácil expressá-la com dom de línguas e torná-la visível. Mostrar a amabilidade da verdade é uma tarefa dos cristãos.

Cristo disse de si mesmo: «Eu sou a verdade» (Jo 4, 6). Portanto, a paixão por procurá-la e transmiti-la é, para nós, uma agradável tarefa. «Há muitos anos já que vi com clareza meridiana um critério que será sempre válido: o ambiente da sociedade, (...) necessita de uma nova forma de viver e de propagar a verdade eterna do Evangelho. No próprio cerne da sociedade, do mundo, os filhos de Deus hão de brilhar pelas suas virtudes como lanternas na escuridão, “*quasi lucernæ lucentes in caliginoso loco*”»^[9]. Na companhia de Santa Maria e de S. José, caminhamos em direção a Belém. Ao seu lado podemos aprender aquela retidão de coração com que ambos buscavam a Deus nas pequenas e grandes verdades do seu mundo comum.

NOTAS

[1] Antífona de entrada, segunda-feira da III semana do Advento (Jr 31, 10).

[2] cf. Aleluia, 25 de dezembro, Missa do dia.

[3] Bento XVI, Homilia, 06/01/2008.

[4] Oração coletiva, segunda-feira da III semana do Advento.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 141.

[8] S. João Paulo II, *Veritatis Splendor*, n. 1.

[9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 318.

Terça-feira da III semana do Advento

Reflexão para meditar na terça-feira da III semana do Advento. Os temas propostos são: a humildade e o orgulho; o amor manifesta-se em obras concretas; a parábola dos dois filhos.

Sumário

- A humildade e o orgulho.
- O amor manifesta-se em obras concretas.
- A parábola dos dois filhos.

E DENTRO DE POUCOS DIAS, ajoelhar-nos-emos perante o Menino na gruta de Belém. Ali, olharemos com assombro a grandeza do amor de Deus num recém-nascido. A Encarnação ensina-nos o caminho para sermos grandes, que nada mais é do que tornarmo-nos pequenos. S. Paulo exprime bem a humildade daquele Filho que, sendo Deus, «aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo (...), humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte» (Flp 2, 7-8). Esse é o segredo que o nosso Salvador nos ensina em cada Natal. O Verbo feito carne mostra-nos que o Senhor do universo triunfa em humildade. Precisamente por este rebaixamento «Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem» (Flp 2, 9-10).

Na primeira leitura, encontramos uma veemente exortação do profeta Sofonias à conversão. Acusa Jerusalém de orgulho e rebelião porque «não escutou nenhum apelo, nem aceitou qualquer aviso. Não confiou no Senhor, nem se aproximou do seu Deus» (Sf 3, 2). Pelo contrário – afirma no seu oráculo – o povo alardeava a sua arrogância e vangloriava-se no monte santo (cf. Sf 3, 11). Esta mesma tentação continua presente quando «o soberbo procura inutilmente arrancar Deus – que é misericordioso com todas as criaturas – do Seu trono para se colocar lá ele»^[1].

Para comunicar o Seu amor paternal, Deus espera que o homem se reconheça livremente como uma criatura necessitada. O pedido que fazemos na oração sobre as oferendas da Missa de hoje agrada muito ao Senhor: «Deixai-Vos aplacar, Senhor, pela humildade das nossas orações e dos nossos dons; e como não temos méritos diante de Vós, vinde Vós em nossa ajuda»^[2]. Devemos pedir com frequência ao Senhor que nos afaste da tentação do orgulho, porque «se consegue atormentar alguém com as suas múltiplas alucinações, – assinalava S. Josemaria – a pessoa atacada veste-se de aparências, enche-se de vazio, envaidece-se como o sapo da fábula, que inchava o papo, cheio de presunção, até que rebentou»^[3]. Quão diferente é a atitude de Deus que, ao vir à terra, Se faz uma criança frágil, necessitada de toda a ajuda, incapaz de Se impor com violência aos outros, para tornar agradável o caminho de todos até ao presépio.

«A MINHA ALMA gloria-se no Senhor! Que os humildes saibam e se alegrem. Enaltecei comigo o Senhor; exaltemos juntos o Seu nome» (Sl 34, 3-4). A humildade «ajuda-nos a conhecer, simultaneamente, a nossa miséria e a nossa grandeza»^[4].

S. Josemaria referiu-se à humildade como o endeusamento bom da criatura que conhece o amor que Deus colocou nela. O seu principal inimigo é o endeusamento mau, fruto do orgulho: gloriar-se de si mesmo em vez de se gloriar no Senhor. O coração que sabe que é abençoado com tantas graças do céu procura responder com generosidade ao Senhor, porque «amor com amor se paga»^[5]. Não é possível amar em geral, nem é amor o que fica só em boas intenções. O amor manifesta-se em atos concretos que revelam algo do que acontece no coração de quem ama. Um amor que não deixa a sua marca em pormenores, nas expressões de afeto pode apagar-se a pouco e pouco ou permanecer pequeno, sem experimentar a verdadeira alegria. «No entardecer da vida seremos examinados pelo amor», dizia S. João da Cruz, porque o amor torna autêntico o valor das nossas obras.

Pode dizer-se que o amor tem duas características fundamentais: tende a dar, mais do que a receber; e procura manifestar-se mais em ações do que em palavras. «Quando dizemos que está mais em dar do que em receber, é porque o amor comunica-se sempre, sempre se comunica, e é recebido pelo

amado»^[6]. E «quando dizemos que está mais nas obras do que nas palavras» é porque «o amor sempre dá vida, faz crescer»^[7]. Um bom termómetro para conhecer o nosso amor a Deus seria perguntar-nos como servimos e procuramos fazer felizes os que nos são próximos, «porque aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1Jo 4, 20). O amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis, são como a cara e a coroa de uma moeda. «Não há caminho mais seguro para chegar a Deus do que o amor ao próximo»^[8], afirmou Sto. Agostinho, porque «o amor ao próximo é como o ninho do amor de Deus»^[9], é o lugar em que este cresce.

NO EVANGELHO DE HOJE, Nosso Senhor conta-nos a história de dois filhos (Mt 21, 28-32). O pai pede-lhes que trabalhem na vinha da família e os irmãos têm reações muito diferentes. O primeiro responde com rebeldia e falta de respeito: “Não quero”. O segundo, aparentemente mais obediente, diz que sim. Passado o primeiro arrebatado, o filho do não reconsidera, arrepende-se e vai trabalhar na vinha. O filho do sim, por outro lado, não vai ao seu trabalho. O primeiro, conclui Jesus, cai por fraqueza, mas, animado pela fé, levanta-se e obedece ao pai. Por outro lado, o segundo não é fiel à sua promessa e representa os chefes do povo que honram a Deus «com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim» (Is 29, 13; Mt 15, 8).

Jesus, nesta parábola, também fala ao nosso coração. Certamente encontramos algo do comportamento de cada um desses filhos na nossa vida. Muitas vezes as nossas disposições são excelentes, mas por fraqueza não conseguimos realizar os nossos bons desejos. E muitas vezes acontecem o contrário: depois de uma primeira reação rebelde, corrigimo-nos e, com a ajuda da graça, abraçamos com amor a vontade de Deus. Ambas as atitudes geralmente estão presentes na nossa luta interior e devemos conhecê-las de perto para saber como reagir em todos os momentos. Poderíamos imaginar também a existência de um terceiro filho: aquele que diz “sim, vou” e com as suas obras ratifica sempre as suas palavras. Este filho – fiel em todas as ocasiões – é, na realidade, Jesus Cristo, que nos convida a entrar no Seu movimento de amor ao Pai.

Hoje podemos dizer a Deus, na nossa oração: como gostaria de ser um filho como Jesus! Um filho que responde sim! E quando não o somos, então é o momento de dizer ao Senhor que tenha paciência connosco. Cair no desânimo seria uma manifestação de orgulho, far-nos-ia compreender que pomos a nossa esperança em nós próprios e não em Deus. Perante o conhecimento da própria fraqueza, S. Josemaria suplicou com simplicidade: «Senhor, Tu, que curaste tantas almas, faz com que, ao ter-Te no meu peito ou ao contemplar-Te no Sacrário, Te reconheça como Médico divino»^[10]. Este humilde pedido nos dará paz e, segurando a mão da nossa Mãe, levantar-nos-emos mais uma vez com esperança.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 100.

[2] Oração sobre as oferendas, terça-feira da III semana do Advento.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 100.

[4] *Ibid.*, n. 94.

[5] Ditado popular.

[6] Francisco, Homilia, 27/06/2014.

[7] *Ibid.*

[8] Sto. Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja Católica*, 1, 26, 48.

[9] Sto. Agostinho, *Ibid.*, 1, 26, 5.

[10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 93.

Quarta-feira da III semana do Advento

Reflexão para meditar na quarta-feira da III semana do Advento. Os temas propostos são: o cristão vive do tesouro da esperança; deixar atuar Deus na nossa vida; a ação maravilhosa de Deus através de nós.

Sumário

- O cristão vive do tesouro da esperança.
- Deixar atuar Deus na nossa vida.
- A ação maravilhosa de Deus através de nós.

«O SENHOR virá sem demora»^[1]. O Advento é um tempo de esperança porque a salvação está próxima, é iminente. «O Senhor virá com poder e majestade»^[2]. O cristão vive do tesouro da esperança. O autor sagrado define-o como «uma âncora segura e firme da alma» (Hb 6, 19). A âncora permite que o barco se agarre ao fundo do mar, fixa a sua posição, não tem de se preocupar com a corrente e evita que o barco seja arrastado à deriva. A esperança cristã é baseada nas promessas de Deus, no seu amor incondicional, e não tanto nas nossas forças ou possibilidades. « É uma esperança nova, viva, que vem de Deus. Não é mero otimismo, não é uma *palmadinha* nas costas nem um encorajamento de circunstância, com o aflorar dum sorriso. Não. É um dom do Céu, que não podíamos obter por nós mesmos»^[3].

Quando o povo judeu vivia no exílio na Babilónia, os profetas mantiveram a esperança e o encorajamento dos exilados ao anunciar uma libertação iminente. Na primeira leitura ouvimos hoje o profeta Isaías que convida o povo a manter acesa a chama de uma esperança fundada em Deus, pois só ele pode salvar: «Eu sou o Senhor e não há outro (...). Não há outro Deus além de mim» (Is 45, 6-7.22). Graças ao poder do Senhor, «terá salvação e glória toda a descendência de Israel» (v. 25).

A virtude da esperança protege-nos do vaivém do desânimo e sustém-nos nos momentos em que a tempestade ameaça varrer tudo. Quando o coração vive de esperança, fecha o caminho à lamentação estéril e torna-nos capazes de conquistas que pareciam inatingíveis. Com ela podemos suportar as maiores provações. «Há já bastantes anos – recorda S. Josemaria –, com uma convicção que crescia de dia para dia, escrevi: “Espera tudo de Jesus; tu nada tens, nada vales, nada podes. – Ele agirá, se n'Ele te abandonares”. Passou o tempo e aquela minha convicção tornou-se ainda mais forte, mais profunda. Tenho visto, em muitas vidas, que a esperança em Deus acende maravilhosas fogueiras de amor, com um fogo que mantém palpitante o coração, sem desânimos, sem desfalecimentos, embora ao longo do caminho se sofra e, às vezes, se sofra deveras»^[4].

A ESPERANÇA manifesta-se no desejo de deixar Deus agir nas nossas vidas. Isaías lembra ao povo no exílio que é Deus quem faz todas as coisas, «formo a luz e crio as trevas, dou a felicidade e crio a desgraça» (Is 45, 7). A partida da Babilónia não foi o resultado de uma revolta ou de uma estratégia política ou militar inteligente. Deus abriu os caminhos quando chegou a hora.

O mesmo acontece na nossa vida. É o Senhor, com a sua ação misericordiosa, que traz a salvação à nossa terra, porque «o Senhor dará ainda o que é bom» e «a paz seguirá os seus passos» (Sl 85, 13-14). É ele o protagonista principal e quem escreve – contando com a nossa liberdade – o guião da nossa história. Deus quer que ponhamos da nossa parte a luta e a esperança, mas que não esqueçamos, ao mesmo tempo, que tudo depende dele, «porque sem Mim nada podeis fazer» (Jo 15, 5). «Se em algum momento te parece que o horizonte se fecha e a terra se junta ao céu, olha para o céu – aconselhava S. Josemaria –. Que assim farás muito bem na terra: olhando para o céu»^[5].

«O fundador da Obra dizia: não inventei nada; é Outro quem fez tudo; eu procurei estar disponível e servi-l'O como instrumento»^[6]. Estas palavras do Cardeal Ratzinger, a propósito da canonização de S. Josemaria, resumem o segredo da santidade: deixar Deus agir, com um verdadeiro abandono das tarefas e preocupações, permitindo-lhe conduzir-nos pelos

caminhos que prefere. Com esta disponibilidade, «abrem-se as portas do mundo para que Deus se faça presente, trabalhe e tudo transforme»^[7].

Quando se espera algo ou alguém, é porque se tem esperança de que esse desejo seja realizado. Mas esperar exige paciência e muita confiança. Deus tem os seus tempos, que nem sempre coincidem com os nossos. A esperança anda de mãos dadas com a paciência, que longe de revelar apatia é uma manifestação de força. Nas palavras de Sto. Agostinho, a paciência é «como uma marca de Deus que reside em nós»^[8], que nos torna capazes de «suportar, carregar sobre os ombros as coisas desagradáveis da vida. Também as provações; é a capacidade de dialogar com os limites»^[9].

QUANDO a notícia da pregação de Jesus chega à prisão, João envia dois discípulos ao encontro do Senhor e pergunta-lhe: «És Tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?» (Lc 7, 19). Jesus acolhe-os e, em resposta, mostra-lhes os frutos da ação de Deus nas almas: «Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a boa nova» (v. 22).

João é muito claro sobre a sua missão – preparar o caminho para o Messias – e suspeita que o seu fim está próximo. Não procura nenhum protagonismo para si. Está disposto a diminuir para que Cristo cresça (cf. Jo 3, 30). «Ele tem a profunda humildade de mostrar em Jesus o verdadeiro Enviado de Deus, pondo-se de lado a fim de que Jesus possa crescer, ser ouvido e seguido. A vida cristã exige, por assim dizer, o martírio da fidelidade quotidiana ao Evangelho, isto é, a coragem de deixar Cristo crescer em nós, para que seja Cristo quem guia o nosso pensamento e as nossas ações»^[10]. Assim, vivenciaremos o efeito curativo, transformador e revitalizante da ação divina na nossa alma e seremos bons instrumentos nas suas mãos.

«Vede o exemplo de S. João Batista – fez-nos meditar S. Josemaria – quando envia os seus discípulos ao Senhor para perguntar-lhe quem é. Jesus responde-lhes fazendo-os considerar todos aqueles milagres. Estais lembrados desta passagem; há mais de quarenta anos que venho falando dela aos meus filhos, para que a meditem. Esses milagres que o Senhor

continua a fazer agora, pelas vossas mãos: gente que não via e agora vê; gente que não era capaz de falar, porque tinha o demónio mudo, e o expulsa e fala; pessoas incapazes de mover-se, paralíticas para as coisas que não fossem humanas, e quebram a sua imobilidade, e realizam obras de virtude e apostolado. Outros que parecem viver, e estão mortos, como Lázaro: “*Iam foetet, quatríduanus est enim*”.

»Com a graça divina e com o testemunho da vossa vida e da vossa doutrina, da vossa palavra prudente e imprudente, vós os trazeis para Deus, e revivem. Também não vos podeis maravilhar nesses momentos: sois Cristo, e Cristo faz essas coisas por meio de de vós»^[11]. «Todas as grandes coisas que o Senhor quer fazer através da nossa miséria, são obra sua (...). O fruto não é nosso (...); não se podem pedir impossíveis. O fruto pertence a Deus Pai, que foi tão pai e tão generoso que o colocou na nossa alma»^[12].

Maria é a nossa esperança. Chamamo-l'A assim porque Ela é o caminho seguro para que Deus continue a realizar as suas maravilhas no nosso mundo. A humilde mulher de Nazaré continua a sua missão do céu e sugere-nos constantemente que deixemos a graça de Deus agir nos nossos corações: «Fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).

NOTAS

[1] Antífona de entrada, quarta-feira da III semana do Advento.

[2] Aleluia, quarta-feira da III semana do Advento.

[3] Francisco, Homilia na Vigília Pascal, 11/04/2020.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 205.

[5] S. Josemaria, Notas tiradas numa meditação, 15/01/1959.

[6] Joseph Ratzinger, *Deixar agir Deus*, L'Osservatore Romano 06/10/2002.

[7] *Ibid.*

[8] Sto. Agostinho, *De patientia*, 1.

[9] Francisco, Audiência, 12/02/2018.

[10] Bento XVI, Audiência, 29/08/2012.

[11] S. Josemaria, *Diálogo com o Senhor*, “Agora que começa o ano”, n. 5.

[12] *Ibid.*

Quinta-feira da III semana do Advento

Reflexão para meditar na quinta-feira da III semana do Advento. Os temas propostos são: Deus é fiel às Suas promessas; o exemplo de S. João Batista; a fidelidade é sempre criativa.

Sumário

- Deus é fiel às Suas promessas.
- O exemplo de S. João Batista.
- A fidelidade é sempre criativa.

EM GRANDE PARTE do livro do profeta Isaías, lemos o quão doloroso é para Javé a infidelidade do seu povo. No entanto, chega um momento em que Deus decide consolar Jerusalém, perdoar todos os seus pecados e selar uma aliança eterna. Lembramos isso hoje, na primeira leitura da Missa. A linguagem do profeta é quase maternal: «Por um momento abandonei-te, mas no meu grande amor volto a chamar-te»; «escondi de ti a minha face, mas na minha misericórdia eterna tive compaixão de ti»; «a minha misericórdia não te abandonará» (Is 54, 1-10). Diante das nossas infidelidades, Deus responde com misericórdia. «A sua ira dura apenas um momento e a sua benevolência a vida inteira» (Sl 29, 6). O Seu Amor é mais forte do que os nossos pecados.

No Advento, a liturgia lembra-nos repetidamente o desejo divino de estar com os homens. O Senhor deseja que o homem não evite a sua companhia e se deixe amar. «Deus está perto de nós, é fiel e faz grandes obras de salvação em quem espera n'Ele. Deus ama com um amor sem limites, que nem mesmo o pecado pode frear, e faz com que o coração do ser humano se encha de alegria e consolação»^[1]. A história humana, pela nossa parte, está tristemente cheia de infidelidades. Porém, Deus tem infinita paciência e não se cansa de nos educar como os pais fazem com os seus filhos. O Seu coração está sempre inclinado para o perdão. Deus mantém a sua aliança apesar das tristezas, de geração em geração. Como

diz S. Paulo, «se Lhe formos infiéis... Ele permanece fiel, porque não pode negar-Se a Si mesmo» (2Tim 2, 13).

«Este ‘mistério’ da fidelidade de Deus constitui a esperança da história»^[2]. É a maior garantia para a nossa lealdade, pois o Senhor «é justo em todos os seus caminhos, perfeito em todas as suas obras» (Sl 144, 13). «– Qual é o fundamento da nossa fidelidade? – Dir-te-ia, a traços largos, que se baseia no amor de Deus, que faz vencer todos os obstáculos: o egoísmo, a soberba, o cansaço, a impaciência...»^[3].

NAS SEMANAS de Advento, S. João Batista está muito presente na liturgia da Palavra. Ouvimos os momentos mais importantes da sua missão única de preparar o caminho de Jesus. Contamos com ele para aprender a esperar o nascimento do Redentor com um desejo crescente. João é o último dos profetas e o primeiro a morrer por Cristo. No Evangelho de hoje, Jesus fala do seu primo à multidão: «Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas que fostes ver? Um homem vestido com roupas finas? Os que vestem com luxo e vivem regaladamente encontram-se nos palácios dos reis. Que fostes ver então? Um profeta? Sim – Eu vo-lo digo – e mais do que profeta» (Lc 7, 24-26).

Entre as características da personalidade de João, e que são um modelo para os cristãos, destaca-se a fidelidade. O Precursor não hesita em apontar para o Messias, não tem medo de perder os seus discípulos ou de ficar sozinho porque conhece e identifica-se com a sua missão. «Eis o Cordeiro de Deus» (Jo 1, 29) «mais forte do que eu, a quem eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias» (Lc 3, 16), diz. São expressões de um coração humilde, consciente de que está de passagem, como cada um de nós. Ele sabe que a sua felicidade está em colocar Deus em primeiro plano, por isso não se sente imprescindível.

O Batista não é uma «cana agitada pelo vento», de natureza instável, complacente para ficar bem com todos. João é um mensageiro de Deus que vive para a sua missão, embora isso o obrigue a fazer certos sacrifícios pessoais. A lealdade a Deus e à verdade leva-o até mesmo a derramar o seu

sangue. Por isso, S. João Paulo II poderia afirmar que «vemos resplandecer esta radical fidelidade a Cristo no martírio de S. João Batista»^[4].

«A VOSSA ALIANÇA foi estabelecida para sempre»^[5]. Essa certeza esteve presente ao longo da vida de S. João Batista. A fidelidade de Deus não conhece declínio. Deus é o mesmo de sempre. Face a esta intensidade do seu amor, a criatura sente-se obrigada a retribuir também com um amor fiel, fruto da sua liberdade. Hoje lemos na Antífona de Comunhão o conselho que Paulo dá a Tito: «Manifestou-se, com efeito, a graça de Deus (...). Vivamos neste mundo com justiça e piedade, esperando a feliz esperança e o advento da glória do nosso grande Deus» (Tt 2, 12-13). Esta fidelidade a Deus exige uma intimidade autêntica com Jesus na oração, porque na conversa com o Senhor experimentamos o seu amor – doce e exigente – e isso leva-nos a ser generosos.

O rosto de uma vida santa e fiel está composto de tantos momentos que não brilham externamente, porque na maioria das vezes estão escondidos, mas sempre feitos por amor: um sorriso, um detalhe de ordem, um agradecimento ou um pedido de perdão quando ofendemos outra pessoa, uma resposta amável... Referindo-se ao Bem-aventurado Álvaro, S. Josemaria comentou: «Gostaria que o imitassem em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade. Nesta quantidade de anos da sua vocação, apresentaram-se lhe muitas ocasiões – humanamente falando – de se zangar, de se aborrecer, de ser desleal; e manteve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis. Por razões sobrenaturais, não por virtude humana. Seria muito bom se o imitassem nisso»^[6].

«A fidelidade no tempo é o nome do amor; de um amor coerente, verdadeiro e profundo»^[7]. Ao longo da vida, o amor autêntico renova-se muitas vezes ao dia. Assim, cresce continuamente, está vivo. Fidelidade não é inércia ou simplesmente deixar o tempo passar. Ser fiéis não significa ser pessoas inflexíveis. Nada poderia estar mais longe da fidelidade do que simplesmente manter uma escolha do passado. A pessoa fiel é criativa, é capaz de se renovar e sonhar grande dentro dos planos de Deus.

E se, em algum momento, o caminho se tornar um pouco mais difícil, a reação da pessoa fiel é pedir ajuda para fazer tudo o que estiver ao seu alcance para seguir em frente. Olhando para Maria, a Virgem fiel, podemos colocar nas Suas mãos o nosso desejo de amar como Ela.

NOTAS

- [1] Francisco, Audiência, 16/03/2016.
- [2] Bento XVI, Homilia na Epifania do Senhor, 06/01/2008.
- [3] S. Josemaria, *Forja*, n. 532.
- [4] S. João Paulo II, Angelus, 29/08/1999.
- [5] Antífona de entrada de quinta-feira da III semana do Advento.
- [6] S. Josemaria, Anotações numa reunião familiar, 19/02/1974.
- [7] Bento XVI, Discurso 12/05/2010.

Sexta-feira da III semana do Advento

Reflexão para meditar na sexta-feira da III semana do Advento. Os temas propostos são: a paz é um dom de Deus; o desígnio de salvação é universal; o Batista quer que só Jesus brilhe.

Sumário

- A paz é um dom de Deus.
- O desígnio de salvação é universal.
- O Batista quer que só Jesus brilhe.

«O SENHOR virá no esplendor da sua glória visitar o seu povo e dar-lhe a paz e a vida eterna», rezamos hoje na Antífona de entrada. A paz é um dos sinais da chegada do Messias. Os profetas recordam que trará a paz a Israel, e que só com a sua ajuda se poderão livrar dos seus inimigos. Por isso, «tem por nome maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai sempiterno, Príncipe da Paz» (Is 9, 5). A paz não é só resultado de uma estratégia humana, mas sim dom que chega da Sua mão; é fruto da presença de Deus entre os Seus. «Um Menino nos nasceu, um filho nos foi dado»: uma presença pacífica que não terá fim.

Deus fez com os homens uma aliança de paz. Assim o recorda Zacarias no dia da circuncisão do seu filho João. Perante familiares e amigos, entoou o *Benedictus*, um hino de louvor e de agradecimento. Feliz pelo dom da sua paternidade inesperada, exclama: «Do alto, nos visitará o Sol nascente, para iluminar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte, e guiar os nossos passos pelo caminho da paz» (Lc 1, 78-79). Na Noite de Natal, também escutaremos com alegria o cântico dos anjos aos pastores de Belém: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados» (Lc 2, 14). Vemos, definitivamente, que o Senhor deseja que os seus discípulos gozem da paz trazida pela sua presença. «A paz seja convosco» (Jo 20, 19), é a saudação do Ressuscitado. Na intimidade da oração e ao recorrer aos sacramentos recuperamos, mais uma vez, o dom da paz. Por isso,

juntamente com toda a Igreja, pedimos com humildade: «Vinde visitar-nos, Senhor, e dai-nos a paz, para que nos alegremos de coração sincero na vossa presença»^[1].

ISAÍAS, na primeira leitura de hoje, anuncia que a salvação é uma mensagem para todos os homens, também para os estrangeiros, porque aos que «conservam a minha aliança, vou trazê-los ao meu monte santo, enchê-los de júbilo na minha casa de oração; os seus holocaustos e sacrifícios serão aceitáveis sobre o meu altar» (Is 56, 6-7). Ninguém está excluído desta chamada porque Deus «quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2, 4). Depois da Encarnação, o culto ao Senhor não se limita a um rito, num determinado lugar, mas pode ser feito com o coração em qualquer sítio. «Estás em Jerusalém? Estás na Bretanha? – dizia S. Jerónimo –. Não importa. Tens diante a Presença celeste, aberta, porque o reino de Deus está dentro de nós»^[2].

O profeta Isaías convoca os que estão afastados de Deus, tanto os que nunca tiveram oportunidade de conhecer o Senhor, como os que talvez tenham perdido o caminho ou se tenham distraído. No Decreto *Ad gentes* do Concílio Vaticano II recorda-se que «a Igreja, sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-14), se sente chamada com mais urgência a salvar e renovar toda a criatura para que tudo se instaure em Cristo e todos os homens constituam n'Ele uma única família e um só Povo de Deus»^[3].

«Ser Povo de Deus, segundo o grande desígnio de amor do Pai, quer dizer ser o fermento de Deus nesta nossa humanidade, significa anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de respostas que animem, que infundam esperança e que deem um vigor renovado ao caminho. A Igreja seja lugar da misericórdia e da esperança de Deus, onde cada qual possa sentir-se acolhido, amado, perdoado e encorajado a viver em conformidade com a vida boa do Evangelho. E para fazer com que o outro se sinta acolhido, amado, perdoado e encorajado, a Igreja deve manter as suas portas abertas, a fim de que todos possam entrar. E nós temos que sair através de tais portas e anunciar o Evangelho»^[4].

NO PRINCÍPIO do Advento, a Igreja exortava-nos pela boca de S. Paulo: «É hora de despertar do sono (...). A noite já está muito avançada e vai chegar o dia (...). Revistamo-nos das armas da luz» (Rm 13, 11-12). Durante estes dias escutámos a voz forte de João Batista que nos convidava a aproximar-nos mais de Cristo. João, em palavras do próprio Jesus, é «a lâmpada ardente e luminosa» (Jo 5, 35). No Batista vemos a figura de quem anuncia com humildade o mensageiro da paz universal. Não atrai a atenção sobre si próprio, mas sobre a verdadeira luz que é Cristo.

Ao ler o Evangelho da Missa de hoje, recordamos que o Batista sabe que tudo procede de Deus, até o alento que o anima. Mal Cristo começa a ser conhecido, João oculta-se voluntariamente; coloca os seus discípulos a seguir Jesus, e termina a sua vida no silêncio e abandono de uma prisão: sem uma queixa, feliz por se ter gasto por inteiro ao serviço de Deus. S. Gregório Magno faz notar que «João perseverou na santidade porque se manteve humilde em seu coração»^[5]. O próprio Batista tinha dito: «Convém que Ele cresça e que eu diminua» (Jo 3, 30); é difícil resumir em menos palavras a essência da vida interior.

Se olharmos de novo para o Batista, descobrimos um homem de vincada personalidade, com uma firmeza e uma resolução distante de qualquer falta de carácter ou de ligeireza. Contudo, para cumprir a sua missão, não duvida em diminuir «para que só Jesus brilhe»^[6]. S. Josemaria estimula-nos a seguir o exemplo do Precursor: «Não esqueçais que é sinal de predileção divina passar ocultos (...). Dá-me grande alegria pensar que se pode viver uma vida inteira deste modo: ser apóstolo, ocultar-se e desaparecer. Embora por vezes custe, é muito bonito desaparecer»^[7].

Pedimo-lo assim a Deus na Missa de hoje: «Olhai benignamente, Senhor,

para as nossas humildes ofertas e orações»^[8]. Maria, Rainha da paz, fará com que os nossos desejos de paz e de humildade sejam eficazes, com o empenho posto em que só Jesus Cristo reine nas almas.

NOTAS

- [1] Antífona Aleluia de sexta-feira da III semana do Advento.
- [2] S. Jerónimo, *Epistolæ*, 2, 58, 2.
- [3] Concílio Vaticano II, *Ad gentes*, n. 1.
- [4] Francisco, Audiência geral, 12/06/2013.
- [5] S. Gregório Magno, *Homiliae in Evangelia*, 20, 5.
- [6] S. Josemaria, *Carta*, 28/01/1975.
- [7] S. Josemaria, *Carta*, 24/03/1930, n. 21.
- [8] Oração sobre as oblatas de sexta-feira da III semana do Advento.

IV domingo do Advento (Ciclo C)

Reflexão para meditar no IV domingo do Advento (Ciclo C). Os temas propostos são: Maria soube abrir-se à ação de Deus; Deus aproxima-se do homem de um modo inimaginável; uma resposta ao nosso desejo de salvação.

Sumário

- Maria soube abrir-se à ação de Deus.
- Deus aproxima-se do homem de um modo inimaginável.
- Uma resposta ao nosso desejo de salvação.

A VIRGEM MARIA tinha escutado com grande surpresa as palavras do Anjo: «Hás de dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus» (Lc 1, 31). Mas, em vez de ficar paralisada perante o plano divino que vinha alterar-lhe o presente e o futuro, exclamou com serena convicção: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Enche-nos de admiração que umas palavras tão simples sejam a porta por onde Deus tenha querido entrar no nosso mundo, e sejam também a porta por onde entramos nesta semana do Natal. «*Eis-me* é a palavra-chave da vida! Assinala a passagem de uma vida horizontal, centrada em nós e nas nossas necessidades, para uma vida vertical, projetada para Deus. *Eis-me* significa estar disponível para o Senhor, é a cura para o egoísmo, mas é o antídoto contra uma vida insatisfeita, à qual falta sempre algo»^[1].

«De ti, Belém-Efratá, pequena entre as cidades de Judá, de ti sairá aquele que há de reinar sobre Israel» (Mq 5, 1), tinha dito o profeta Miqueias. Uma mulher humilde transforma-se em Mãe de Deus; uma terra quase desconhecida passa a ser o berço do Messias. Deus atua assim. Também em nós, uma resposta aparentemente pequena, cheia de fé, pode transformar a nossa vida quotidiana numa grande obra divina. Nos momentos mais simples do nosso dia a dia podemos dizer que sim a Deus

que vem: no encontro fortuito com um amigo, no avançar por vezes monótono das horas de trabalho, ou num serão familiar agradável.

Talvez nestes últimos dias do Advento nos tenhamos entretido a dar alguns retoques aos nossos presépios. Movemos uma ovelha que se tinha desencaminhado e estava a olhar em direção oposta ao Menino, ou procurámos que o musgo ressequido do prado junto do estábulo adquirisse um tom de verde mais acolhedor. São pequenos gestos que queremos que sejam uma imagem da fé com que desejamos responder aos chamamentos constantes e subtis de Deus. Vem, Senhor, não tardes! Precisamos de Ti e queremos preparar com carinho a Tua vinda.

«SENHOR NOSSO DEUS, fazei-nos voltar, mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos» (Sl 79, 4). Estas palavras cheias de expectativa exprimem um dos mais profundos anseios do salmista: contemplar o Seu rosto. No entanto, o povo de Israel sabia que se tratava de um desejo impossível de satisfazer. Mais ainda, considerava que quem visse Deus morreria imediatamente, pois o ser humano não seria capaz de resistir à contemplação de tamanha grandeza. Por isso, nos admira tanto – e não queremos acostumar-nos a isto – que Deus todo-poderoso tenha querido mostrar o seu rosto na figura terna de uma criança. Desejaríamos nestes dias aproximar-nos de Belém com dois sentimentos complementares: a reverência perante o mistério e o carinho que O acolhe no calor de uma família.

«Deus dos Exércitos, vinde de novo, olhai dos céus e vede, visitai esta vinha» (Sl 79, 15), continua a cantar o salmista. Deus foi muito mais generoso do que o coração humano podia ter imaginado. Não só nos quis olhar do céu com carinho e visitar-nos durante um tempo: Deus fez-se um como nós e implicou-se tanto na sua vinha que chegou a dizer-nos: «Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto» (Jo 15, 5). Tudo se pode nutrir da seiva que Cristo nos dá nos Seus sacramentos, na oração, na Sua companhia permanente. Ele quis viver uma vida humana, para que a nossa vida humana adquira uma dimensão divina.

«Jesus nasceu numa gruta em Belém, diz a Escritura, “porque não havia lugar para eles na estalagem”. – Não me afasto da verdade teológica, se te

disser que Jesus ainda está à procura de pousada no teu coração»^[2]. Cada dia beneficiamos da oportunidade de seguir esta sugestão de S. Josemaria e de abrir o nosso coração a Jesus. A fé não se reduz a um conjunto de verdades, e também não se trata de umas normas abstratas que devemos seguir. Crer em Deus é, primeiro, acolher o seu Filho no nosso interior e partilhar com Ele toda a nossa vida. Em último termo, transformar a nossa alma em Belém. Se, graças ao carinho de Maria e de José, e ao calor de umas poucas ovelhas, pôde sentir-se bem na pobreza daquele estábulo..., porque não se há de sentir também feliz nos nossos corações, se tentarmos oferecer-Lhe as alegrias e as contrariedades de cada um dos nossos dias?

«DESCÇA O ORVALHO do alto dos céus e as nuvens chovam o Justo.

Abra-se a terra e germine o Salvador» (Is 45, 8). A antífona de entrada deste quarto domingo do Advento exprime a necessidade que sentimos de um Deus que nos salve. Em muitas ocasiões, a nossa oração consistirá em manifestar do mais profundo do nosso coração essas ânsias de Deus. Tanto quando tocamos as nossas limitações e sentimos a dor das nossas feridas, como quando experimentamos alegrias em pormenores pequenos, queremos que tudo seja impregnado pelo amor de Deus. Apercebemo-nos de que uma vida com Ele é radicalmente diferente de uma existência encerrada em nós próprios.

A segunda leitura da Missa de hoje explicita-nos a causa da encarnação de Cristo: «Eis-Me aqui (...) Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Heb 10, 7). O Filho quis fazer-se homem para nos salvar. E essa salvação só se explica a partir do grande amor do Seu Pai por nós. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). Ao contemplar o Menino de Belém, como podemos não estar seguros do amor que Deus sente por nós e do seu cuidado amoroso? Em todos os acontecimentos que fazem parte da nossa existência podemos estar seguros de que Deus nos fala e nos salva.

Podemos imaginar quanto terá custado à nossa Mãe ver nascer o seu querido filho na pobreza de uma manjedoura. Mas nesse acontecimento tão

obscuro aos olhos dos homens também terá visto brilhar a luz de Deus. «O que é verdadeiramente grande passa muitas vezes inobservado, e o silêncio calmo revela-se mais fecundo do que o agitar-se frenético que caracteriza as nossas cidades»^[3]. Podemos pedir-Lhe que nos presenteie com a sua sensibilidade o seu coração cheio de fé, para também podermos captar Deus em todos os pormenores da nossa vida. Deste modo, tal como S. João Batista saltou de gozo no ventre de sua mãe perante a presença de Nossa Senhora grávida, também nós nos encheremos de alegria ao recordar o nascimento de Jesus.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 08/12/2018.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 274.

[3] Bento XVI, Discurso, 08/12/2012.

IV domingo do Advento (Ciclo A)

Reflexão para meditar no IV domingo do Advento (Ciclo A). Os temas propostos são: Maria soube abrir-se à ação de Deus; Deus aproxima-se do homem de um modo inimaginável; uma resposta ao nosso desejo de salvação.

Sumário

- Maria soube abrir-se à ação de Deus.
- Deus aproxima-se do homem de um modo inimaginável.
- Uma resposta ao nosso desejo de salvação.

A VIRGEM MARIA tinha escutado com grande surpresa as palavras do Anjo: «Hás de dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus» (Lc 1, 31). Mas, em vez de ficar paralisada perante o plano divino que vinha alterar-lhe o presente e o futuro, exclamou com serena convicção: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Enche-nos de admiração que umas palavras tão simples sejam a porta por onde Deus tenha querido entrar no nosso mundo, e sejam também a porta por onde entramos nesta semana do Natal. «*Eis-me* é a palavra-chave da vida! Assinala a passagem de uma vida horizontal, centrada em nós e nas nossas necessidades, para uma vida vertical, projetada para Deus. *Eis-me* significa estar disponível para o Senhor, é a cura para o egoísmo, mas é o antídoto contra uma vida insatisfeita, à qual falta sempre algo»^[1].

«Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: a virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será Emanuel» (Is 7, 14), tinha dito o profeta Isaías. Uma mulher humilde transforma-se em Mãe de Deus; uma terra quase desconhecida passa a ser o berço do Messias. Deus atua assim. Também em nós, uma resposta aparentemente pequena, cheia de fé, pode transformar a nossa vida quotidiana numa grande obra divina. Nos momentos mais simples do nosso dia a dia podemos dizer que sim a Deus

que vem: no encontro fortuito com um amigo, no avançar por vezes monótono das horas de trabalho, ou num serão familiar agradável.

Talvez nestes últimos dias do Advento nos tenhamos entretido a dar alguns retoques aos nossos presépios. Movemos uma ovelha que se tinha desencaminhado e estava a olhar em direção oposta ao Menino, ou procurámos que o musgo ressequido do prado junto do estábulo adquirisse um tom de verde mais acolhedor. São pequenos gestos que queremos que sejam uma imagem da fé com que desejamos responder aos chamamentos constantes e subtis de Deus. Vem, Senhor, não tardes! Precisamos de Ti e queremos preparar com carinho a Tua vinda.

«QUEM poderá subir à montanha do Senhor? Quem habitará no seu santuário?» (Sl 24, 3). Estas palavras cheias de expectativa exprimem um dos mais profundos anseios do salmista: habitar na casa de Deus e contemplar o Seu rosto. No entanto, o povo de Israel sabia que se tratava de um desejo impossível de satisfazer. Mais ainda, considerava que quem visse Deus morreria imediatamente, pois o ser humano não seria capaz de resistir à contemplação de tamanha grandeza. Por isso, nos admira tanto que Deus todo-poderoso tenha querido mostrar o seu rosto na figura terna de uma criança. Desejaríamos nestes dias aproximar-nos de Belém com dois sentimentos complementares: a reverência perante o mistério e o carinho que O acolhe no calor de uma família.

Deus foi muito mais generoso do que o coração humano podia ter imaginado. Não só nos quis olhar do céu com carinho e visitar-nos durante um tempo: Deus fez-se um como nós e implicou-se tanto na sua vinha que chegou a dizer-nos: «Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto» (Jo 15, 5). Tudo se pode nutrir da seiva que Cristo nos dá nos Seus sacramentos, na oração, na Sua companhia permanente. Ele quis viver uma vida humana, para que a nossa vida humana adquira uma dimensão divina.

«Jesus nasceu numa gruta em Belém, diz a Escritura, “porque não havia lugar para eles na estalagem”. – Não me afastes da verdade teológica, se te disser que Jesus ainda está à procura de pousada no teu coração»^[2]. Cada

dia beneficamos da oportunidade de seguir esta sugestão de S. Josemaria e de abrir o nosso coração a Jesus. A fé não se reduz a um conjunto de verdades, e também não se trata de umas normas abstratas que devemos seguir. Crer em Deus é, primeiro, acolher o seu Filho no nosso interior e partilhar com Ele toda a nossa vida. Em último termo, transformar a nossa alma em Belém. Se, graças ao carinho de Maria e de José, e ao calor de umas poucas ovelhas, pôde sentir-se bem na pobreza daquele estábulo..., porque não se há de sentir também feliz nos nossos corações, se tentarmos oferecer-Lhe as alegrias e as contrariedades de cada um dos nossos dias?

«DESÇA O ORVALHO do alto dos céus e as nuvens chovam o Justo.

Abra-se a terra e germine o Salvador» (Is 45, 8). A antífona de entrada deste quarto domingo do Advento exprime a necessidade que sentimos de um Deus que nos salve. Em muitas ocasiões, a nossa oração consistirá em manifestar do mais profundo do nosso coração essas ânsias de Deus. Tanto quando tocamos as nossas limitações e sentimos a dor das nossas feridas, como quando experimentamos alegrias em pormenores pequenos, queremos que tudo seja impregnado pelo amor de Deus. Apercebemo-nos de que uma vida com Ele é radicalmente diferente de uma existência encerrada em nós próprios.

O Filho quis fazer-se homem para nos salvar. E essa salvação só se explica a partir do grande amor do Seu Pai por nós. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). Ao contemplar o Menino de Belém, como podemos não estar seguros do amor que Deus sente por nós e do seu cuidado amoroso? Em todos os acontecimentos que fazem parte da nossa existência podemos estar seguros de que Deus nos fala e nos salva.

Podemos imaginar quanto terá custado à nossa Mãe ver nascer o seu querido filho na pobreza de uma manjedoura. Mas nesse acontecimento tão obscuro aos olhos dos homens também terá visto brilhar a luz de Deus. «O que é verdadeiramente grande passa muitas vezes inobservado, e o silêncio calmo revela-se mais fecundo do que o agitar-se frenético que caracteriza as

nossas cidades»^[3]. Podemos pedir-Lhe que nos presenteie com a sua sensibilidade o seu coração cheio de fé, para também podermos captar Deus em todos os pormenores da nossa vida. Deste modo, tal como S. João Batista saltou de gozo no ventre de sua mãe perante a presença de Nossa Senhora grávida, também nós nos encheremos de alegria ao recordar o nascimento de Jesus.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 08/12/2018.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 274.

[3] Bento XVI, Discurso, 08/12/2012.

IV domingo do Advento (Ciclo B)

Reflexão para meditar no IV domingo do Advento (Ciclo B). Os temas propostos são: o Advento de Maria; o fiat de Nossa Senhora; uma fidelidade que se traduz em serviço.

Sumário

- O Advento de Maria.
- O *fiat* de Nossa Senhora.
- Uma fidelidade que se traduz em serviço.

«DESCÇA o orvalho do alto dos Céus e as nuvens chovam o Justo. Abra-se a terra e germine o Salvador. Eu sou o Senhor, que criou tudo isto» (Is 45, 8). Chegamos ao quarto domingo do Advento. É um tempo de esperança e todas as expectativas do género humano agora estão centradas em Maria. A escolha divina recai sobre a Virgem; Deus olhou para a terra com misericórdia e fixou os olhos na mulher de Nazaré. «Tal como um lírio entre os cardos é a minha amada entre as jovens» (Ct 2, 2). O Advento é, assim, um período especialmente mariano. Que lógico será vivê-lo olhando continuamente para Nossa Senhora! Os desejos do coração de Maria são simples e, ao mesmo tempo, intensos. Já sonha com envolver o Menino nos afetos mais profundos da sua alma.

Sabemos que a mulher escolhida para iluminar o mundo concebe Jesus Cristo por obra do Espírito Santo. Tudo estava pronto desde a eternidade, Deus sempre pensou em Maria: «Desde a eternidade fui formada, desde as origens, antes dos primórdios da terra» (Pr 8, 23). Assim, enchendo-a de graça, chama-a a uma santidade única entre as criaturas. Ao elevá-la acima de tudo o que foi criado, até mesmo dos anjos, Deus deu-nos um presente a todos nós: como Maria é nossa Mãe e Senhora, podemos confiar firmemente que um dia chegaremos ao final feliz do caminho, onde ela nos espera.

É um bom momento para seguir a recomendação de S. Josemaria e exclamar: «Mãe, Vida, minha Esperança, conduz-me pela tua mão..., e se há alguma coisa agora em mim que desagrade ao meu Pai-Deus, concede-me que a veja e que, entre os dois a arranquemos. Continua sem medo: – Ó clementíssima, ó piedosa, ó doce Virgem Santa Maria! Roga por mim, para que, cumprindo a amabilíssima Vontade do teu Filho, seja digno de alcançar e gozar as promessas de Nosso Senhor Jesus»^[1].

MARIA FOI a primeira pessoa na terra a saber que o Redentor tinha chegado. O seu particular Advento, o primeiro da história, começou quando o anjo lhe falou na solidão da sua casa: «Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo» (Lc 1, 31-32). Maria não hesita. A donzela de Nazaré vive atenta à vontade divina, em atitude de escuta. O anjo irrompe na sua vida, transmite a mensagem divina e encontra uma resposta imediata: *Fiat mihi secundum verbum tuum*. «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). E «ao encanto destas palavras virginais, o Verbo se fez carne»^[2].

Assim começou o Advento de Maria. “Faça-se em mim” é a expressão de um coração no qual Deus encontra o Seu lar. «Ó Mãe, Mãe! Com essa tua palavra – “*fiat*” – tornaste-nos irmãos de Deus e herdeiros da Sua glória. – Bendita sejas!»^[3]. Não é uma palavra para um dia, mas uma expressão que resume uma vida inteira. Nós também podemos repetir “*fiat*”, “faça-se” muitas vezes, de mil maneiras diferentes. Olhando para Maria, aprendemos dela a obediência a Deus: «Nossa Senhora ouve com atenção o que Deus quer, pondera aquilo que não entende, pergunta o que não sabe. Imediatamente a seguir, entrega-se sem reservas ao cumprimento da vontade divina (...). Vedes esta maravilha? Santa Maria, mestra de toda a nossa conduta, ensina-nos agora que a obediência a Deus não é servilismo, não subjuga a consciência, pois move-nos interiormente a descobrirmos a liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 21)»^[4].

A nossa Mãe é um modelo primoroso de fidelidade e abandono ao plano redentor de Deus. Nestes últimos dias do Advento, as palavras de Maria dão lugar aos desejos da nossa alma. “Faça-se em mim” é uma oração que nos prepara para ser uma morada digna do Salvador. Querendo imitar a nossa

Mãe, Santa Maria «olha para nós como Deus olhou para ela, humilde jovem de Nazaré, insignificante aos olhos do mundo, mas escolhida e preciosa para Deus»^[5].

DEPOIS da conversa com o arcanjo Gabriel, Maria não fica paralisada ou absorta em si mesma. No meio da turvação que se produz na sua alma ao saber tudo o que Deus fez com ela, faz planos para cuidar da sua prima grávida. É assim o Advento de Maria: ao saber a notícia, parte para a casa de Isabel, sem se demorar em outras coisas, embora também esteja grávida e com muitas tarefas a fazer antes da chegada do Filho.

Maria aprendeu a cuidar dos outros no dia a dia. É o que a faz mais feliz. A sua espera do Messias é ativa, feita de amabilidade para com os que a rodeavam. Maria mostra-nos o caminho do Advento: primeiro, escutar atentamente a voz de Deus e depois abrir-nos às preocupações dos outros para servir com alegria. Podemos dizer que na vida de Maria as horas não passam sem mais. Ela vive cada segundo com a intensidade de saber que Deus a escolheu e com os olhos fixos nas pessoas ao seu lado.

«A cena da Visitação expressa também a beleza do acolhimento: onde há acolhimento recíproco e escuta, onde se dá espaço ao outro, ali estão Deus e a alegria que vem d’Ele»^[6]. Enquanto contemplamos a humilde dedicação de Santa Maria, pedimos-lhe como bons filhos que nos ajude a que o Senhor, quando chegar no Natal, encontre em nós um coração bem-disposto. Queremos viver estes dias como a nossa Mãe que, naquele primeiro Advento, as surpresas de Deus a levaram a servir os que estavam ao seu lado.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 161.

[2] S. Josemaria, *Santo Rosário*, primeiro mistério gozoso.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 512.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 173

[5] Bento XVI, Discurso, 08/12/2010.

[6] Bento XVI, Angelus, 23/12/2012.

17 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 17 de dezembro. Os temas propostos são: A vinda do Senhor está próxima; Jesus começa a fazer parte da família humana; Cristo enriquece-nos.

Sumário

- A vinda do Senhor está próxima.
- Jesus começa a fazer parte da família humana.
- Cristo enriquece-nos.

«O SENHOR está perto»^[1]. A intensidade da espera aumenta de dia para dia, de hora para hora. O nosso coração está atento à chegada do Emanuel. O Evangelho de hoje mostra-nos a longa cadeia de gerações que aguardaram a vinda do Messias: de Abraão a David até S. José. Nós nascemos muito depois, mas somos herdeiros da mesma promessa. Não é fácil imaginar os sentimentos de tantas gerações do povo judeu que esperava o Messias prometido. A liturgia oferece-nos uma pista, ao contemplar a magnitude da explosão de alegria que antecede a iminente chegada de Jesus: «Alegrem-se os Céus, exulte a terra!» (Is 49, 13).

Abraão é o início desta longa cadeia, o primeiro de uma família que durará para sempre. Confiou no Senhor e a sua promessa cumpriu-se: «Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se fores capaz de as contar» (Gn 15, 5).

Deus serviu-se da sua fidelidade e da de tantos outros para nos enviar o Seu Filho e tornar novamente possível a intimidade de Deus com os homens. A nossa dignidade foi restaurada e elevada a um grau inimaginável. «O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (1Cor 2, 9).

A alma enche-se de profundo gozo por nos saber salvos, resgatados e curados: «Por isso, com os Anjos e os Arcanjos e todos os coros celestes, proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz»^[2].

Pode ser que o nosso canto nem sempre seja afinado, mas o Espírito Santo envolve-nos com os seus «gemidos inefáveis» (cf. Rm 8, 26). Confirmamos dia após dia quanto gostaríamos de conseguir responder a Deus na mesma medida.

O desejo divino de nos encontrar e a insistência com que o faz não podem traduzir-se em palavras: catorze gerações de Abraão até David, catorze até ao exílio da Babilónia e outras catorze até Cristo» (cf. Mt 1, 17). A seguir, vem o grito divino em nosso socorro: «Não temas». É o próprio Deus quem se regozijará e dará graças por nós.

TODOS temos a nossa árvore genealógica. Jesus Cristo quis ter a sua. E em Maria, sua mãe, o próprio Deus cruza o caminho dos homens, unindo-se para sempre a nós. Assume o desejo de esperança de toda a humanidade, de todas as épocas. Com a encarnação, Deus não descarta nada da sua condição humana, carrega a história de cada indivíduo para oferecer a todos um lugar na vida eterna. O Criador do céu e da terra quis pertencer à família humana.

«No curral de Belém, tocam-se céu e terra. O céu não pertence à geografia do espaço, mas à geografia do coração. E o coração de Deus, na Noite santa, inclinou-Se até ao curral: a humildade de Deus é o céu. E se formos ao encontro desta humildade, então tocamos o céu. Então a própria terra se torna nova»^[3].

Quantas vezes nos parece que Deus não pode estar onde houver debilidade, fragilidade ou mediocridade. Se não nos contentamos com o pecado, mas desejamos abraçar os verdadeiros bens da vida, então a humildade de Deus não rejeita o estábulo do nosso coração; traz o céu à nossa vida do dia a dia, à nossa casa, a cada instante.

Esta longa lista de nomes experimentou, durante muitas gerações, um anseio que só seria satisfeito com o recém-nascido de Belém. Alguns

provavelmente não compreenderam bem o que esperavam. Outros, na sua confusão, procuraram ídolos aparentemente mais próximos e acessíveis. Esse mesmo desejo de salvação continua a pulsar hoje em todas as pessoas, muitas vezes sem que os protagonistas possam traduzi-lo em palavras ou consigam compreendê-lo de forma clara. Nós temos a sorte de conhecer esta boa nova do Natal, aguardamos Jesus e adorariamos que chegasse ao coração mais necessitado no último recanto da terra.

«NÓS VOS BENDIZEMOS, Senhor Deus Altíssimo, que Vos humilhastes por nós. Sois imenso, e fizestes-Vos pequenino; sois rico, e fizestes-Vos pobre; sois onipotente, e fizestes-Vos frágil»^[4]. Algumas vezes pode acontecer que façamos precisamente o oposto desse movimento divino: consideramo-nos grandes e poderosos. Bem o dizia Sto. Agostinho: «Tu, homem, quiseste ser Deus e pereceste. Ele, Deus, quis ser homem e alcançou a salvação. Tanto pôde o orgulho humano que precisou da humildade divina para ser curado!»^[5].

É Cristo quem nos leva nos seus ombros até ao céu. A soberba concede uma glória muito efémera que dura breves instantes e depois cobra o seu preço. Rapidamente desassossega e inquieta. Necessita continuamente de novos motivos para destacar-se dos demais. Nunca dá paz nem sacia. São Josemaria tinha consciência desta nossa debilidade: «Conheço um burrico de tão má qualidade que, se tivesse estado em Belém com a vaquinha, em vez de adorar, submisso, o Criador, teria mas é comido a palha da manjedoura...»^[6].

Pelo contrário, o amor de Deus é capaz de nos encher o coração como ninguém alguma vez o fará. Ao falar do seu carinho, ficaremos sempre aquém. É muito mais aquilo que não sabemos sobre o seu amor imenso do que aquilo que a nossa compreensão alcança sobre Ele. Santa Maria que, como referiu o prefácio da Missa de hoje «O esperou com infável amor de Mãe», nos contará na intimidade da oração esses segredos que conhece em primeira mão. Uma mãe sabe sempre explicar, com um gesto, uma carícia, aquilo que não cabe dentro de palavras.

NOTAS

[1] Liturgia das Horas, Antífona do Invitatório, 17 de dezembro.

[2] Prefácio II do Advento.

[3] Bento XVI, Homilia, 24/12/2007.

[4] Francisco, Homilia, 24/12/2013.

[5] Sto. Agostinho, Sermão 183.

[6] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 181 (25/03/1931).

18 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 18 de dezembro. Os temas propostos são: S. José, o céu na terra; a sua missão junto de Maria e do Messias; com Maria e Jesus, superam-se as dificuldades.

Sumário

- S. José, o céu na terra.
- A sua missão, junto de Maria e do Messias.
- Com Maria e Jesus, as dificuldades são superadas.

«TU, JÁ NESTA VIDA, desfrutas do próprio Deus». Assim reza o hino “*Te Ioseph*”, que há séculos nos põe na boca o que sentimos ao considerarmos a missão do Santo Patriarca^[1].

Podemos muito bem pedir ao esposo de Maria que saibamos desfrutar do Menino Jesus e do carinho que Ele nos vem oferecer. No entanto, a alegria de S. José aqui na terra não esteve isenta do claro-escuro: «Antes de terem vivido em comum, encontrara-se grávida por virtude do Espírito Santo» (Mt 1, 18). Ele imediatamente reagiu com a lealdade de um homem fiel e cheio de amor a Deus. Ele tomou a decisão de repudiá-la secretamente, para não impor nenhum peso a Maria além da falta da sua companhia. Tudo nesta família está ao serviço dos planos divinos, tudo está acomodado à vontade do Senhor. Embora as horas angustiantes fossem poucas, S. José sofreu. Ele não entendia o que estava a acontecer, mas nunca duvidou da sua esposa nem de Deus. Ele estava «cheio de um santo temor de viver ao lado de tamanha santidade»^[2]. Um Anjo foi enviado para dissuadi-lo e mostrar-lhe a sua tarefa que ele contemplava com espanto: «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que n'Ela se gerou é fruto do Espírito Santo. Ela dará à luz um Filho e tu pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21).

É fácil imaginar a alegria de José com este duplo anúncio. O Messias já estava na terra e iria guardá-lo junto com a sua Mãe bendita. À alegria de recuperar Maria juntou-se, naquele instante, a imensa alegria de saber que havia chegado o momento. Para um filho de David, essa notícia era a mais esperada. O Salvador já estava entre eles. Ele nunca tinha sonhado com uma sorte tão grande e imerecida. Começou a desfrutar então do que tinha, embora ainda não conseguisse entender como isso se tornaria realidade.

ANTES de receber o anúncio do Anjo, o Santo Patriarca «estava seguindo um bom projeto de vida, mas Deus reservou para ele outro plano, uma missão maior. José foi um homem que sempre deixou espaço para ouvir a voz de Deus, profundamente sensível ao seu amor secreto, um homem atento às mensagens que vinham do fundo do seu coração e desde o alto. (...). E assim, José chegou a ser ainda mais livre e magnânimo. Aceitando-se de acordo com o desígnio do Senhor, José encontra-se plenamente a si mesmo, para além de si mesmo. Esta liberdade de renunciar ao que é seu, a posse da própria existência, e esta plena disponibilidade interior à vontade de Deus, desafiam-nos e mostram-nos o caminho»^[3].

É muito provável que José tenha corrido para contar à esposa o que lhe foi revelado. Há uma palavra que se repete várias vezes no Evangelho de hoje: acolher. É um verbo que define muito bem a relação que queremos ter com Deus. Estamos entusiasmados por ser um refúgio, por abrigar este mistério de amor nos nossos corações. Acolher significa, referindo-se a uma pessoa, admiti-la em nossa casa ou companhia. É como se Deus pedisse permissão também a José para entrar no mundo. Assim, vemos que Jesus não se impõe, mas que chega pedindo um espaço nos nossos corações. Ele pede-nos que Lhe demos abrigo e que Lhe ofereçamos a nossa companhia.

É surpreendente que Deus tenha pedido a S. José que cumprisse a tarefa de acolher as duas vidas mais preciosas que já existiram na terra. Como um homem agradecido, o esposo de Maria aceitou o dom que se lhe oferecia e Deus demonstrou que nunca se deixa superar em generosidade. Também a nós, o Senhor oferece permanentemente os seus dons, grandes e pequenos, projetos nos quais podemos dar lugar a Jesus e à sua Mãe. A S. Josemaria entusiasmava-o a simplicidade do Santo Patriarca: «S. José é maravilhoso!

Ele é o santo da humildade entregue..., do sorriso permanente e do encolher de ombros»^[4].

TALVEZ S. José tenha pensado muitas vezes na grandeza de ter Jesus e Maria sob o seu teto e se tenha sentido abençoado. Provavelmente, Maria e Jesus lhe tenham feito sentir, em cada momento, a importância da sua missão e da sua vida. Tinham-no facilmente convencido de que ele era o melhor pai do mundo.

Apesar disso, deve ter sido particularmente difícil o dia em que Jesus ficou no Templo sem avisar, deixando claro qual era a sua missão no mundo. «Este episódio evangélico revela a vocação mais autêntica e profunda da família: acompanhar cada um dos seus componentes no caminho da descoberta de Deus e do projeto que lhe preparou»^[5].

Quando, passados três dias, O encontraram, José experimentaria um certo consolo, ao comprovar que Maria também não o entendia. A companhia de Maria ao seu lado era a chave, era a solução para todas as suas dúvidas e incertezas. Com Maria, tudo ficou mais fácil para ele.

Que mais poderia pedir um homem na terra? Receber um carinho tão especial de semelhante criatura e tê-la sempre ao seu lado para qualquer tarefa, difícil ou ordinária, era como estar no Céu. Que diferença fazia, graças a essa companhia, caminhar pelo deserto fugindo para o Egito ou trabalhar um dia e outro na oficina de Nazaré? Que diferença fazia se as coisas saíssem da maneira que ele esperava ou ao contrário? O sorriso da sua esposa tornava tudo muito simples. Peçamos a Deus para que possamos acolher o seu amor como o fizeram Maria e José. «Se as tuas mãos te parecem vazias, se vês o teu coração pobre em amor, esta noite é para ti. A graça de Deus manifestou-se para resplandecer na tua vida. Acolhe-a e brilhará em ti a luz do Natal»^[6].

NOTAS

[1] *Tu vivens, Superis par, frueris Deo*. O hino é usado nas Vésperas da Solenidade de S. José e em memória de S. José Operário.

[2] S. Tomás de Aquino, *Comentário sobre as sentenças de Pedro Lombardo*, lib. 4, d. 30, q. 2, a. 2, ad 5.

[3] Francisco, Angelus, 22/12/2013.

[4] Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, tomo III, Verbo, Lisboa.

[5] Bento XVI, Angelus, 31/12/2006.

[6] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

19 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 19 de dezembro. Os temas propostos são: confiança e temor de Zacarias; as lições do silêncio; confiar em Deus.

Sumário

- Confiança e temor de Zacarias.
- As lições do silêncio.
- Confiar em Deus.

ZACARIAS e Isabel «eram justos diante de Deus, caminhando irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor» (Lc 1, 6). O Antigo Testamento está a chegar à sua plenitude. O Messias está prestes a chegar, e a Igreja propõe-nos a consideração da fé deste casal. S. Josemaria dialogava frequentemente com as personagens do Evangelho que conviveram de perto com Jesus: «Esta manhã, comecei a pedir tudo a Santa Isabel, depois passei a falar com o seu filho João, e com Zacarias; e depois com a Virgem, com S. José e com Jesus: é que, neste diálogo com o Senhor, acontece como com as amizades humanas, em que o círculo de conhecimentos se alarga através dos amigos»^[1].

Desejamos preparar-nos para a vinda iminente do Salvador aprendendo do Evangelho a confiar em Deus. É verdade que costumamos ter muitas razões que nos levam a fiar-nos mais na nossa experiência ou na nossa visão das coisas. Por isso nos é tão familiar a pergunta feita por Zacarias, com certo tom de dúvida: «Como hei de saber que é assim?» (Lc 1, 18). Foi à procura de certezas, mas deparou-se com um eloquente silêncio divino, até que se cumpriu aquilo que tantas vezes tinha pedido ao Senhor.

Talvez o pai do Batista tivesse medo de não estar à altura. Também nós procuramos referências, seguranças, desculpas. Argumentou que já não tinha idade, que a sua mulher não tinha condições. Acontece sempre o mesmo: quando olhamos para nós mesmos, pensamos que podemos fazer

fracassar os planos de Deus. Parece-nos que somos decisivos e imprescindíveis, e o medo bloqueia-nos. «Num mundo em que corremos o risco de confiar unicamente na eficácia e no poder dos meios humanos, neste mundo somos chamados a redescobrir e dar testemunho do poder de Deus que se comunica na oração»^[2]. O Evangelho de hoje convida-nos precisamente a isso: a confiar em Deus. Apesar de ter duvidado, Zacarias encher-se-ia de alegria ao escutar o anúncio de Gabriel: «Não temas, Zacarias, porque a tua oração foi escutada» (Lc 1, 13).

QUANTA coisa não teve de aprender Zacarias ao longo daqueles meses de silêncio! Todos intuía que tinha tido uma visão. Não podia falar, mas o seu rosto refletia algo mais que o falar: de certo modo, tinha-se tornado terrivelmente *expressivo*. Seguramente passou muitos dias em intensa oração; aquele silêncio conferiu-lhe uma especial proximidade com Deus. Quando por fim voltou a falar, as suas palavras demonstram que esse tempo lhe tinha servido para se preparar melhor para a vinda do seu filho, o Precursor, e do seu parente, o Messias esperado: «Naquele momento recuperou a fala, soltou-se-lhe a língua e falava bendizendo a Deus» (Lc 1, 64).

Zacarias não cabia em si de contente. Nessas semanas seguramente também reconheceu o valor de muitos gestos comuns, muito significativos quando não há palavras: um gesto, uma carícia, um sorriso. Isabel procuraria intuir o que ele queria dizer. Bastava-lhes olhar um para o outro e partilhar o que Deus tinha feito nas suas vidas. Quiseram viver na intimidade esse presente do Senhor, saboreá-lo juntos e em silêncio. Deus tinha-Se manifestado e não havia mais nada a dizer: era o momento de se regozijarem e de sonhar. «O temor apoderou-se de todos os seus vizinhos e divulgaram-se todas estas maravilhas por todas as montanhas da Judeia. Todos os que as ouviram as ponderavam no seu coração, dizendo: “Quem virá a ser este menino?”. Porque a mão do Senhor estava com Ele» (Lc 1, 65-66).

A experiência de Zacarias ensina-nos que também nós podemos conhecer melhor os planos de Deus através das pessoas e dos eventos que temos à nossa volta. E que talvez as não tenhamos compreendido antes

porque nos escutávamos demasiado a nós mesmos. «É necessário aprender a confiar e a silenciar diante do mistério de Deus, e a contemplar com humildade e silêncio a sua obra, que se revela na história e que muitas vezes supera a nossa imaginação»^[3].

Quando fazemos silêncio e escutamos o Senhor, enchemo-nos de imensa alegria, como sucedeu a Zacarias e Isabel, ao ver que Deus nos abençoa, mesmo quando e onde não esperávamos.

COM FREQUÊNCIA, amar e deixar-se amar implica não dizer ao outro como tem de fazer as coisas. O amor deixa livre a pessoa amada para que se expresse como quiser. Não lhe dita nem lhe exige maneiras de manifestar o carinho. Analogamente, algo de semelhante acontece na nossa relação com Deus: entusiasma-nos deixarmo-nos surpreender pelo Senhor. A graça não é previsível – é livre e criativa. Zacarias pôde comprovar como é maravilhosa a iniciativa divina. Descobriu que a confiança é sempre premiada e que Deus está perto em todos os momentos, ainda que não pareça: «Não Te fies de mim... Eu, sim, é que me fio de Ti, Jesus. Abandono-me nos teus braços. Aí deixo o que tenho: as minhas misérias!»^[4].

Preparando o nosso coração para a chegada do Menino Jesus, podemos pedir a este santo varão a sua fé, o seu entusiasmo e a sua paciência. Fé para pedir durante anos um milagre que acabou por se realizar quando já não havia esperança; entusiasmo para sonhar com o Messias e com a salvação que traria a Israel; e paciência consigo mesmo enquanto aprende a buscar a segurança em Deus. O amor pressupõe sempre um risco, porque não é possível garanti-lo; depende da vontade de quem nos ama. Por isso pedimos a Zacarias que nos ajude nos momentos de inquietação, quando temos que nos fiar apenas de Deus. Ele é a nossa segurança. Santa Teresa afirmava-o com poucas palavras, mas com grande firmeza: «Fiai-vos na sua bondade, que nunca falhou aos seus amigos»^[5].

«Ressoa muitas vezes no Evangelho este *não temais*: parece o estribilho de Deus à procura do homem. Porque o homem, desde o princípio, por causa do pecado tem medo de Deus: “tive medo (...) e escondi-me” (Gn 3, 10), diz Adão, depois do pecado. Belém é o remédio para o medo, porque

ali, não obstante os “nãos” do homem, Deus diz sempre “sim”: será para sempre Deus connosco. E para que a sua presença não provoque medo, faz-Se um menino»^[6].

Podemos pedir a Nossa Senhora que saibamos fiar-nos em Deus, da sua bondade e do seu carinho; que não procuremos controlar o Senhor e que nos deixemos surpreender pela sua Providência amorosa.

NOTAS

[1] Javier Echevarría, *Lembrando o B. Josemaria Escrivá*, DIEL, Lisboa, 2000, p. 216.

[2] Bento XVI, Audiência Geral, 13/06/2012.

[3] Francisco, Angelus, 24/06/2018.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 113.

[5] Sta. Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, 11, 4.

[6] Francisco, Homilia, 24/12/2018.

20 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 20 de dezembro. Os temas propostos são: a alegria de toda a vocação; encontrar graça diante de Deus; deixar que o Senhor faça a sua obra em nós.

Sumário

- A alegria de toda a vocação.
- Encontrar graça diante de Deus.
- Deixar que o Senhor faça a sua obra em nós.

O ARCANJO São Gabriel deve cumprir uma delicada missão. Chegou a hora. Deus pousou o seu olhar numa donzela de Nazaré para levar à plenitude a história apaixonante da salvação dos Seus filhos. O mensageiro cumprimenta a cheia de graça e a criação inteira contém a respiração. «Ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela» (Lc 1, 29). Muitas representações artísticas imaginaram a nossa Mãe lendo a Sagrada Escritura quando recebeu a saudação do Anjo; e é esta atitude de meditação que provavelmente permite a Nossa Senhora permanecer nesse diálogo constante com Deus, nessa permanente *consideração* das coisas, que é a vida de oração.

Em contraste com Maria, quantas vezes é difícil para nós perceber os convites divinos. Algumas vezes, inclusive, podemos pensar que Deus quer tirar algo de nós, que pede que renunciemos à alegria nesta terra para cumprir a sua vontade. No entanto, a realidade não pode ser mais diferente: Deus é quem mais deseja que sejamos felizes, que estejamos cheios de alegria, que compartilhemos com Ele a sua alegria infinita; chegou até à cruz com esse único objetivo. E somente a nossa liberdade é capaz de deter a sua iniciativa. «Não tenhais medo de Cristo! – dizia Bento XVI no início do seu ministério petrino –. Ele não tira nada, Ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira»^[1].

A Igreja mostra-nos no Evangelho da Missa de hoje a vocação da nossa Mãe, Santa Maria, cujo relato é muito parecido ao da nossa vida. Toda a chamada é uma vocação à alegria. De facto, «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[2]. Quando o Senhor pede algo, na realidade, está a oferecer-nos um dom: é Deus quem ilumina o nosso caminho, enche-o de sentido e dá-lhe a sua maior projeção.

«NÃO TEMAS, Maria, porque encontraste graça diante de Deus» (Lc 1, 30). Estas palavras do Anjo mostram-nos como o Criador olha para a sua mais bela criatura: Maria é, de alguma forma, o sonho de Deus, o seu consolo, a sua esperança. Pode parecer difícil para nós pensar que Deus nos contempla dessa forma. É claro, sabemos que o Senhor é misericordioso e que nos presenteia e nos devolve a graça todas as vezes que for necessário. No entanto, que *encontre graça em nós*, fazê-lo feliz, como Maria faz, pode parecer-nos que é algo inalcançável.

No entanto, «A própria formulação das palavras do Anjo faz-nos compreender que a graça divina é ininterrupta, não algo fugaz ou momentâneo, e por isso nunca falhará. E no futuro também haverá sempre a graça de Deus a sustentar-nos, sobretudo nos momentos de prova e escuridão. A presença contínua da graça divina encoraja-nos a abraçar, com confiança, a nossa vocação, que exige um compromisso de fidelidade que deve renovar-se todos os dias. Com efeito, o caminho da vocação não está livre de cruces: não só as dúvidas iniciais, mas também as tentações frequentes que se encontram ao longo do caminho. O sentimento de não estar à altura acompanha o discípulo de Cristo até ao fim, mas ele sabe que é assistido pela graça de Deus.

As palavras do Anjo pousam sobre os medos humanos, dissolvendo-os com a força da boa nova da que são portadoras: a nossa vida não é pura casualidade nem mera luta pela sobrevivência, mas cada um de nós é uma história amada por Deus. O “ter achado graça” aos olhos d’Ele significa que o Criador entrevê uma beleza única no nosso ser e tem um desígnio magnífico para a nossa existência. Esta consciência, certamente, não resolve todos os problemas nem tira as incertezas da vida, mas tem a força de a transformá-la profundamente. O desconhecido, que o amanhã nos

reserva não é uma obscura ameaça a que temos de sobreviver, mas um tempo favorável que nos é dado para viver o caráter único da nossa vocação pessoal e partilhá-la com os nossos irmãos e irmãs na Igreja e no mundo»^[3].

SÃO AS ALMAS SIMPLES que acham graça diante de Deus, as que se deixam amar e elevar até à maior santidade. Não há nada que agrade mais a um pai como ver os seus filhos brilharem. «Faça-se em mim segundo a tua palavra». Muitos anos antes que Maria pronunciasse essas palavras, no momento de estabelecer a aliança com o povo eleito, Israel comprometeu-se a cumprir a sua parte: «Faremos tudo o que o Senhor disse» (Ex 24, 3). Maria e Israel utilizam o mesmo verbo. Israel, no entanto, acentua que será por sua ação, enquanto Maria o faz apoiada na força de Deus. Os resultados de uma e outra resposta saltam aos nossos olhos porque é muito diferente *fazer* do que *deixar fazer*. Ainda que pareça que o segundo é mais simples, sabemos bem que, com frequência, acontece o contrário. Preferimos, equivocadamente, ter as coisas sob o nosso controlo. Tudo o que escapa à nossa vigilância e às nossas previsões nos inquieta com frequência.

Advento é um tempo de alegria, de gozo, de paz. Sabemos que as dificuldades não vão desaparecer, mas estamos salvos quando aprendemos a dizer que *sim* à ação de Deus. «Maria convida-nos, também a nós, a pronunciar este "sim", que às vezes parece tão difícil. (...) Inicialmente, pode parecer um peso insuportável, um jugo que não é possível carregar; mas na realidade, a vontade de Deus não é um peso; a vontade de Deus concede-nos asas para voar alto, e assim com Maria também nós podemos ousar abrir a Deus a porta da nossa vida, as portas deste mundo, dizendo "sim" à sua vontade»^[4].

Dizer *sim* é pedir a Deus que se cumpra a sua vontade, pedir a graça de não ser obstáculo para os seus planos, de não estorvar a ação do Espírito Santo. Não é fácil abrir espaço no nosso coração para tanto amor. O desafio é perceber que «a coisa mais importante não é procurá-l'O, mas deixar que seja Ele a procurar-me, a encontrar-me e a cobrir-me amorosamente com as suas carícias. Esta é a pergunta que o Menino nos coloca com a sua mera presença: permito a Deus que me ame?»^[5]. Podemos agradecer a Jesus e a

sua Mãe bendita pelo nosso caminho de santidade; uma vida semeada de uma felicidade quotidiana, muito normal, mas, ao mesmo tempo, divina.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[3] Francisco, Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude, 25/03/2018.

[4] Bento XVI, Homilia, 18/12/2005.

[5] Francisco, Homilia, 24/12/2014.

21 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 21 de dezembro. Os temas propostos são: Maria parte depressa para a montanha; gratidão pela bondade de Deus; a alegria de quem acredita.

Sumário

- Maria parte depressa para a montanha.
- Gratidão pela bondade de Deus.
- A alegria de quem acredita.

«MARIA pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá» (Lc 1, 39); intui que a sua prima precisa d'Ela e corre na sua direção, sem se deter. Que sorte a de Isabel ter uma parente assim: tão disposta, tão sensível, tão dócil às necessidades dos outros. «E donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43). Talvez nós também possamos dirigir uma oração como esta ao Senhor: por que tenho tanta sorte de Te conhecer, Senhor, de poder estar a falar conTigo agora, de ter-Te na minha alma? Pedimos a Santa Isabel, que recebeu a primeira visita do Messias encarnado, que nos ajude a agradecer a Deus as Suas delícias com cada um de nós. E isso, ao mesmo tempo, leva-nos a querer, como Santa Maria, sair depressa para partilhar este dom com muitas almas.

Isabel ficou emocionada quando a prima chegou. Algo se moveu no fundo da sua alma. Encheu-se do Espírito Santo. Desde os primeiros momentos da nova aliança, Deus inunda com a Sua graça as almas que se deixam acariciar por ela. Sabemos, então, que Maria estava cheia de graça e que Isabel estava cheia do Espírito Santo. Essa capacidade do coração humano de conter Deus é impressionante. S. Josemaria ficou maravilhado com a grandeza e infinidade de um Criador que quer estar tão perto de nós: «Como és grande, como és belo e como és bom! E eu, que tonto sou, que

pretendia entender-Te. Que pouca coisa serias, se me coubesses na cabeça! Cabe no meu coração, o que não é pouca coisa»^[1].

PERANTE A GRANDEZA da missão que receberam, estas duas primas não recuam, assustadas. Não se deixam levar pelo medo do fracasso ou pela angústia. Confiam totalmente em Deus. Estão agradecidas. Não se veem rodeadas mais do que por dons e transbordam em ação de graças, sem pensar muito nas dificuldades que já tiveram ou que inevitavelmente virão.

Assim aparecem estas duas mães: serenas, felizes, agradecidas. Sabem que são amadas por Deus e isso leva-as muito acima do que é humanamente razoável. Maria e Isabel estão entusiasmadas. Os seus filhos, cada um de maneira diferente, marcarão um antes e um depois na história da humanidade. Não se preocupam muito em como tudo isso vai ser feito, estão convencidas de que Deus o fará muito bem. «“Bem-aventurada, porque acreditaste!”, diz Isabel à nossa Mãe. A união com Deus, a vida sobrenatural, vai sempre unida à prática atraente das virtudes humanas: porque "leva" Cristo, Maria leva a alegria ao lar de sua prima»^[2].

Para Isabel, o silêncio de Zacarias, seu esposo, também foi uma fonte de graça. Provavelmente fê-la rezar mais, pedir a Deus diretamente o significado dos Seus planos. Juntos, Isabel com Zacarias prepararam-se silenciosamente para a vinda de João; assim era mais fácil evitar que o superficial encobrisse o grande mistério da redenção que se desenrolava diante dos seus olhos. Tinham sido escolhidos para serem parentes do Messias e isso foi o suficiente para preencher as suas horas de um diálogo contínuo com Deus.

«BENDITA és Tu entre as mulheres» (Lc 1, 42). Esta é possivelmente uma das frases mais repetidas da história. Pronunciamo-la em cada Ave Maria, junto a todos os cristãos do mundo e de todos os tempos. E os anos confirmaram que Isabel não estava errada. Quem confia em Deus é mais feliz. As únicas promessas seguras, que não são frágeis, são as do Senhor. Como na vocação de Maria, também podemos ver na história de Isabel que

a alegria tem uma presença importante: João salta de alegria no seio da sua mãe na presença de Jesus.

Nós também gostaríamos de saltar continuamente de alegria. Gostaríamos de sentir até fisicamente a presença de Cristo, a Sua proximidade. Certamente, Santa Isabel tinha rezado por muitos anos antes destes eventos. Talvez ela já tivesse assumido que não teria filhos. É então que Deus intervém na sua vida, convertendo-a em mãe do maior entre os nascidos de mulher (cf. Mt 11, 9). Assim é Deus e faz o mesmo na nossa vida. Onde parece que falta é onde nos abençoa. Onde não chegamos nós, transborda a Sua graça. Onde nos rendemos à Sua Providência, descobrimos que os Seus planos são os melhores, mais emocionantes e ambiciosos. «Deus vem de graça. O Seu amor não é negociável: nada fizemos para o merecer e nunca o poderemos recompensar»^[3].

Quem teria imaginado seis meses antes que a sua prima seria a Mãe do Messias e que ela seria a do precursor. Quantas vezes a nossa fé é posta à prova por circunstâncias adversas ou pelo nosso desejo de querer considerar todas as variáveis e possibilidades do futuro. Podemos pedir a Isabel e a Santa Maria que nos ajudem a dar graças com a sua mesma alegria. «E donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43).

NOTAS

[1] S. Josemaria, Apontamentos da pregação, 09/06/1974.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 566.

[3] Francisco, Homilia, 24/12/2016.

22 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 22 de dezembro. Os temas propostos são: a gratidão de Maria; o nosso desejo de Deus é socorrido por Ele; da gratidão à generosidade.

Sumário

- A gratidão de Maria.
- O nosso desejo de Deus é socorrido por Ele.
- Da gratidão à generosidade.

MARIA caminha depressa até ao local onde vivem Isabel e Zacarias. Ao chegar, comprova que tudo o que o Anjo Lhe disse é verdade. Ela acreditava firmemente, mas ver a prima à espera de um filho enche-a de alegria. Confirma-se novamente o que já sente nas suas entranhas: a presença do Messias. A sua alegria transborda e contagia-se ao próprio João. Podemos pensar que o Batista, já desde o ventre da mãe, aguarda ansiosamente o momento de proclamar a boa nova: João não perde um instante e anuncia-a à sua mãe, que por agora é a única pessoa que o escuta.

Para Maria, foi possivelmente uma alegria imensa poder partilhar com alguém o que enchia o seu coração. Quando cumprimentou Isabel, percebeu logo que ela já sabia de tudo. Até agora, tinha guardado a notícia na intimidade do seu coração. A Mãe de Jesus desata a cantar e, no seu louvor, entrelaça a história de Israel e as palavras que leu tantas vezes na Sagrada Escritura. É tão grande o amor divino por ela, que não sabe como o expressar; tem de pedir palavras emprestadas ao próprio Deus, como nós fazemos quase sempre na liturgia da Igreja. Isabel disse-lhe coisas belas, mas dirige-as imediatamente ao autor de tanta maravilha. Assim será toda a sua vida: levar os homens a Deus.

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47). Maria está impressionada com a forma como

Deus faz as coisas e com a razão pela qual Ele se serve d'Ela: «Porque pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 48). Maria sente-se olhada de uma forma especial por Deus e esta convicção leva-A a dar graças.

CERTAMENTE, Maria nunca tinha sonhado em achar tanta graça diante do seu Criador. Percebe que é a imensa bondade de Deus que se derrama por nenhuma outra razão que não seja a própria liberdade divina. Não conseguimos deixar de nos espantar. É difícil para nós imaginarmos e acreditarmos num Deus tão complacente connosco, pobres criaturas.

Ao mesmo tempo, devido à experiência do pecado, também pode acontecer que, por vezes, nos sintamos um pouco alheios a este agradecimento, porque não podemos esquecer que «a capacidade de perceber Deus parece quase uma qualidade que é recusada a alguns. E, realmente, a nossa maneira de pensar e agir, a mentalidade do mundo atual, a gama das nossas diversas experiências parecem talhadas para reduzir a nossa sensibilidade a Deus, para nos tornar “desprovidos de ouvido musical” a respeito d’Ele»^[2]; isto é, mesmo que a nossa capacidade de sintonizar com Ele possa estar diminuída, a graça de Deus vai muito mais além e socorre-nos.

Deus debruça-se sobre cada uma das suas filhas e filhos com toda a intensidade. «Não esperou que nos tornássemos bons para nos amar, mas deu-Se gratuitamente a nós. (...) E a santidade consiste precisamente em preservar esta gratuidade»^[3]. Ser santo é deixar-se amar por Deus assim, porque Lhe apetece, sem nenhum outro motivo. S. Josemaria utilizava palavras que talvez nos surpreendam: «Com a Fé e o Amor, somos capazes de enlouquecer Deus, que se torna novamente louco – foi louco na Cruz, e é louco cada dia na Hóstia – mimando-nos como um Pai faz ao seu filho primogénito»^[4]. Também nós somos objeto desse olhar gratuito de Deus. Maria percebe que a sua alegria será proclamada por todas as gerações, e desta gratidão brota a sua entrega.

DE UM CORAÇÃO agradecido brotam facilmente os desejos de correspondência e generosidade. Poderemos alcançar a verdadeira

felicidade e o compromisso total para devolver amor por amor, só quando deixarmos o nosso coração reagir com gratidão. As nossas forças não conseguem devolver a Deus algo proporcional ao que Ele nos deu. Esta incapacidade, de alguma forma, liberta-nos. Mesmo a nossa entrega é obra de Quem «fez em mim maravilhas» (Lc 1, 49) porque Ele é todo-poderoso, também para tirar de nós o que inicialmente nos supera. «A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem» (Lc 1, 50), de Abraão até hoje, até à minha vida, concreta, ordinária e escondida de tantas pessoas.

Deus gosta de manifestar o poder do Seu braço e assim confundir aqueles que pensam que conseguem sozinhos e que a sua vontade é suficiente para serem felizes. Deus mandou pôr no mais alto do seu reino os humildes, os pequenos que se deixam fazer grandes. Ele fará tremer qualquer trono construído por mãos humanas. A quem se sente necessitado, Deus quer-o encher de bens, entre os quais, o primeiro é o seu amor incondicional e infinito.

Infelizmente, àqueles que se sentem ricos sem o ser, Deus não os poderá encher com o Seu tesouro. Será uma grande tristeza para Ele, pois deseja encher todos os Seus filhos com o Seu amor. Mas esta é a história da Sua misericórdia, do Seu terno carinho por cada um. É a história da liberdade de um Deus que oferece toda a sua alegria de geração em geração, que procura continuamente caminhos para que o homem se deixe amar.

Maria, com o seu "*fiat*", conseguiu-o como ninguém, e ficará feliz por nos ensinar e acompanhar no caminho.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 24/12/2009.

[2] S. Tomás de Aquino, *Sobre o Credo*, 1. c., 61.

[3] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[4] S. Josemaria, *Instrucción* 19/03/1934, n. 39.

23 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 23 de dezembro: os temas propostos são: a missão de João; ocultar-se e desaparecer; o modo silencioso do agir de Deus.

Sumário

- A missão de João.
- Ocultar-se e desaparecer.
- O modo silencioso do agir de Deus.

«QUEM VIRÁ A SER este menino?» (Lc 1, 66). Os amigos de Zacarias e de Isabel, na sua pequena aldeia, estão admirados. Estão a suceder coisas maravilhosas à volta do nascimento de João. A expectativa cresce a cada momento. O seu pai acaba de recuperar a fala e todas as suas palavras são de louvor e de bênção a Deus. Zacarias não pode esconder a sua alegria e o seu agradecimento. Os que o rodeiam apercebem-se da intervenção divina em todos estes acontecimentos, pelo que não querem perder nada; gravam todas as palavras no mais íntimo da sua alma.

Naquela aldeia «souberam a grande misericórdia que o Senhor tinha manifestado» em Isabel (cf. Lc 1, 8). Neste Natal, que já está à porta, nós também queremos ouvir novamente as misericórdias de Deus, quão bom é, quanto nos ama e como nos quer salvar e libertar do pecado. Podemos pedir aos parentes de Maria que nos ajudem a afinar o ouvido, a dispormo-nos o melhor possível para receber o dom maravilhoso da redenção. No ambiente natalício destes dias, não queremos deixar de escutar a suave voz de Jesus. «Guardemos silêncio e deixemos que esse Menino nos fale. Gravemos as suas palavras nos nossos corações, sem afastar os olhos do seu rosto. Se o tomarmos nos braços e deixarmos que nos abrace, Ele dar-nos-á uma paz de coração que nunca terá fim»^[1].

No Evangelho de hoje vemos que acaba de nascer o precursor. Ele não é o Messias e sabe-o. Alguns perguntam-lho expressamente. E sabemos que responde sempre o mesmo: «Ele deve crescer, e eu diminuir» (Jo 3, 30). Às vezes não nos é fácil deixar Deus atuar. Não é simples tirarmo-nos do meio. Certamente estamos empenhados na missão apostólica e talvez tenhamos rezado muito por uma pessoa específica. Porém, o verdadeiro apóstolo sabe estar em segundo plano, sabe que não é imprescindível, não quer ser o protagonista; leva a mensagem de Cristo às almas e não o seu próprio eu. Podemos pedir a S. João Batista que nos ajude a ser, como ele foi, bons precursores da chegada de Jesus à vida de tantas pessoas que nos rodeiam.

DESEFRUTAR de algo significa apreciar os frutos que produz. O apóstolo vê sempre frutos, porque sabe que nada do que faz, em união com Jesus Cristo, cai em saco roto. Desfruta sempre da missão, mesmo que não se veja o resultado. O modo como Deus realizou a redenção é misterioso. O seu nascimento, que celebraremos em breve, sucedeu sem que quase ninguém o soubesse. E João é um bom precursor porque faz o mesmo que Jesus: é discreto, simples, não se dá importância. Como disse Sto. Agostinho: «Viu onde estava a salvação, compreendeu que ele era só uma tocha e teve medo de ser apagado pelo vento da soberba»^[2].

Ocultar-se e desaparecer enche de paz a alma do apóstolo, pois quem vive assim sabe-se instrumento. Tem consciência de que não carrega com o peso todo. Nos bons momentos, reconhece que é Deus quem o faz. Nos maus, não se inquieta porque sabe que Deus o corrigirá. E isso não lhe tira entusiasmo nem espontaneidade. Pelo contrário, tira-lhe tensão, angústia e inflexibilidade. Podemos dizer ao Senhor, cada vez que pensarmos que algo se nos escapa das mãos, que confiamos n'Ele; que não queremos nada para nós, mas sim que estamos dispostos a ser o canal pelo qual faça chegar a sua felicidade aos outros.

Muitos santos sentiram-se inclinados a viver esta humildade. Desejam imitar Jesus e, como Ele, procurar só a glória de Deus. S. Josemaria relaciona as duas atitudes. Podia parecer que desaparecer é retirar-se, abandonar a missão, mas não é assim. Vemo-lo claramente na vida de João Batista e na de todos os santos: sendo humildes, não ignoraram as almas

que estavam próximas. Por isso S. Josemaria podia dizer: «Senti na minha alma, a partir do momento em que me decidi a escutar a voz de Deus –ao pressentir o amor de Jesus–, um desejo de me ocultar e desaparecer; um viver aquele *illum oportet crescere, me autem minui* (Jo 3, 30); convém que a glória de Deus cresça e que eu diminua»^[3]. Outras vezes dizia-o de uma forma mais resumida: «Ocultar-me e desaparecer é o que me é próprio, que só Jesus brilhe»^[4].

JOÃO também se adiantou a Cristo quando chegou o momento de dar a vida. Para ele, deve ter sido uma grande alegria ver como os seus discípulos encontraram o Messias e como permaneceram com Ele. Ao ser preso e executado, deve ter pensado que tudo aquilo valia a pena para cumprir a vontade de Deus, mas ignorava que o próprio Messias seguiria as suas pegadas passado pouco tempo. O Batista é o maior dos nascidos de mulher (cf. Mt 11, 11) e, mesmo assim, viveu tentando passar despercebido. Se o nome *João* significa *preferido de Deus*, podemos dizer que àquele que se oculta, Deus fá-lo feliz, dá-lhe paz, fá-lo desfrutar. A carga torna-se suave e o jugo, leve.

O plano de Deus realiza-se desta forma, no silêncio e sem que muitos se deem conta. Interessa-nos que Cristo reine e Ele já decidiu de que modo o vai fazer: a partir da cruz, da dor que implica carregar os pecados de todos os homens. Cumpriu-se a profecia sobre a humildade divina levada ao limite: «O inclinar-Se de Deus assumiu um realismo inaudito, antes inimaginável. O Criador que tudo sustenta nas suas mãos, de Quem todos nós dependemos, faz-Se pequeno e necessitado do amor humano. Deus está no curral. De facto, de que modo poderia aparecer maior e mais pura a sua predileção pelo homem, a sua solicitude por ele? É que nada pode ser mais sublime e maior do que o amor que assim se inclina, desce, se torna dependente»^[5].

À Virgem Maria, a humilde mulher de Nazaré que quis que Jesus fosse sempre o protagonista, pedimos que nos ajude a ser instrumentos eficazes e discretos nas mãos do melhor artesão da história.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/12/2015.

[2] Sto. Agostinho, Sermão 293.

[3] S. Josemaria, Carta 29/12/1947 - 14/02/1966, n. 16.

[4] S. Josemaria, Carta 28/01/1975.

[5] Bento XVI, Homilia, 24/12/2008.

24 de dezembro

Reflexão para meditar no dia 24 de dezembro. Os temas propostos são: dar graças pela chegada de Jesus; manifestou-se a graça de Deus; termina a espera.

Sumário

- Dar graças pela chegada de Jesus.
- Manifestou-se a graça de Deus.
- Termina a espera.

«BENDITO seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo» (Lc 1, 67). Estas são as palavras de Zacarias após nove meses sem poder falar. O seu cântico poderia resumir-se num: quão bom é Deus! A Igreja quer terminar o tempo de espera que vivemos com este evangelho. Este homem santo não encarou aqueles meses como um castigo. Pelo contrário: agradece pelo que lhe foi oferecido, pela maravilhosa oportunidade de se dispor devidamente para o que seu filho João vai anunciar. É um tempo semelhante ao Advento que Deus nos ofereceu, mais uma vez, também a nós. Pode acontecer que tenhamos aproveitado melhor ou pior esses dias de preparação. Em qualquer caso, faz-nos muito bem dar graças a Deus por ter trabalhado na nossa alma, ainda que nos pareça um estábulo humilde. Deus preparou um lugar muito especial no nosso portal para o seu Filho.

Pode ser que nos aconteça como a um dos pastores na véspera de Natal: «Conta uma graciosa história que, no nascimento de Jesus, os pastores acorriam à gruta com vários dons. Cada um levava o que tinha, uns os frutos do seu trabalho, outros algo precioso. Mas, enquanto todos se prodigalizavam com generosidade, havia um pastor que não tinha nada. Era muito pobre, não tinha nada para oferecer. E enquanto todos se emulavam na apresentação dos seus dons, ele mantinha-se aparte, com vergonha. A dada altura, S. José e Nossa Senhora sentiram dificuldade para receber

todos os dons – eram tantos –, especialmente Maria que devia segurar nos braços o Menino. Então, vendo aquele pastor com as mãos vazias, pediu-lhe que se aproximasse e colocou-lhe Jesus nas mãos.

Ao acolhê-lo, aquele pastor deu-se conta de ter recebido aquilo que não merecia: ter nas mãos o maior dom da História. Olhou para as suas mãos, aquelas mãos que lhe pareciam sempre vazias tornaram-se o berço de Deus. Sentiu-se amado e, superando a vergonha, começou a mostrar aos outros Jesus, porque não podia guardar para si o dom dos dons»^[1].

«SE AS TUAS MÃOS te parecem vazias, se vês o teu coração pobre de amor, esta é a tua noite. Manifestou-se a graça de Deus, para resplandecer na tua vida. Acolhe-a e brilhará em ti a luz do Natal»^[2]. Para além da percepção pessoal que tenhamos dos frutos da nossa luta e do nosso apostolado, sabemos que na realidade as nossas mãos não estão vazias. S. Josemaria aconselhava a que nos apresentássemos em Belém com algo muito precioso: «Nessa fria solidão, com a sua Mãe e S. José, o que Jesus quer, o que O aquece, é o nosso coração»^[3].

Talvez estivéssemos mais tranquilos se tivéssemos chegado a este momento com as mãos cheias de boas obras, santidade e carinho por todos os que nos rodeiam. Mas a realidade muitas vezes fica aquém dos nossos desejos; pode ser que na nossa vida, cheia de compromissos e esforços pendentes, o tempo tenha passado muito depressa, sem que o tenhamos notado. Não importa: podemos igualmente aproximar-nos hoje do portal e seremos muito bem recebidos. Descobriremos que nos esperavam, que a Virgem e S. José se alegram infinitamente por nos ter ali neste preciso momento da nossa história.

A salvação já está aqui. Poucas horas nos separam dela, mas a alegria começa a inundar-nos. S. Bernardo confirma os nossos desejos mais ambiciosos: «Agora, pois, a nossa paz não é prometida, mas enviada; não é diferida, mas concedida; não é profetizada, mas realizada: o Pai enviou à terra algo como um saco cheio de misericórdia; um saco, diria, que se quebrará na Paixão, para que se derrame o preço do nosso resgate que ele contém; um saco que, embora pequeno, está completamente cheio. Com

efeito, um menino nos foi dado, mas neste menino habita toda a plenitude da divindade»^[4].

AS PALAVRAS de Zacarias são a última profecia antes de que a nossa salvação seja finalmente cumprida. Deus foi movido pelas trevas em que vivemos e vem para nos salvar, não para julgar se somos dignos de recebê-lo. Queremos, das mãos deste israelita justo e piedoso, chegar às profundezas da intimidade divina: «graças à terna misericórdia do nosso Deus, que nos trará do alto a visita do Sol nascente» (Lc 1, 78).

Não existe maneira mais ardente de falar. Poderíamos perder este privilégio por uma distração, muito fácil nestas horas finais: «Vivemos em filosofias, em negócios e ocupações que nos preenchem completamente e o caminho para o presépio torna-se muito longo. Deus tem de encorajar-nos continuamente de muitos modos e de nos dar a mão para que possamos sair do emaranhado dos nossos pensamentos e dos nossos compromissos, e assim encontrar o caminho para Ele»^[5].

Vamos percorrer esta última etapa pela mão de Nossa Senhora, talvez com Ela no burrinho que A leva a Belém. Nesta noite – para usar as palavras de S. João Paulo II – Deus «entra na história. Ele submete-se à lei do fluir humano. Cerra o passado; com Ele termina o tempo de espera, ou seja, a Antiga Aliança. Abre o futuro: a Nova Aliança da graça e da reconciliação com Deus. É o novo “Começo” do Tempo Novo»^[6].

Acompanhamos a Virgem enquanto Ela prepara o portal: a palha, a manjedoura, as fraldinhas... E põe aí todo o carinho para que não falte nada ao Menino. Adoramos prestar esses serviços e ver que, de certa forma, os dois quiseram precisar de nós.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, “Rezar sempre”, n. 2.

[4] S. Bernardo, Primeiro Sermão da Epifania, 1-2.

[5] Bento XVI, Homilia, 24/12/2008.

[6] S. João Paulo II, Homilia, 01/01/1979.